

*...ENQUANTO
PASSAS*

Diz-lhes este livro, caro leitor, prudentíssima leitora:

Quando, um dia, num momento, ainda que seja um só momento, vocês, que suas mãos me sustentem, tiverem o alcance da minha essência, com certeza essas suas mãos sentir-me-ão como uma brasa viva e, logo, vocês cuidarão de me repassar adiante, a outrem.

...ENQUANTO PASSAS

TEXTOS AVULSOS PARA REFLEXÕES

Doriel Veloso Gouveia

Este livro não é seu, no sentido de tê-lo em sua casa numa prateleira de sua biblioteca; você é que é tido(a) como pessoa especial, para, após a oportunidade de tê-lo em suas mãos por meio de uma doação a uma entidade filantrópica, fazer-lhe a leitura e, logo em seguida, repassá-lo a quem se dispuser a fazer a doação tal como você fez, escolhendo o objeto e a entidade a ser beneficiada, para também ler e repassá-lo, tudo para que assim se propague o livro e para que assim as doações aconteçam sempre em favor de necessitados, que somos todos e cada um de nós. Então, não quebre esta corrente; e o Céu permanecerá em festa. A doação de objetos pode ser como os de uso pessoal (roupas, sapatos, joias, novos ou usados), como os representados em alimentos não-perecíveis, como os de expressão de valor monetário em espécie ou em cheque etc., cada um em quantitativo que você estipular para uma entidade filantrópica de sua livre escolha. Após doar e ler (ou resolver não doar nem ler), faça o favor de indicar o nome da pessoa para quem você encaminhou o livro e o seu respectivo e.mail para o e.mail dorimar.dorimar@gmail.com ou mesmo devolvê-lo para o autor. É ainda importante dizer que não se deve deixar que pessoa próxima, qualquer que seja o vínculo, só por conta de uma intimidade, seja estimulada a ler este livro sem o correspondente ato de doar. Enfim, deixa-se expresso o reconhecimento quanto à precariedade, tanto da diagramação desta obra, quanto da sua impressão. Mas o importante é a mensagem que se pretende transmitir sem pretensões acadêmicas, sempre, porém, associada ao sentido do bem que se deve fazer a necessitados, nos quais todos nos devemos incluir.

Em tempo: Caso você queira ficar com um impresso como este, em sua biblioteca, visite o site www.dorielvelosogouveia.com.br, busque o arquivo correspondente e, a partir deste, numa Copiadora, peça que o imprima e o encaderne.

Capa:

.....

Editoração Eletrônica

.....

Gouveia, Doriel Veloso

...Enquanto Passas

Doriel Veloso Gouveia

João Pessoa - 2014

122 págs.

1. Espiritualidade. 2. Espiritualismo filosófico

Impresso no Brasil

Registrado no Escritório de Direitos Autorais (EDA) da Fundação Biblioteca Nacional sob o nº 648828. Todos os direitos cedidos pelo autor à Associação SUBINDO O MONTE. Proibida a reprodução total ou parcial da obra sem autorização.

SUMÁRIO

1. <i>Explicação Necessária</i>	7
2. <i>A estratégia continua</i>	9
3. <i>Arrepende-se só não basta</i>	19
4. <i>Invisível Rosário</i>	21
5. <i>Corpo morto de um padre de verdade? Não!</i>	23
6. <i>Amai a si próprio primeiro</i>	25
7. <i>A joia escondida</i>	27
8. <i>O Senhor</i>	31
9. <i>Pregador de espírito x pregador de carne</i>	33
10. <i>Reino vivido, acréscimo garantido</i>	35
11. <i>Cristo, único sacerdote</i>	39
12. <i>Encadeamento perfeito em versículos</i>	43
13. <i>O verdadeiro sofrido</i>	47
14. <i>A melhor das oficinas</i>	51
15. <i>Abraão, Cristo e o Verdadeiro Nível de Espiritualidade</i>	53
16. <i>Acusador</i>	55
17. <i>Realidade material versus "realidade" espiritual</i>	57
18. <i>Em socorro ao intérprete</i>	59
19. <i>Falar em línguas</i>	61
20. <i>..Aos que veem com o espírito</i>	67

21. <i>A verdade conhecida.....</i>	69
22. <i>O grande enganador.....</i>	71
23. <i>De Gênesis ao pós-Apocalipse.....</i>	73
24. <i>Cegos.....</i>	75
25. <i>A promessa e o seu verdadeiro alvo.....</i>	79
26. <i>... e a estratégia continua.....</i>	81
27. <i>Violência que ensurdece e que cega.....</i>	83
28. <i>Se é homem justo do Espírito Santo, pode-se em espírito prová-lo?.....</i>	85
29. <i>Bem observando.....</i>	87
30. <i>Cuidado com a serpente.....</i>	89
31. <i>Enquanto simplesmente Adão, sou ladrão.....</i>	93
32. <i>Reparadores e restauradores autônomos.....</i>	95
33. <i>O Retorno.....</i>	99
34. <i>Sai da tua terra e da tua parentela.....</i>	105
35. <i>Descubra o Sumo Sacerdote que o é eternamente, mesmo que você não venha a descobri-lo.....</i>	107
36. <i>Como é Filho, impossível é tentá-lo, pois é Eterno, é Infinito</i>	113
37. <i>A sopinha de letrinhas e a síntese.....</i>	117

1

EXPLICAÇÃO NECESSÁRIA

(pelo autor)

A partir do nome ... **ENQUANTO PASSAS** e também da frase que se repete abaixo do título de cada um dos textos da presente obra (**Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos**), mescla-se o divino e a consentida cautela quanto à expressão da verdade que cada leitor possa se reservar em garantia. Dissipa-se e se concentra ponto crucial ao gosto de cada observador apto a se advertir de sua inevitável passagem.

Bom é dizer que todos nós passamos; inevitavelmente. Contudo, aqueles que disso não se apercebem (por pura ignorância) estão livres de responsabilidades. Assim, o que é essência divina e aquele contraponto que o amor de Deus não poderia negar existência faz deste (contraponto) a certeza de um derrotado; mas há o ingrediente da espera, que é a passagem e, nela, estarão todos os que esperam no Senhor como os que não o esperam. Por isso, é aceitável, com o perdão da imodéstia, uma obra como esta, como fonte de reflexão para um cenário escatológico prevenido acerca dessa verdade mista, em que mostra a presença do **trigo** e do **joio**, este, como sabido, recomendado pela autoridade do Homem de Nazaré para não ser cortado, como não foi nem o será, até que se dinamize aquele cenário, onde todos nós seremos personagens.

Cumpra por fim dizer que aqui, nesta iniciativa, como em outras anteriores, o autor não se deixa alimentar pela pretensão de um reconhecimento acadêmico, respeitando-o, entretanto, pois não tem a vaidade de ensinar, mas tão somente de tentar questionar. Quem sabe, no frígido dos ovos, ele termine falando sozinho, faminto do necessário **amém** ou do seu correspondente **assim seja**. Em que pese esse risco, teima, tal como o efeito de um **mantra**, em direcionar seus modestos recursos literários para **iniciados e iniciandos**, arriscando-se, destarte, a um palpite quanto ao seu destino mergulhado no sono das coisas mortas...

Então, não é demais insistir no tal mantra: **Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos**.

Reflete nisso, leitor ... enquanto passas.

2

A ESTRATÉGIA CONTINUA (com Severos x Severinos)

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

SEVERO:

- Estratégias de Lúcifer... eis o meu tema preferido - diz, neste contexto, provocante, o homem cujo nome, *Severo*, lhe transmite uma dureza e uma rispidez que terminam instaladas nele mesmo, em sua mais íntima essência.

SEVERINO:

- Sei que não tens essas estratégias como se estivessem esgotadas no sacrifício acontecido no *Gólgota* - coloca, de imediato, igualmente no mesmo contexto, *Severino*, aquele outro homem cujo nome suaviza aparentemente apenas aquela dureza e aquela rispidez.

SEVERO:

- Claro que essas estratégias não se esgotam no *Gólgota!* - foi a pronta resposta do provocador.

SEVERINO:

- Deve-se dizer, sim, lamentavelmente, que elas se esgotaram no *Gtsêmani*, ali onde o humano de Jesus se divinizou plenamente, ressurgindo da "morte" que o seu humano "morreu" para as ilusões do mundo. Desapossou-se deste (mundo) pela pobreza de espírito que lhe possibilitou se despir do atrativo dos objetos e também do atrativo de si mesmo. E passou a vivenciar com a Divindade a paz interna, tudo isso como num santuário onde homem outro nenhum pode penetrar... E tudo isso, também, pelo menos, em relação a ele e a mais ninguém, pois é o único que não tem nenhuma referência tumular...

SEVERO:

- Ih, que longos e profundos e sufocantes são os teus conhecimentos, *Severino!*

SEVERINO:

- Pois me alongarei ainda mais em torno deles, *Severo*, para dizer, não por prazer, que Jesus, nesse quadro que tracei, ao viver a essência daquele Sermão de Montanha que disse nos deixar

como caminho, se tornou uno com a Divindade. "*Cristificou-se*", na medida em que assomou a corporificação de Cristo, aquele que é antes que Abraão fosse, ou seja, o Unigênito da Divindade. Nesse estágio, ele se deslocou ao contraponto do princípio (que é o fim), situando-se, já, no *pós-escatológico*, ou seja, no pós-fim - estuário para o Eterno e o Infinito. Mais do que o sentido limitado de um *estar*, ele, muito pelo contrário, é à *direita* da Divindade, de onde se irradiara para, com esta, ser o autor/criador de tudo e de todos; o todos e o tudo de um mundo criado, que é ele mesmo, em imanência, conquanto já glorificado, na transcendência. E aquela *direita* em que ele é com a Divindade não significa lado, pois esta não o tem, ou seja, não tem lado. Com ele e para ele, pois, a estratégia do nosso satanás já não mais funciona; apenas a Divindade, magnânima, após a guerra no Céu em que Miguel combateu com outros anjos, o deixou ficar na Terra, pelejando a peleja que não lhe vai levar a lugar nenhum que aproveite. Apenas o seu papel é o de continuar, na Terra, a espreitar os que, em trincheira intelectual, se põem em combate (em vão) contra a Divindade - custa-me reconhecer isso. E custa-me ainda mais dizer que os que a ele se entregam pela cegueira de carne simplesmente, estes ainda padecerão, mas sempre contando com a misericórdia daquela nesse padecimento. O Cristo Unigênito é dono dessa Terra onde ele permitiu que satã ficasse, porque, uma vez sendo este o grande perdedor da guerra, no Céu, o Cristo e a Divindade, puríssimas fontes de bondade e de amor, em consequência, não permitiriam que esse perdedor ficasse vencido antes do termo final escatológico; era preciso a chance para ele principalmente, a fim de escolher entre fazer o bem ou o mal, no efetivo exercício de um arbítrio libérrimo; disso tudo eu sei e não me engano.

SEVERO

- Tu falas tão profundamente, *Severino*... Não temes ser tido, como eu o sou nos disfarces da serpente, tão conhecidos e tão propalados, não temes - dizia - ser tido como um anjo caído, um enganador, tal como ela, a serpente, tão falante do paraíso?

SEVERINO:

- Não me move este tipo de preocupação. É mais fácil enganar no meu modo de ser do que no teu. Aliás, os que se prendem a colocações como a tua é que na verdade se deixam encantar por aquela serpente, pelos seus disfarces. Como se sabe, a fala dela, hoje em dia, está tão apurada, tão envolvente, está tão repleta de atrativos...

SEVERO:

- E é, *Severino*?

SEVERINO:

- "*Tu vais para trás, satanás?*" - *Severino*, fingindo-se petrificado, ante a pergunta irônica de *Severo*, prendeu a respiração e, passados alguns instantes, também fingidamente fez essa tão conhecida advertência e de modo igualmente interrogativo.

SEVERO:

- Como é, *Severino*?

SEVERINO:

- Oxalá, *Severo*, eu te pudesse despertar, porque eu mesmo nada posso fazer por ti..., nem por mim..., pois tu sabes como vivo enganando numa escala mais perigosa do que a tua, tão cheio que sou de observâncias, de rituais, de fórmulas sacramentais. Tu, pelo contrário, fazes de forma direta, apenas com os disfarces com os quais tu insinuas a bondade que nunca terás. Então eu te interrogo, provocativo: "*Vais para trás, satanás?*".

SEVERO:

- Temes que eu seja mais vítima ainda do que já fui daquela serpente, *Severino*?

SEVERINO:

- O exame de consciência haveria de ser teu, não meu! E, como não temos consciência...

SEVERO:

- Tenho a maior das péssimas vontades para viver a espiritualidade, *Severino*, tu bem sabes disso, pois em mim se fazem presentes, constantemente, os aprisionadores da Divindade, que representam precisamente os Anás e os Caifaz (religiosamente falando); quando não são estes, são os Herodes e os Pilatos (civil e militarmente falando), os quais representam os aprisionadores dos homens.

SEVERINO:

- Estás, também, como eu, com um sorriso indisfarçável. E, nesse contexto para o qual agora tu me arrastastes, eu igualmente também te digo que me sinto aprisionado por eles, *Severo*, já que eles estão em mim, como estiveram, estão e estarão em todos os homens nascidos de mulher, na realidade de barro de um jardim que todo mundo conhece...

SEVERO:

- E tu és fraco, *Severino*. Muito fraco, também.

SEVERINO:

- Dependo de ti, *Severo*, para não me sentir assim, desde que tu faças prevalecer o "*Vou sempre adiante de ti, satanás?*"...

SEVERO:

- E o costume não é dizer "*Vai para trás, satanás?*"

SEVERINO:

- É, sim, mas prefiro e preciso da confirmação de que, contigo, satã não tem vez.

SEVERO:

- Qual garantia tu queres, *Severino*?

SEVERINO:

- A garantia que te faça mais consciente do mistério que pode garantir, *Severo*.

SEVERO:

- Agora tu falas em mistério, *Severino*.

SEVERINO:

- E tem que ser mistério mesmo, *Severo*. Andando sempre na frente de satã, isto significa que o homem se encontra no sagrado-segreto dos "*ditos indizíveis*" com a Divindade, de cujo consórcio integrativo advém o mistério que pode fazer mudar; mudar para melhor. Aquele Homem, o Rabi da Galileia, mostrou que esses tais "*ditos indizíveis*" passam, necessariamente, pelo tal sermão de montanha que ele vivenciou e que te faz arrepiar e a arrepiar a mim, também. Pois só através dele, repito, se pode tornar melhor.

SEVERO:

- E o que é melhor?

SEVERINO:

- Só tu mesmo o podes sentir para gozares e revelares o novo, pelo qual advém a condição que te faria melhor.

SEVERO:

- Isso ser-me-ia difícil, *Severino*.

SEVERINO:

- Ser-te-ia, não, ser-nos-ia, difícil, sim, *Severo*, mas não nos seria impossível. É que esse novo é algo como o vento, pois tu o sentes, mas não sabes para onde ele vai nem de onde ele vem, tudo transcorrendo num clima de muito mistério.

SEVERO:

- Vai, então, dizendo mais, muito mais, *Severino*, vai dizendo, por favor.

SEVERINO:

- Tu já ouviste falar de um tal Nicodemos, *Severo*. Pois, entre os Herodes e os Pilatos que habitam todos e cada um de nós, homens nascidos de mulher, há tantos Nicodemos, tantos! São os que acham que podem viver aquele mistério no escuro das noites...

SEVERO:

- Como assim, *Severino*?

SEVERINO:

- Eu sei que tu estás fazendo de conta que não sabes, mas eu vou dizer. Nicodemos era um homem importante, um alto funcionário, membro do órgão julgador dos judeus, chamado Sinédrio, na época da existência terrenal de Jesus de Nazaré. Pois bem, ele era figura social importante e de muita influência. Soube, porque muito bem informado, da existência, entre o povo, de um tal Jesus. Mas não quis largar a sua condição de alto funcionário, das suas altas influências. Resolveu procurar Jesus, mas o fez em plena noite; e o que se sabe é que se decepcionou profundamente.

SEVERO:

- Conte logo sobre tudo isso, *Severino*, evidentemente para os outros, porque eu não sou tão desinformado a esse respeito; tu tens razão em dizer que eu apenas faço de conta que nada sei sobre tal assunto. Mas eu gosto de ouvir sobre isso, serve para a minha estratégia, minha só não, tua, também.

SEVERINO:

- Sim, *Severo*, eu sei que não ignoras essa verdade, e eu digo que o Mestre Jesus, sempre simples como uma pomba, mas astuto como uma serpente, encarou Nicodemos, dizendo-lhe que ele era doutor em Israel e ignorava como se processava aquele mistério do novo nascimento. Jesus, então, não disse como é esse mistério, pois ele é secreto para a Divindade e para aquele que haja alcançado o novo nascimento, o nascimento do espírito, mais propriamente o despertar do espírito.

SEVERO:

- *Severino*, aqui, muito particularmente, Jesus não revelou o mistério para Nicodemos, mas tu podes dizer acerca dele um tanto a mais do que eu não possa estar sabendo?

SEVERINO:

- "*Vai para trás, satanás?*", novamente te inquieto com tal pergunta, *Severo*. Desperta, homem, parece mesmo que queres ser um Nicodemos, um daqueles que não querem desprezar a zona de conforto de um cargo, querendo a carona dos outros, quando já sabemos que o nascer de novo se dá com os *ditos indizíveis* entre o homem e a Divindade, disso justamente advindo o mistério que faz o homem melhor. Se Jesus não o disse a Nicodemos, não o posso dizer eu também a ti, porque tudo decorre de uma experiência pessoal, intransferível... para os bons.

SEVERO:

- Tu, assim agindo, estás muito *severo*.

SEVERINO:

- Espera aí, se há um *severo* aqui, esse dito-cujo és tu, a partir do teu próprio nome. Eu é que não sou *severo*; sou *Severino*!

SEVERO:

- Por acaso, apenas porque és menos *severo* do que eu achas que podes passar pelo tal que nasceu de novo? - disse e logo caiu numa estrondosa gargalhada.

SEVERINO:

- Ora, homem nenhum pode dizer isso. Apenas aquele que nasceu de novo não guarda relevância acerca disso... Ele deixa que a vida o leve, como as ondas do mar, sem preocupações. Jesus disse que tudo quanto ele fez é possível a qualquer homem fazê-lo também. Isso, contudo, não deve credenciar ninguém a ter uma vida de segurança de um novo nascimento, porque este não tem hora nem lugar. É como o vento. O nascido do espírito é possuído de um mistério que não o faz seguro por uma mudança. Esta acontece num abrir e fechar de olhos, sem que ele perceba. É resultado da conversa íntima que se tem com a Divindade, em *ditos indizíveis*. Isso já foi dito, mas não custa repetir. E se a conversa se faz com esses tais ditos, logo se há de perceber que não tem o homem de se deter em apreciar e guardar relevâncias. Simplesmente ele mudou, é homem novo, tem vida nova... novidades aconteceram-lhe e permanece sem necessidade de se gabar por causa delas! - disse tudo isso de modo bastante sério, contudo, ao final, não se conteve, também, e se entregou em estrepitosos trejeitos de indisfarçável ironia, seguidos de estrondosa gargalhada.

SEVERO:

- Não tem jeito mesmo. Estou, *Severino*, tentando apanhar-te em um ponto fraco, mas vejo que o fraco sou eu mesmo, nesse tom de minha vida de muita *severidade*. Sou e estarei sempre de lado inconsequente do *severo* dos meus propósitos e estratégias. Não quero, de modo algum, usar dos disfarces que se ajustam tão bem em mim, porque sei que eles não funcionam para te enganar.

SEVERINO:

- Calma, não vás tropeçar assim, de novo, tão facilmente, na pedra do escândalo. Eu sei bem quem és tu. Vejo-te em lamentações, ainda sem teres "engolido" a batalha que perdeste para Miguel. Também, a misericórdia da Divindade permitiu que fosses jogado à Terra e aqui estás. Já vi tua insinuação, no começo deste diálogo, pretendendo que eu temesse ser tido como o anjo decaído, quando este és tu... e eu, também o sou, não posso negar, vivendo neste biombo de uma religiosidade onde me faço bem acostumado aos seus favores institucionalizados.

SEVERO:

- Que forte é essa colocação, *Severino*; ela está no contraponto de tua índole *severina*.

SEVERINO:

- Ah, que bom que tua *severa* índole me despertou para o erro que acabei de cometer; corrijo-me, enquanto posso parecer bonzinho...

SEVERO:

- Para tu veres que tua *severinidade* não te garante contra a severidade.

SEVERINO:

- Devo ser humilde para aceitar tua ponderação e, por favor, não leves em conta as minhas gargalhadas..

SEVERO:

- Não sei se devo acolhê-la de plano, ou seja, acolher essa humildade que insinuas agora. Eu tenho que ter minhas desconfianças com quem vive apegado com as coisas do Céu, lugar, como tu sabes, onde perdi a guerra diante de tantos anjos comandados pelo já citado Miguel.

SEVERINO:

- Por mim, tu podes desconfiar à vontade.

SEVERO:

- Eu sei, é sempre assim com a classe de gente daquele lugar, toda cheio de empáfia, como se tivesse um rei na barriga. Aliás, pelo teu próprio nome tu te denuncias. Ficas nessa denominação de *Severino*, achando que podes enganar os outros por meio de um diminutivo suavizador, contextual, é verdade. Não vem com esse ar de pureza, como quem se orgulha de um novo nascimento, pelo qual já terá ganhado o Céu. Desse mistério tu te ufanas, como garantia de tua salvação, no pretexto, inclusive, de já haveres traspassado o escatológico, gozando, pois, da intimidade no trono da Divindade. Ora, sabe tu que a mãe dos discípulos Tiago e João, a qual se chamava Salomé e que era casada com Zebedeu, teve a petulância de pedir a Jesus o privilégio de assentar um desses seus filhos à direita e o outro, à esquerda do Mestre Divino, no Céu. Ficou decepcionada, porque o Mestre não a atendeu. Já por isso eu sei sobre a classe de gente da qual o Mestre se acercou. Não era do tipo que se pudesse confiar cegamente. Dela se sabe que no seu seio houve traidor, covarde, presunçoso, incrédulo, ou seja, certos tipos merecedores de um Mestre que só o podia ser se porventura conseguisse deixar prontos os que figuravam a condição de discípulos. É que não há discípulos de verdade, porque o Mestre só aparece, de verdade, quando o que é tido por discípulo está pronto. E pronto o sendo, é tanto Mestre quanto o Mestre. O Mestre só aparece quando o discípulo está pronto. Não há meio-discípulo. Desconfie-se dos que estão na rota de um aprendizado. Pois todos os que seguiam a Jesus e terminaram apanhados nalguma falha eram pseudo-discípulos e, nessa condição, jamais poderiam ser prontos. Foi preciso que o Mestre "*morresse*" de verdade a "*morte*" das ilusões deste mundo, tal como ocorreu no *Getsêmani*, para, enfim, em *Pentecostes*, esses homens, em línguas, falarem a linguagem do amor divinal, que é compreensível por parte de qualquer estrangeiro...

SEVERINO:

- Estou, aqui, nesta Terra, contigo, nessa conversa, seu bobo, ganhando o meu tempo contigo, aprendendo, cada vez mais, porque tua *severidade...*, dela eu vejo que se não pode tudo desperdiçar. Tua linguagem *severa* me permite ver que tens intimidade com as coisas do Céu e, por isso, não te devo descartar *in totum*. Eu sou *Severino*, sim, na minha modesta *severinidade*, mas, quando eu quero, eu me transformo num *Severo* de *severidade* maior do que a tua.

SEVERO:

- Tu, então, a me chamares de bobo, hein?

SEVERINO:

- Fica na tua malícia, que eu também tenho a minha. Passei-te tudo quanto sei acerca de como se dá com os famosos *ditos indizíveis*, mas, embora seja um desperdício dizer-te, comigo não se dá nem nunca se deu o mistério do nascer de novo. Eu sou, na essência de carne, igualzinho a ti, sem mais nem menos. Tu ficastes confundindo o real, que salva, com o fundamental do conhecimento, neste sim que é o trunfo obsequioso da Divindade para com qualquer ser nascido de mulher que tem o vento ventando sem que saiba donde sopra e para onde sopra também. Tolo que tu és, como o sou também. A Divindade vive dando risadas de nós, que permanecemos na peleja, eu me fazendo de bom, tu, de forma escancarada, mostrando a tua *severidade* que é de todos tão conhecida. Eu, sim, é que vivo a enganar os incautos. Sou o *Severino* que aparenta abrandar o que insuflas com a tua *severidade*. Pois esta *severidade* habita também em mim. E bobo não és somente tu, mas todos os homens.

SEVERO:

- Está arrependido, agora, das pretensas belas lições que lançastes, logo no começo de nosso *Severo* e *Severino* diálogo?

SEVERINO:

- Eu, não!

SEVERO:

- Então, é possível que fiquemos de mãos dadas, em qualquer esquina ou mesmo numa praça, ou em qualquer outro lugar que aches melhor, para o nosso ridículo papel, eu *Severo* e tu *Severino*, em mistura proposital desse terreno que nos ficou por domínio?; domínio que não passa de mera ilusão, enquanto os que já são o Eterno e o Infinito no divino e do divino gozam a gargalhada dos seus imutáveis gozos de um pós-fim?

SEVERINO:

- Calma, que do teu propósito eu sou mestre, embora com eme pequeno, minúsculo, mas o sou. *Severinamente* te digo que não temos a quem apelar, senão a nós mesmos, porque, do lado de lá (que aliás nem lado é), onde todos (Divindade, o Filho Unigênito, os Anjos) cantam e decantam e nós os invejamos, eles não nos acenarão com nada. Os que se deixam guiar por mim, coitados,

ficam atolados em ilusões, havendo inclusive os que creem no retorno da carne em sua essência e conformação. Bobos que são eles e todos nós também. Quem conseguiu nos arrasar a tal ponto?

SEVERO:

- Eu, esse *Severo* que te fala, sou, assumidamente, o responsável por tudo isso. O filho daquele carpinteiro bem que podia ter-se demorado mais por esta Terra, mas ele precipitou os acontecimentos. Achou de querer entrar triunfante na cidade grande. Isso provocou a ira de quem gozava das regalias do *status quo*. O resultado foi que lhe tiraram a vida, embora já "*morto*" para as ilusões do mundo. Melhor teria sido que ele, "*morto*" das ilusões do mundo, neste permanecesse até o dia em que tivesse falência de seus órgãos. Porém, os fracos do nosso lado não souberam ser *severos* nem *severinos* e, por isso, nós estamos aqui, nessa situação. Uma situação enfadonha, de espera do passar de um tempo que é monótono, cansativo, mortífero.

SEVERINO:

- Mas disseste que foste tu... Sozinho?

SEVERO:

- Não, fui eu... e tu também. Tu, *severinamente*, tens uma presença constante no meio de todos, em todos os cantos e recantos onde está o homem. Tu, então, apareces de cara limpa, no papel do pequeno que socorre e é socorrido numa assistência que é irritante. Já eu, não, eu sou o severo em disfarces, estou também em todos os cantos e recantos onde está o homem, porém como são variadas e atrativas as minhas aparências! E nesse caso, eu acho que sou melhor do que tu, mesmo com os meus disfarces, porque, em verdade, tu vives, também, a aparência, com um manto de cordeiro, que tu não o és. Vives, pois, submetido a essa mesma estratégia que eu venho cultivando, desde que o Pai e o Filho Unigênito se submeteram, humildes, ao sacrifício de criar. Acho-te, pois, em que pese tua *severinidade*, um usuário contumaz do satã na tua dianteira.

SEVERINO:

- Agora, tu exageraste e muito. Desse jeito, tu contribuis para apressar o fim deste mundo. Vai devagar, Severo. Não quero me dizer e me proclamar infenso às artimanhas de satã, pois ele está em todo o lugar. Eu disse todo o lugar, de modo que, em termos de realidade física, nada se pode excepcionalizar. Olha, que o que eu vou agora dizer me incomoda e muito, como eu sei que incomoda muito mais a outros tantos de uma *severinidade* sincera, porém cega. Eu vejo, *Severo*, eu vejo o pão em forma de hóstia, mesmo consagrada, aquele símbolo de mistério, sem dúvida..., mas quem garante que satã também não está ali? Ele, *Severo*, que tão bem mais o conheces do que eu, foi mandado para a Terra inteira, não foi para uma fatia da Terra, foi para a Terra toda, todinha, inclusive, neste termo todinha, sim, ele está nessa palavra que eu acabei de escrever - todinha -, ele está nela, inserido nela, inevitavelmente nela. Porque a Terra é o seu pasto, é o seu domínio. A Divindade permitiu que esse grande perdedor não sofresse as consequências de sua derrota no plano pretendido, que era o Céu e o plano da Divindade, foi, por outro lado, para lhe permitir que fosse enxotado do Céu, mas teria um lugar garantido na Terra e esse lugar é ele e esse lugar é dele, completo, total, integral. Tens alguma dúvida disso?

SEVERO:

- Eu, não, *Severino!* Eu concordo inteiramente contigo. Aliás, eu fico com o coração em festa, ficando contigo aqui, agora, na palma da minha mão, dominante sobre ti, neste momento conclusivo de nossa conversa, porque eu sei que a estratégia de satã realmente existe e continua, sem, contudo, ter uma menor influência naquele trono que ele conhece tão bem e o tinha por evidente pretensão.

SEVERINO:

- Tu estás pleno de razões, *Severo*, mas vamos ficar por aqui, já que, em perfeita combinação com o título deste diálogo, ficou patente que a estratégia de Lúcifer continua não somente nos *Severos* mas também nos *Severinos*...deste mundo.

.....

Aqui, então, leitores, se chegou ao fim de tudo quanto se tinha a dizer? Não! Não! Não sejamos, assim, tão apressados. Esperemos o pós-escatológico, evidentemente sempre com a mistura dos severos com os severinos e vice-e-versa...

.....

Este arremate não é nem de Severo nem de Severino, mas do autor responsável pelo resgate de tão estranho e construtivo-destrutivo diálogo, autor esse, aliás, que não descarta a índole severa e severina presente nele também! Portanto, cuidado, muito cuidado, pois a estratégia é *contínua* e, por isso, ela impiedosa e necessariamente *contínua!*

3

ARREPENDER-SE SÓ NÃO BASTA

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

João Batista é o último dos profetas do tempo da lei. Ele viu a Jesus face a face, mas não alcançou o tempo da graça madura, com a paixão, a morte e a ressurreição deste, entendidas estas, no modesto modo de alcance deste escriba, por intuição, em espírito, quando ainda vivia o Nazareno, pois, 1º, a paixão é o padecimento de Deus ao se ter permitido a humilhação (húmus) do existir (mundo), tornando-se homem, também derivado de húmus, terra fértil; 2º, a morte é entendida como "morte" das ilusões do mundo por parte de quem, vivo, permanece vivendo, com o coração de carne ainda a lhe palpar e, 3º, a ressurreição é ter a carne se tornado insensível às dificuldades do mundo, de modo a nela não sentir as lacerações de chibatadas, não sentir as espetadas de espinhos de uma coroa cheia deles, não sentir a perfuração de cravos, não sentir o corte de lança em seu peito, não sentir o peso de madeiro, isso tudo e tudo isso culminando em ascensão e retorno, ao depois, em línguas de fogo de Pentecostes... tudo em espírito...

João foi do tempo da lei e morreu a morte física sem "morrer" a morte das ilusões do mundo, tal como pregada e vivenciada pelo Filho de Maria e de José, este, em espírito, "morto" dessa "morte", sem dúvida nenhuma. João não ultrapassou o arrependimento. O reino pregado e vivido em espírito pelo filho do carpinteiro, em espírito, - não custa repetir - foi de entrega da vida e para a vida abundante do vivo da vida abundante que seus olhos descortinaram e sentiram em espírito e viveram, em espírito, e por assim ter vivido não viveu no passado, nem no futuro, nem no presente, mas simplesmente atingiu o estágio da *indimensão* do eterno e do infinito do Cristo, que, precisamente, não se limita a passado, nem a presente nem a futuro. Por isso ele vive ainda hoje e nos hojes que àquele se forem sucedendo, até que se alcance o grande cenário escatológico, para cada um dos vivos desta vida abundante e nunca para ele, pois a este já o transpassou e venceu; venceu não no *Gólgota*, mas no Jardim do *Getsêmani* ao assim se entregar: "**não seja feita a minha, Pai, mas a tua vontade**"; pois nisto consiste, precisamente, o clímax do "**eu e o Pai somos um**", prova irrefutável do "**amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo**", como síntese dos dez mandamentos, ou seja, daquilo que restou codificado a partir do dedo de Deus, em pedras, que o próprio homem que não os codificou (Moisés) terminou destruindo-as por causa do culto ao bezerro de ouro... bem feito!

Mas o Senhor também disse dele João, o Batista, que o menor no Reino é maior do que ele João (Lucas, 7, 28). De fato, ainda que privilegiado com a visão acima descrita, João teve entendimento limitado do caráter do ministério do Senhor Jesus e de sua "morte" expiadora, no sentido, porém, acima colocado, e não daquela acontecida em um madeiro; muito menos de sua ressurreição; ressurreição, frise-se, do espírito e em espírito. Assim, o menor filho de Deus no período da graça intuiu e intuiu muito mais sobre o projeto de Deus na pessoa do Senhor Jesus do que qualquer profeta do tempo da lei, inclusive João, o Batista. Este, como se sabe ainda, mandou mensageiros para indagar a Jesus sobre se ele era o Cristo, tal como relatado em Lucas, 7, 19 a 22: "**E João, chamando dois dos seus discípulos enviou-os a Jesus, dizendo: És tu aquele que havia de vir, ou esperamos outro? E, quando aqueles homens chegaram junto dele, disseram: João**

Batista enviou-nos a perguntar-te: És tu aquele que havia de vir, ou esperamos outro? E, na mesma hora, curou muitos de enfermidades, e males, e espíritos maus, e deu vista a muitos cegos. Respondendo então Jesus, disse-lhes: Ide, e anunciai a João o que tendes visto e ouvido: que os cegos veem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e aos pobres anuncia-se o Evangelho."

Por isso ainda, em relação a si próprio, disse o Batista: "É preciso que *ele* cresça e *eu* diminua". Neste exato ponto, há uma nítida confusão entre o *ele* e o *eu* constantes da dita frase. Sim, numa "*matemática dos Céus*", diferente, pois, da matemática do mundo, o *ele* do filho de José e de Maria cresce nos acréscimos próprios de quem não se ocupa nem se preocupa com o comer e com o vestir de todos os dias, pois resulta como as aves do céu e os lírios do campo, já que aquelas não semeiam nem segam e estes não fiam nem tecem, mas, respectivamente, recebem o alimento da natureza e se vestem em beleza maior do que a que ostentava Salomão em sua glória. Por outro lado assim não diríamos, pois o divino não o tem (lado), o *eu* diminui a necessidade de uma intervenção demasiada (Deus é Amor), bastando a iniciação, com a qual Deus, por não ser um exigente, se contenta com a sua criatura, agora transformada em Filho. Na verdade, nessa seara, o homem, como João, em espírito, não se alçou à condição de santo, embora um segmento eclesial e o povo assim o chamem. É como está em Malaquias, Capítulo 3, versículo 10: "***Trazei todos os dízimos*** (mínimo de dez por cento do que se cresceu em espírito) ***à casa do tesouro*** (o coração de Deus), ***para que haja mantimento*** (espiritual) ***na minha casa, e depois fazei prova de mim, diz o SENHOR dos Exércitos, se eu não vos abrir as janelas do céu e não derramar sobre vós uma bênção tal*** (o Reino de Deus), ***que dela vos advenha a maior abundância*** (do que comer e do que vestir)"; o nascer de novo eleva ao crescimento no espírito, que é graça e de graça há de ser dado. Deve-se dar de graça o que de graça se recebeu. O homem recebe de Deus, mas Deus não exige que ele dê, de graça, tudo, pois assim resultaria em dizimar, aniquilar, pôr tudo por esgotado. Deus, nesse ponto, reclama do *eu* apenas e tão somente a décima parte, o dízimo. É claro que João, na linha do arrependimento e da lei pode até ter dado mais de dez por cento. Ele foi além dessa trilha de exigência e penetrou a da oferta, oferta do seu ser. Então se diz, nesses casos, que o *eu* diminua e realmente diminui. E somente uma escala de santo, de separado, se alça à santidade na trilha do ***serviço*** (viço do ser) e da entrega total, em espírito (Cristo), como no caso de Jesus, igual, portanto, a Deus!

Dê-se, pois, leitor, leitora, não na sua carne que vê com os olhos de carne e que ouve com os ouvidos também de carne; dê-se, em espírito, esperando esse milagre de que fala Ezequiel, Capítulo 36, versículos 25, 26 e 27: "***Então, espalharei água pura sobre vós, e ficareis purificados; de todas as vossas imundícies e de todos os vossos ídolos vos purificarei. E vos darei um coração novo e porei dentro de vós um espírito novo; e tirarei o coração de pedra da vossa carne e vos darei um coração de carne. E porei dentro de vós o meu espírito e farei que andeis nos meus estatutos, e guardeis os meus juízos, e os observeis***". Pois essa promessa de Deus foi concreta na carne de Jesus, na medida em que, por um milagre, seus olhos de carne descortinaram a possibilidade de viver e de vivenciar tão divina condição... em espírito. Sim, porque se tudo se tivesse simplesmente resumido à sua carne, ele não seria o que se transformou enfim em eternidade do Cristo que nele habitou em concreto para todo o sempre em trono que é dele e de mais ninguém; trono em redor do qual ele anela receber todos quantos, em espírito, nasçam e cresçam e cresçam e cresçam.

Amém!!!

4

INVISÍVEL ROSÁRIO

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Nas contas do meu Rosário,
aperto forte e sem medo
a certeza do seu amparo,
distante de dúvidas
e, portanto, sem vácuos na minha fé.
Esse Rosário, contudo,
nem mesmo eu, pelos olhos de carne, posso vê-lo.
Mas, com certeza, ele me coça a ponta dos dedos,
que também, por sua vez, não me distingue
em sinal de sensação e de sensibilidade.
Sou um ser que não vê e que não sente,
mas tem uma vida útil e próspera,
pois assim não me deixa mentir o meu Rosário.
Importa-me a sensação de que vivo
não propriamente para mim mesmo,
pois esse mim eu sei de sua *finitude*,
e o meu Rosário o descarta e o pune e o devora.
Isso tudo, porém, me chega pela força
que imponho aos dedos suados,
em suas delgadas pontas
que me fazem certo de um caminho sem voltas
e cheio de prazeres da verdadeira vida
que se deve viver.
Ah que bom seria se todos tivessem
um Rosário à semelhança do meu,
para terem o privilégio de um diálogo permanente
e, assim, mais do que viverem, conviverem
e saborearem uma delícia etérea
no chão que ora pisamos,
em passagem de paisagens coloridas e belas...

5

CORPO MORTO DE UM PADRE DE VERDADE? NÃO!*(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)*

O que é que mais importa a uma visão, advinda do poder de ver? É que ela veja sempre, pouco importa a circunstância. O mesmo se diga em relação ao falar e ao ouvir e ao sentir. Sim, porque meus olhos de carne viram (verbo ver) uma realidade inerte, um resto mortal de alguém que, certamente, transpunha-se na escala que, pelos meus olhos de carne, ascendia à condição de olhos de espírito e, por isso, eu o via já não mais na condição de matéria morta, mas como algo perene e vivo e Eterno e Infinito...

Difícil de entender?

É porque você, leitor, se prende ao ver do olho de carne, tão somente. Mas você pode ter também a Graça de ver com os olhos do espírito. E somente nessa visão você pode, como acontece comigo, ver que aquela matéria morta dentro de um esquife não é e nem pode ser simplesmente um resto a que se costuma chamar de mortal. Aquilo não é resto, coisa nenhuma! É, podemos assim dizer, *rebotalho-que-se-transformou-em-essência*, pelo poder transformativo da ressurreição. Aquela realidade aparentemente estática (e estática apenas para os olhos de carne) tem, na verdade, a dinâmica do Reino dos Céus, pela Graça de Deus. Não fosse assim, onde estaria a vitória da "Vida" sobre a morte? Pois eu digo vida entre aspas e com letra inicial maiúscula, porque eu quero me ater a uma vida que não morre; a vida de sempre, a "Vida" Eterna e Infinita nos braços do Pai, do Senhor, de Deus, da Divindade, como, enfim, se queira chamar o único poder que pode - o poder do Não-Ser. Sim, a "morte" das ilusões do mundo produz não a imunização contra a morte natural que o mundo conhece, mas a imunização daquela que é chamada de segunda morte - a do tanque de fogo e de enxofre, de que nos fala o Livro do Apocalipse. Aquele corpo inerte que meus olhos de carne viram (verbo ver) e que sua acostumada e apressada constatação chama de resto mortal, teve de (meus?) olhos de espírito a certeza inabalável de que não poderia jamais ser alvo da segunda e perigosa morte, pois esteve ocupado, durante a sua existência, em cuidar de necessitados, silenciosa, humilde e santamente, sem nenhum cunho de realização pessoal.

Então, o burburinho do local onde se achava aquele a que impropriamente se chama de resto não me perturbava a gostosa sensação de vê-lo como vivo de uma "Vida" que não morre e que, por isso, para todo o sempre, esteve imune ao menor risco da segunda morte. É que, quem, na realidade, se *ocupa*, no serviço, em favor de necessitados de toda a ordem, está na oficina de Deus, mas quem se *desocupa* está num lugar que é o das artimanhas e dos disfarces do demônio e, por isso, em rota de condução inevitável ao tanque de fogo e de enxofre, que é a segunda morte. Sendo assim, na Igreja de pedra de onde ele tanto irradiava o seu serviço de atendimento a necessitados, eu vi os meus olhos de carne vendo-o colocado numa gruta de um nome que é de perpétuo socorro aos homens - o da Santa Virgem Maria. Ali, dizem, impropriamente, que ele ficará repousando eternamente. Pois eu vejo, com olhos de espírito, na companhia dos meus olhos de carne, que a condição de Eterno não se concilia com repouso. Sendo assim, ele estará e continuará na dinâmica de um Reino que é Eterno e que não terá fim jamais.

- Vive na Paz da Eternidade, Sacerdote!

6

AMAI A SI PRÓPRIO PRIMEIRO

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Amar ao Senhor Deus de todo o coração, e de toda a alma, e de todas as forças, e de todo o entendimento e ao próximo como a si mesmo. O que é que, de tal síntese da Lei de Deus, se apresenta mais difícil? É justamente o ***amar-se a si mesmo***. É que esse ***amar-se a si mesmo*** é ponto de partida fundamental e essencial, sem o qual não se pode amar ao próximo. Eu posso até me solidarizar com o próximo, ajudá-lo; contudo, se não existe a raiz do amor por mim mesmo, tudo fica falho, porque isto significa a ausência do amor intersubjetivo. Aquele mesmo amor da dimensão divina do ***Amar ao Senhor Deus de todo o coração, e de toda a alma, e de todas as forças, e de todo o entendimento*** deve ser expressão indispensável no homem, ele se amando a si mesmo, na medida em que se esvazia de si, do seu ego, para poder se preencher de Deus. Contudo, é preciso se dar conta, se advertir quanto a iniciativas da carne, pois nunca será nesta dimensão que o homem poderá ***amar a si mesmo***. Nessa dimensão da carne, ***amando a si mesmo***, ele faz toda a sorte de incursões para se dominar pelas riquezas e pelos confortos que ela pode propiciar. Sendo assim, ele termina um escravo do comércio de si mesmo, numa disputa acirrada da vida em sociedade, de todos os dias, sufocando-lhe a ansiedade do dinheiro curto, que é curto cada vez mais para os seus anseios de consumo, tantos bens que ele almeja para si e que, uma vez conquistados, a insensibilidade do seu egoísmo vai acumulando-os e nada mais do que isso se opera. Quando lá um dia ele pára para uma mínima observação, vai ver que está cercado de coisas supérfluas, coisas que se empoeiram sem nenhuma utilidade prática para a sadia convivência. É, então, quando se bifurca o ***amar-se a si mesmo*** em dimensão de terra e em *indimensão* de Céu. A dimensão de terra do ***amar-se a si mesmo*** é justamente aquela do egoísmo, que vínhamos descrevendo, linhas atrás, e a sua *indimensão* de Céu é o "policiamento" que faz de si mesmo, todos os dias e todas as horas e todos os momentos possíveis, proibindo-lhe o papel de vítima das ansiedades, causadas pela cobiça. Quando se atinge este estágio de consciência de negação do ego para se preencher do divino, só então é que podem estar abertas as porteiras do coração para o amor ao próximo, como verdadeiro amor e nunca como mera solidariedade. Sim, eu não posso amar ao próximo, sem que (não antes, nem depois, mas em concomitância) eu esteja amando-me a mim mesmo; mas amando-me, vejam bem, leitores, na *indimensão* da consciência do Céu, nela e por ela e com ela vivendo sem apegos não só em relação aos objetos, mas em relação a mim mesmo. Para isso, então, se requer uma "morte", que é a "morte" das ilusões deste mundo, sem dele, entretanto, viver tentando se escafeder. Há que se fazer como o fez o filho de Maria e de José. Ele foi de um amor a si mesmo, nunca, evidentemente, na linha da dimensão de carne, mas na da *indimensão* do Céu, com olhos de carne que se permitiram residência de olhos de espírito nunca alcançada por nenhum ser. Sim, o ser que ele fora, como realidade de carne, obteve de si o respeito de um tratamento de alimentação saudável, contudo a *indimensão* do Céu lhe propiciou revelação definitiva e em grau superlativo não superável, num alimento de espírito saudável. Quando, em reclusão no seu deserto interior, pôde, em espírito, suplantar terríveis tentações, sob um estado adverso de fome e de sede, pôde transpassar aquelas três famosíssimas tentações de que nos dão conta os evangelhos sinóticos; e passou à condição de terapeuta, num público ministério de cerca de três anos, durante o qual exibiu a expressão maior do amor que pôde ter a si mesmo. E somente porque ele alcançou esse nível de amor a si mesmo se tem, no hoje de hoje e em todos os hojes, sem exceção, o sim dele para a

evidência e correspondência desse amor para com o seu próximo; próximo esse que somos todos nós que caminhamos com ele nessa caminhada do mundo. Assim, ele deixou o exemplo do *ser-viço*, pois amou a si mesmo e ao próximo. E esse amor ao próximo em nada se sobreleva em relação àquele que era o amor de si mesmo; são tais como irmãos siameses.

Portanto, as minhas mãos estendidas em solidariedade, todos os dias, simplesmente, têm sido uma proposta, tão somente, para o ***amai ao próximo***, eu não duvido disso. E, nessa proposta, o ego se dirige, orgulhoso, emplumado de propósitos que se dizem e se proclamam humanitários. E assim se vai vivendo a aparência, apenas, do verdadeiro amor. As religiões, de um modo geral, caminham assim, pregando, apenas, a necessidade do ***amai a si mesmo***, aplaudindo, entretanto, na prática, o ***amor ao próximo*** feito sem a raiz do amor de verdade, já que mergulham nas águas turvas de um mar de tormentas, sob o amparo e o socorro de um Deus piedoso e de pronto socorro, quando a chave de ligação entre a dimensão da terra e a *indimensão* do Céu reside em assumir o homem-espírito a consciência do vazio de si mesmo, para primeiro se ***amar a si mesmo*** de verdade como *conditio sine qua non* para o ***amar ao próximo***.

7

A JOIA ESCONDIDA

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Diz o evangelho que o véu do templo, uma faixa larga e comprida de tecido que ficava, no Templo, na passagem de acesso ao Santo dos Santos, lugar a que só podia ter acesso o Sumo Sacerdote, uma vez por ano, que o véu do templo - dizíamos - se rasgou de alto a baixo exatamente quando Jesus expirou pela última vez, no calvário.

Ora, a construção do Cristianismo pelos apóstolos, pelos evangelistas, pelos doutores, mormente num paralelo traçado entre o Livro de Levítico, do Velho Testamento, e o dos Hebreus, do Novo Testamento, denota a ideia central de sacrifício, o qual, no Velho Testamento, era imposto aos animais, enquanto que, agora, no Novo Testamento, o sacrifício, a vítima do sacrifício é Jesus. O próprio Jesus de Nazaré, enquanto realidade de carne, viveu e se comprometeu com o clima religioso e de religiosidade do seu povo, sendo produto, nesse aspecto, de uma realidade prevista em profecias, sempre comprometidas com a ideia do sacrifício; tanto que foi nascido em circunstância misteriosa de uma concepção divina, vindo ao mundo no lugar que a organização social e humana reservou a animais, sendo perseguido por Herodes que, em sua fúria de não ter competidor para o seu trono, terminou mandando matar criancinhas inocentes. Tudo isso, realmente, seria de se esperar que influísse naquele homem nascido em Belém e crescido em Nazaré. Era o clima, a atmosfera familiar, mãe, cuja prima Isabel, mãe, por sua vez, de um precursor, chamado João, o Batista, tinha por marido um sacerdote chamado Zacarias. O quadro era religioso e de muita religiosidade. Na sua dimensão humana, por mais que se haja processado, em *indimensão* homem-espírito, um nascimento diferente do natural que é próprio a todo e qualquer ser nascido de mulher, como ele inegavelmente o foi, nascimento esse que ele deixou tão claro em conversa com Nicodemos, Jesus jamais deixou de lado os favores éticos, prestando-se como aquele terapeuta que procurava se acercar não de justos, mas de pecadores. Sim, Jesus agora em *indimensão* espiritual, nasceu de novo, como aquele nascido que é igual ao vento, que não sabe de onde vem nem para onde vai. Nascimento que, em seu caso, teve, como porta de entrada, a luta no seu deserto interior, no qual venceu terríveis tentações, vindo num crescendo maravilhoso e divino, tornando-se divino-humano ou, como se queira, humano-divino, até que atingiu o clímax desse novo nascimento, no *Getsêmani: não seja feita a minha, mas a tua vontade, Pai.*

Não discuto sobre a veracidade de uma nova postura que a construção conseguiu obter, de sorte que é hoje algo arraigado, verdadeiro arquétipo a dominar a cena religiosa em questão, como a dizer e insistentemente questionar: "***se não crês pelos ensinamentos ministrados por mim, ao menos o crê pelas dores da minha flagelação e da minha crucificação e morte***". Eis, porém, que o cenário seria propício a uma afirmação indestrutível, que vem, no curso dos séculos e milênios, sendo o principal chamariz para fiéis que professam a fé dita cristã.

O caso que não ganhou realce e nem podia, já que era desafiador e, apesar de ser a joia preciosíssima deixada pelo Mestre de Nazaré, ficou em segundo plano, foi o Ministério Público que o Mestre Jesus viveu, no curso do qual foi enfático no sentido de ensinar que Deus abomina sacrifício e, no lugar deste, se compraz, sim, com a misericórdia e o conhecimento que o homem

possa e deva ter dele. Portanto, ao invés de se institucionalizar essa joia preciosa, o que em verdade se institucionalizou foi o sacrifício que terminou sendo imposto ao Filho de José e de Maria.

Dentro, pois, desta institucionalização, é possível aplicar, ainda que simbolicamente, como, na verdade, é que esse tal véu se tenha rasgado e que esse rasgo seja referente à morte de Jesus na cruz. Mas, de um aspecto importante é preciso se cuidar e, assim, poder ficar separado aquilo que é plano de Deus daquilo que é obra do homem-carne.

Não pode ninguém olvidar que, por palavras do evangelista João, Jesus fez a categórica afirmação, quando ainda vivo da bendita Vida proporcionada por Deus, de que vencera o mundo. Vejamos bem que a afirmação não foi a de que ele vencerá o mundo, o que seria, portanto, tempo futuro. Ficou dito, no pretérito, que ele venceu o mundo. Logo, somos forçados a buscar o episódio central que autoriza uma afirmação de tamanho destaque. E não é difícil consentir na realidade de uma completa entrega de amor, de Jesus, nesse episódio, pois que ele foi a porta aberta para uma disposição espiritual e espiritualizada em que ele, no *Gtesêmani*, se completou nesse amor: "**não seja feita a minha, mas a tua vontade, Pai**". Não custa repetir isso, por ser, em verdade, o *consumatum est* e, não, o seu último suspiro, no alto de uma cruz, epílogo que foi obra dos homens e não obra de Deus.

Tudo quanto Jesus de Nazaré fez, em seu público Ministério, o fez em espírito, não se devendo confundir isso com a sua parcela humana, a exemplo do desforço pessoal em que, azorrague à mão, expulsou os vendilhões do Templo. A entrada triunfal em Jerusalém que culminou com a sua última expiração numa cruz é tudo, pode-se dizer, obra de homem e dos homens. O certo é que a entrega santa e perfeita já havia acontecido, tendo o *Gtesêmani* como o seu ponto culminante, em sede espiritual e espiritualizada. Mesmo a sua tocante oração sacerdotal, a instituição da eucaristia, o lava-pés, tudo isso, naquele interregno citado, é obra de homem, tendente a uma institucionalização, como, enfim, terminou acontecendo.

Estamos, portanto, em rota de colisão com os doutores da igreja, neste ponto. É melhor que nos rotulem de falso profeta a acreditar que o sangue de Jesus é elemento de salvação. Ora, isso é o que restou de dimensão puramente humana, pois àquele cenário de muito sangue e de muita violência, em que cabritos e bois eram degolados, como sacrifícios, havia de se manter, agora, entretanto, sendo a vítima o próprio Jesus de Nazaré. Daí se dizer que, com a sua morte na cruz, se rasgava aquele véu referido inicialmente, que absurdo!

Isto, por mais que relato evangélico afirme ter saído da boca do Mestre, por exemplo, que era necessário que morresse para ressuscitar após três dias, que quem não comesse de sua carne e não bebesse do seu sangue não se salvaria, isto - dizíamos - é reflexo dessa influência religiosa com ideia de sofrimento e de sacrifício. Na realidade, o único sofrido é Deus, o Pai, que, humildemente, se permitiu a existência, esta existência do *fiat lux*, em decorrência da qual ele é quem sofre, mormente diante de uma de suas criaturas, a mais excelente de todas, o homem, que, criado de forma imaculada e posto num jardim de delícias, veio a decepcionar com a sua queda, decorrente de sua desobediência quando achou de conhecer a ciência do bem e do mal. E naquele mesmo Adão, como nos Adãos seguintes de até o presente do hoje e do futuro dos amanhãs, em dimensão homem-espírito, eram e são e serão os sempre resididos de Deus, mas o que dá suporte e abrigo foi, é e será sempre de barro, e que ao pó sempre retornará. Nesse passo, excepcione-se a carne de Jesus, que, de tão integrado, em espírito, com Deus, se antecipou ao escatológico e se confunde com a dimensão homem-espírito no trono de Deus, desde já.

Abandono, então, todo o sacrifício que foi obra das mãos dos homens, dos Anás e dos Caifaz, dos Herodes e dos Pilatos de todos os tempos, do ontem, do hoje e dos amanhãs. E, no lugar do sofrimento que impingiram a Jesus, como hoje ainda o impingem, eu dou realce ao amor e ao serviço que o Homem de Nazaré, alcançando, em espírito, o Cristo, se doou aos seus irmãos, numa intimidade com o que lhe revelou o Pai, com os homens e mulheres que lhe foram próximos no seu tempo de existência histórica. Não nos impressiona a colocação adrede montada de uma substituição na linha de um sacrifício, quando este, em alto e em bom tom, foi rechaçado pelo próprio Deus, pela boca do Profeta OSÉIAS: *não quero sacrifício; misericórdia quero e o conhecimento acerca de mim.* - Capítulo 6, versículo 6. Aliás, fiel ao próprio ensinamento do seu Mestre Jesus, o antes Coletor de impostos e agora discípulo e evangelista Mateus, registrou, no Capítulo 9, versículo 13 do seu evangelho, ter Jesus feito alusão a tão fundamental mensagem na escala da revelação de Deus.

A joia escondida na sede de sangue, trago-a, sempre, para a luz da evidência que faz de Jesus o Cristo, em eternidade e infinita presença perante o trono de Deus, como vencedor que, por ser de Deus, faz, de quantos possam com ele estar, imunes ao dano da segunda morte, que é aquela do tanque de fogo e de enxofre, Apocalipse, Capítulo 21, versículo 8 e reservada aos tímidos, e aos incrédulos, e aos abomináveis, e aos homicidas, e aos devassos, e aos feiticeiros, e aos idólatras e a todos os mentirosos. Portanto, se morro para as ilusões deste mundo, como Jesus morreu, nascendo de novo para um reino que não é deste mundo, eu estou livre do dano dessa segunda morte. E, para isso, Deus não reclama sacrifício de sangue; é certo que não estamos livres do sacrifício do próprio Deus, que, com o seu Unigênito, o Cristo, se humilhou em permitir ser, em permitir existir, a partir do *fiat lux*. Nisso, entretanto, não se há de embutir o ingrediente da violência e do sacrifício abominado pelo próprio Deus, máxima revelada por Oseias e confirmada pelo divino Galileu.

Esta joia preciosa que para mim não está escondida é, realmente, um véu do Templo que se rasgou e que se transformou em sacerdote eterno, da ordem de Melquisedeq, porém não está ligada a nenhum ritual de sangue e de violência, pois tal véu foi rasgado não no momento trágico de um abominável crime que se cometeu e que, ainda hoje, se comete, todos os dias, religiosamente falando, por todos quantos entronizam o Homem de Nazaré dependurado numa cruz de metal precioso, uma joia, portanto, que encobre a joia verdadeira, que é a entrega de Jesus em seu triênio e público Ministério de puro amor. E esse véu, em verdade, se rasgou não no calvário, quando da última expiração do homem-divinizado Jesus de Nazaré, tornado, pois, Cristo, mas no Jardim do *Gtesêmani*, ao inteiramente se entregar: ***não seja feita, Pai, a minha, mas a tua vontade.***

8

O SENHOR

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Aquele que é o dono, o Senhor, é, para o começo de nossa história, Misericordioso. Digamos, também (com o cuidado de realçar que as afirmações consistem numa só), que a Divindade, igualmente para começo dessa mesma história, é Misericordiosa; masculino ou feminina, portanto. É preciso, pois, dizer que, no poder incontestável de qualquer deles, sou Doriel, este que escreve, o húmus de homem, este também húmus de humilde, ou seja, daquele que tem consciência de que é pó e ao pó retorna; sim, retorna e não retornará, pois, no exato momento do nascer, se dá início ao tempo desse retorno. Só que o húmus, mesmo inteligente sendo, não sabe ele o dia do fim desse retorno. Portanto, não se engane a carne de ninguém. O Senhor, só e somente ele, é o dono de tudo. Aliás, neste texto, que ora destinamos a ele, o Senhor, para bem situar a sua importância, não mais o chamamos de Senhor, mas o passamos a chamar de aquele que é dono (de tudo). Aquele que é dono, pois, é o mesmo Eu sou que disse a Moisés, no monte Sinai, que ele é Eu sou. E também o que pela boca de Jesus disse Eu sou o pastor, Eu sou a porta, Eu sou a ressurreição e a vida, Eu sou o caminho, a verdade e a vida, Eu sou a videira. Olhe que esses tantos Eu sou devem em tudo centralizar aquele Eu sou que falou com Moisés de dentro de uma sarça ardente, que se não consumia por aquele fogo e que é o Senhor, ou seja, aquele que é o dono (de tudo). O que é dono (de tudo) é dono de mim, desta minha carne, destes meus músculos e destes meus ossos e esse dono tudo pode e pode tudo e conta, para tanto, apenas, mas um apenas que não tem como se dimensionar, pois ele é palavra, verbo, palavra e verbo que não se confundem com vestimenta gráfica de letras de um alfabeto, pois o analfabeto do espírito é quem pensa e age assim. O escriba, então, tem na sua mão física a mão que não é física daquele que é dono (de tudo). E essa realidade passageira é habitáculo daquele que é dono de tudo, o Senhor, que assim o denominamos, agora, por um vício de cultura. Pois a Bíblia está cheia de Senhor, Senhor, Senhor. Ela talvez seja a culpada por não me dirigir diretamente para quem é dono de tudo. O que quero, doravante, é encher o meu pobre texto não de alguém, pessoa indeterminada que lhe possa dar um nome, mas uma expressão que me arraste e me puxe até de forma teimosa e insistente e que me diga e que não me faça esquecer que ele é quem pode (tudo). Descubrem, assim, os (meus?) olhos de espírito que estes são o eu-divino no mim de minha carne, que agora é chamada, advertida, exortada, consolada quanto a ser o eu o dono de tudo em mim de carne que mais do que o eu deve agora acostumar-se quanto a que existe sim alguém sempre com mais importância do que ela. Essa mais importância reside naquele que é dono (de tudo). Dono de tudo que, pelo eu do mim de minha carne me ajuda a ver, pelos olhos de carne, que necessariamente hei de ser misericordioso, com eme minúsculo, evidentemente, para me fazer de joelhos dobrados perante aquele que é dono (de tudo), contudo não de joelhos dobrados, mas de frente erguida, com olhos de espírito, de quem, do horizontal da morte das ilusões deste mundo, se alevantou para a vertical ressurreição do mundo das desilusões, com foco centrado, então, no eu + Deus (ou Divindade) no novo céu que já é inclusive aqui na terra. Aquele que é dono (de tudo) está à frente de tudo e de todos e não é porque o afirmo que ele assim está, ou seja, que ele é dono (de tudo), que ele assim o é, pois ele, antes desse mim que ora assim o diz, presumindo esse mim de mim mesmo que o digo por intermédio da Misericórdia dele, tem existência poderosa, sempre. O certo é que aquela sua mão invisível pega da minha pobre mão física para tudo isso escrever num escrever pobre, muito pobre, mas de muita vontade de um acerto que não enche de satisfação o ego dessa mão física, que é grávida de tantos desejos deste mundo tão enganoso. O que é o dono de tudo ajude esse meu pobre mim de minha carne. É preciso dizer, eu

sei, num saber que me é limitado de sabedoria humana, sabedoria de húmus, sabedoria humilde, é preciso saber - dizia - que Deus e Divindade nela (na carne) se permitem por tão benditos auto-humilhação e amor de sua expressão de quem tudo pode e tudo quer (de bom). Aquele que é o dono quer e assim o digo que aquele que é o dono (de tudo) é o Senhor!

9

PREGADOR DE ESPÍRITO X PREGADOR DE CARNE

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

O verdadeiro pregador é aquele que "vive" da verdadeira Palavra que ele prega. Ou seja, espiritualmente falando, ele se dá por alimentado e ressarcido pelo que dá de graça daquilo tudo que, de graça, recebeu do Céu. Melhor explicando, propagar a verdade do Céu é, em si mesmo, alimento e pagamento com os quais se sacia e se dá como ressarcido o homem-espírito. Portanto, no que se relaciona a Deus, o homem-carne é um presunçoso, quem quer que seja ele, qualquer que seja o rótulo que exiba: espírita, protestante, católico, judaísta, budista, muçulmano, hinduísta, umbandista etc.. Só a não-realidade do homem-espírito, que é o Eu, o Deus em cada um dos homens de todos os tempos, de todas as raças, de todos os países, ricos, pobres, são ou doentes, éticos ou não, honestos ou não, só a não-realidade do homem-espírito, dizíamos, pode ser verdadeiro pregador, porque ele, somente ele, por ser verdadeiro, pode pregar a verdade da Palavra. Então, ele "vive" da verdade dessa Palavra que ele prega. Isto o faz alimentado e ressarcido, ou seja, ele se torna com tal alimento cada vez mais integrado à Divindade e para ele lhe basta, como pagamento, esse aconchego, porque, nesse estágio, ele é Mestre; e Mestre é aquele que realiza com o exemplo de si mesmo, somente aparecendo quando o discípulo cresce e fica pronto. Ou seja, o discípulo já não mais o é (discípulo), pois tanto quanto ou mais do que Mestre a tal dimensão de Mestre já tem chegado. Homem-carne nenhum pode "viver" disso ou isso que acabamos de falar. A ele só é possível viver. Ele é uma realidade limitada por Crono, nessa realidade do mundo, enquanto o homem-espírito é já o Céu. O homem-carne se conforma (*e, mesmo assim isso somente acontece, se ele realiza o amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo*), ele se conforma, vínhamos dizendo, com os acréscimos de que fala o evangelista Lucas, no Capítulo 12, versículos 22 a 31, com o destaque para este último versículo, o de no. 31: ***"E disse aos seus discípulos: Portanto vos digo: Não estejais apreensivos pela vossa vida, sobre o que comereis, nem pelo corpo, sobre o que vestireis. Mais é a vida do que o sustento, e o corpo mais do que o vestido. Considerai os corvos, que nem semeiam, nem segam, nem têm dispensa nem celeiro, e Deus os aumenta; quanto mais valeis vós do que as aves. E qual de vós, sendo solícito pode acrescentar um côvado à sua estatura? Pois, se nem ainda podeis as coisas mínimas, porque estais ansiosos pelas outras? Considerai os lírios, como eles crescem; não trabalham, nem fiam; e digo-vos que nem ainda Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como um deles. E, se Deus assim veste a erva que hoje está no campo e amanhã é lançada no forno, quanto mais a vós, homens de pouca fé? Não pergunteis, pois, que haveis de comer, ou que haveis de beber, e não andeis inquietos. Porque as gentes do mundo buscam todas essas coisas; mas vosso Pai sabe que haveis mister delas. Buscai antes o reino de Deus, e todas estas coisas vos serão acrescentadas".*** Isso é pouco, realmente, do quanto ele obtém, neste mundo, porém esse pouco o ajuda a se tornar solidário, compreensível, compassivo, amoroso. Este homem é aquele que obtém o pão de cada dia com o suor do seu rosto. Já o homem-espírito não tem rosto e não tem como ter suor. Sua "vida" abomina o possessivo meu que o identifica como um dono de algo. E ele também não tem dono e não é dono de ninguém. Ele "vive" o Céu. Ele não tem vergonha nenhuma do alimento que dá e do pagamento com que se vê ressarcido, porque isso tudo não lhe imputa o sentido de posse; no Céu e do Céu nada tem como seu, meu ou teu. Tudo é de Deus e é Deus. O seu e o teu e o meu são próprios do mundo. É próprio do boi que debulha a recompensa e que, por isso, há de ter o seu salário, ou seja, aquilo que lhe sirva de comer, elemento físico que lhe dá sustento. Esse elemento físico que lhe dá sustento há de ser conquistado com o trabalho do suor do seu rosto. Sim, trabalhadores de um modo geral: os que vestem camisa, os que estão nus, expostos ao sol, os que, paramentados, com vestes bonitas, álares, ou mesmo com um simplório vestir, celebram, em cultos, com ritos e rituais cada vez mais emaranhados... Eles precisam do elemento físico para sobreviverem. Então, se eles têm a

presunção de que "vivem" da verdadeira Palavra, estão enganados e estão enganando aos outros. A Palavra verdadeira se diz e se professa e se vivencia de graça e na graça, na dimensão homem-espírito, nunca na dimensão homem-carne. Verecúndia, portanto, deveria ser o sentimento a dominar todo aquele que se acredita uma santidade, só por viver pregando, enquanto tira o seu sustento desse ofício de pregar, mesmo que esse proveito seja em escala mínima. Assim se diz porque não se deve confundir o que é do mundo com o que é do Céu. Neste, o homem-espírito "vive"; naquele, o homem-carne vive, lutando, trabalhando, suando, ganhando o pão de cada dia com o suor do seu rosto.

Em suma, à pergunta, "você vive de quê?" e, à outra, em que se indaga "você "vive" de quê?", onde reside a substancial diferença? Reside em que, no primeiro caso, tudo acontece e decorre do suor do rosto de um alguém, enquanto, no segundo, não há um rosto e nem há suor. E é neste segundo caso onde se se depara com o homem-espírito, *modus vivendi* que religioso nenhum de qualquer que seja a orientação religiosa das existentes no mundo pode adotar. É que todos, sem exceção, prendem-se ao fenômeno social da institucionalização, com uma organização como algo, portanto, já instituído. É esse algo e nesse algo onde aparece o boi que debulha e que se conclui inapelavelmente que ele não pode deixar de fazer jus a uma paga, completando-se destarte a sentença: não se fecha a boca ao boi que debulha. É não tanto a ciência do que debulha, mas a consciência de quem "vive" da verdadeira pregação da verdadeira Palavra que situa o real e correto proceder com o homem-espírito e, nunca, com o homem-carne. Por isso, em termos de religião, fiquem, enganados e enganosos, os homens-carne e, em termos já não mais de religião, mas de efetiva ligação, permaneçam os homens-espírito. Já não nos enganem nem enganemos nós os homens, vestidos ou não em seus vistosos paramentos, e sempre imbuídos de uma santidade que se creditam, tantas vezes com certa arrogância. Todos deveriam ser perseguidos pela verecúndia, contudo não têm eles como enxergá-la, porque estão anestesiados por uma forma aceita naturalmente que faz com que todos terminem como cegos condutores de cegos.

Por isso, sem arrogância, mas com infinda humildade, asseveramos nossa sintonia cósmica, sem, contudo, tirar os pés da terra, "vivendo" a Pregação da Palavra interior, que sequer atrita os elementos da natureza, porque ela é a irrealidade bendita do Eu integrando-se à Divindade. Seguramente, eu não me pego nem me apego a ritos e a rituais, não tenho uma liturgia, só sei que converso com Deus, todos os dias, sem lhe fazer louvores, falando, ou cantando alto em assembleias. E esse Eu em nada há de se confundir com o meu coitado mim! Portanto, como Pregador eu "vivo" da verdadeira Palavra que o Eu em mim prega. Os que vivem da palavra que o mim deles prega ficam, bocas abertas, famintos e não-ressarcidos e, por isso, defendem com todas as suas forças físicas que não se ata a boca ao boi que debulha e, assim, arrancam dos seus ouvintes o salário que julgam ser a sua paga.

Mas, o homem-carne é um presunçoso, quem quer que seja ele - já o proclamamos linhas atrás. Ele, pois, é o mim que ora escreve tudo isso que acaba de ser dito, sendo, destarte, o veículo, sim, que conduz as verdades do Pregador da verdadeira Palavra. Assim ele acha, mas os outros homens, tão presunçosos quanto ele, podem achar que não!

Que difícil!

10

REINO VIVIDO, ACRÉSCIMO GARANTIDO

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Mateus 6

25 Por isso vos digo: Não andeis cuidadosos quanto à vossa vida, pelo que haveis de comer ou pelo que haveis de beber; nem, quanto ao vosso corpo, pelo que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o mantimento e o corpo mais do que o vestido?

26 Olhai para as aves do céu, que nem semeiam, nem segam, nem ajuntam em celeiros; e vosso Pai celestial as alimenta. Não tendes vós muito mais valor do que elas?

27 E qual de vós poderá, com todos os seus cuidados, acrescentar um côvado à sua estatura?

28 E, quanto ao vestido, porque andais solícitos? Olhai para os lírios do campo, como eles crescem: não trabalham nem fiam;

29 E eu vos digo que nem mesmo Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como qualquer deles.

30 Pois, se Deus assim veste a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada no forno, não vos vestirá muito mais a vós, homens de pouca fé?

31 Não andeis pois inquietos, dizendo: Que comeremos, ou que beberemos, ou com que nos vestiremos?

32 (Porque todas estas coisas os gentios procuram). De certo vosso Pai celestial bem sabe que necessitais de todas estas coisas;

33 Mas buscai primeiro o reino de Deus, e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas.

34 Não vos inquieteis pois pelo dia de amanhã, porque o dia de amanhã cuidará de si mesmo. Basta a cada dia o seu mal.

Lucas, 12

22 E disse aos seus discípulos: Portanto vos digo: Não estejais apreensivos pela vossa vida, sobre o que comereis, nem pelo corpo, sobre o que vestireis.

23 Mais é a vida do que o sustento, e o corpo mais do que o vestido.

24 Considerai os corvos, que nem semeiam, nem segam, nem têm dispensa nem celeiro, e Deus os aumenta; quanto mais valeis vós do que as aves.

25 E qual de vós, sendo solícito pode acrescentar um côvado à sua estatura?

26 Pois, se nem ainda podeis as coisas mínimas, porque estais ansiosos pelas outras?

27 Considerai os lírios, como eles crescem; não trabalham, nem fiam; e digo-vos que nem ainda Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como um deles.

28 E, se Deus assim veste a erva que hoje está no campo e amanhã é lançada no forno, quanto mais a vós, homens de pouca fé?

29 Não pergunteis, pois, que haveis de comer, ou que haveis de beber, e não andeis inquietos.

30 Porque as gentes do mundo buscam todas essas coisas; mas vosso Pai sabe que haveis mister delas.

31 Buscai antes o reino de Deus, e todas estas coisas vos serão acrescentadas.

O que é o "estas coisas" que se lê em Mt, 6, 33 e em LC, 12, 31?

Observemos os outros versículos: “Por isso, eu vos digo: não vivais preocupados com o que vestir, quanto ao vosso corpo. Afinal, a vida não é mais que o alimento, e o corpo, mais que a roupa?” Jesus fala de coisas concretas: vida, saúde, comida, roupa, presente e futuro. Se Deus nos deu a vida, que é o maior dom que recebemos, não vai dar a roupa para nos vestirmos? É claro que sim! É o Senhor que nos diz: “Olhai os pássaros do céu: não semeiam, não colhem, nem guardam em celeiros. No entanto, o vosso Pai celeste os alimenta. Será que vós não valeis mais do que eles?” Se Deus cuida dos passarinhos, lhes dá alimento, ninho, filhotes, Ele não vai cuidar de nós? Somos muito mais do que passarinhos! E porque eles têm tudo isso? Porque os passarinhos seguem o sistema de Deus!

O que precisamos fazer é sair o mais depressa possível do sistema do mundo e mergulhar no sistema de Deus, que é a Divina Providência.

É preciso fazer a experiência!

Sim, a experiência vem, naturalmente, quando se opera o novo nascimento, que se dá na órbita do espírito. Dá-se o novo nascimento e, em acontecendo este, sem que seja um fenômeno, algo físico que possa ser tocado, o certo é que ele integra o Reino de Deus, que não é deste mundo, como Jesus mesmo disse. Porém, isso é fundamental, como *conditio sine qua non* para, na contrapartida da bondade dos Céus, Deus se comprazer e se alegrar com o homem, ainda na terra e, em sequência, também no Céu. Ele tem assim completado o seu plano de amor com o homem, gozando dele com ele e o homem gozando dele com Deus. Tudo isso na seara do espírito. Isto feito, como sendo o novo nascimento, algo que é como o vento, que não se sabe de onde vem, nem para onde vai, a garantia que se tem, em termos de dimensão homem-carne, é que ele terá o acréscimo prometido pelo evangelho, em saúde, em educação, em casa, em comida, em vestimenta, em conforto, pois o homem-espírito goza, com Deus, as delícias do Céu, e aquele que lhe é habitação, morada, o homem-carne, pelo homem-espírito, para tanto, amou a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo. Tudo quanto ficou normatizado, a partir do Monte Sinai, pelo dedo de Deus, e não pelo dedo do homem, os dez mandamentos, um a um, em encadeamento perfeito, tem plena validade; e não se pode pinçar um em detrimento de outro, valendo, isso sim, o conjunto mandamental. Tanto que se eu tomo o primeiro deles, rigoroso e exigente e exclusivista que o é, encontra sentido pleno no último deles, aquele que proíbe ao homem que cobice a coisa alheia, a coisa que pertence ao seu próximo. Por outro lado, não é no nome que reside a essência mandamental. Não adianta eu escolher o nome, seja Deus ou Javé e, no fim, não devotar o verdadeiro e único amor. Não adianta eu escolher o sábado, para descanso e, no fim, não devotar a meditação na palavra divina, enquanto descanso, já que, em outros seis dias eu devo trabalhar. Então, respeitada a organização social em cada sociedade em que se viva, eu tenho mesmo é que,

enquanto trabalho, ao mesmo tempo deva orar; oração e trabalho, pois, ou trabalho e oração. Isso é o que se pode ter por salutar. Além disso, é preciso que eu tenha um dia só para descanso do trabalho, dando lugar à ocupação pela palavra divina, dia esse que, respeitada a organização social, pode ser o sábado ou o domingo. Deus não é exigente para a sua criatura, que, em assumindo-se como o receptáculo que o é de uma de suas pessoas, o Filho, acede, em outra pessoa, em novo nascimento do espírito (santo). E, assim, a sequência rígida do Êxodo, acaso alterada, mas plenificada de observância mandamental é tudo quanto basta, sobretudo porque Deus não quer nem há de querer tudo de nós, mas apenas que dizimemos de nosso nascer de novo, em espiritualidade, um insignificante dez por cento.

Então, se há efetivo cumprimento dos mandamentos, sintetizados, pela autoridade de Jesus, em dois, certo é que o comer e o vestir virão, como acréscimos, sem que nos deixemos tomar por frenesis; e muitas outras formas de bem-estar virão também.

11

CRISTO ÚNICO SACERDOTE

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

O FOGO DO OURIVES

Hoje, você está no fogo do ourives? Se estiver, não se revolte nem tente fugir, apenas pare e deixe o ourives fazer o seu trabalho. A Bíblia diz em Malaquias, 3, 2: "E sentar-se-á, afinando e purificando a prata; e purificará os filhos de Levi, e os afinará como ouro e como prata; então ao Senhor trarão ofertas em justiça." Ao ler este versículo num estudo bíblico, uma mulher quis saber de que forma isto se relacionava com a sua caminhada com Deus. Então marcou uma hora para poder visitar um artista que trabalhava em prata. Sem dizer nada, apenas mencionando um interesse geral no processo, ela se sentou e o observou a trabalhar. Viu a forma como ele segurava a prata sobre o fogo, explicando que, para que todas as impurezas desaparecessem, tinha de mantê-la bem no meio do fogo, onde era mais quente. Ela perguntou-lhe se, normalmente, ele se sentava em frente ao fogo todo o tempo da duração do processo. "Sim" respondeu ele; "Não só porque tenho de segurar a prata, mas porque tenho de a observar. Se a deixar demasiado tempo no fogo, ficará destruída". Depois de pensar um pouco em tudo aquilo, a mulher perguntou: "Como é que o senhor sabe se o processo está completo?" Sorrindo, ele respondeu: "É fácil, vejo a minha cara refletida na prata". Ver na internet: <http://florescendo-no-deserto.blogspot.com.br/2012/03/prata-refinada.html>

O SABÃO DO LAVANDEIRO

O trabalho do lavandeiro era limpar os vestidos e branqueá-los (Mc 9.3). Os vestidos eram metidos em tinas de água em que se deitava alguma substância, correspondente ao nosso sabão (Mt 3.2). Os lavandeiros calcavam aos pés os vestidos e os batiam. O que então se usava como sabão era, entre outras coisas, o nítro, o álcali vegetal e a farinha de fava misturada com água. As diversas peças de pano eram branqueadas, esfregando-as com greda, barro ou marga. O exercício desta ocupação produzia cheiros nocivos - e era necessária grande extensão de terreno para secar a roupa. E, por conta disso, o campo do lavandeiro, em Jerusalém, ficava fora dos seus portões. Ver na internet: <http://dicionariobiblico.elosdejesus.com.br/lavandeiro/2954>

Todo e qualquer ser nascido de mulher deve, no plano espiritual, dar; e dar de graça, porque de graça ele também recebeu. Até que se pode dar tudo, tudo mesmo, sem com nada ficar nem querer para si, nisto consistindo, obviamente, a santidade de quem assim pôde alcançar o ato de se doar. E nisto está a dizimação, que é ação plena e integral de consumação de um dar desse tudo obtido de graça. Deus, todavia, no seu amor e na sua misericórdia, não exige de nenhum homem, em espírito, que ele se doe integralmente. A exigência reside, apenas, numa faixa mínima, que é o dízimo; a dizimação é a consumação, em sua integralidade, enquanto que o dízimo é o quanto Deus achou bastante, para que, em ação de todos, indistintamente, a sua Casa se bastasse com os mantimentos espirituais, para se sustentar espiritualmente. Todo o homem nascido de mulher, ao nascer de novo (*em circunstância que, como o vento, não sabe de onde vem, nem para onde vai*), há de dizimar, necessariamente, apenas no *quantum* de um dízimo, a décima parte de um total, portanto. Pode até ir além do dízimo e aí estará no plano das ofertas; ofertas que se, porventura, alcançam o total do obtido, faz instalada a condição da santidade, não custa nada repetir o que já se disse antes neste sentido. Mas, veja-se bem, Deus não obriga esse todo.

A partir do que se pode extrair do livro de Malaquias, o sacerdócio verdadeiro, o do Cristo-Jesus, não poderia realmente ser o daqueles sacerdotes do seu tempo, que tomavam os animais limpos que lhes eram entregues, para o sacrifício, e, no seu lugar, sacrificavam os defeituosos. Uma classe, pois, de desqualificados; desqualificados para Deus e para os homens, também, mas apenas quando estes alcançam uma organização social sadia é que os podem ver nesse qualificativo depreciador.

Todos os filhos de Levi, ou seja, aqueles da classe sacerdotal que buscam administrar mantimentos físicos de satisfação meramente fisiológica, os do tempo de Malaquias ou os dos tempos atuais são esses desqualificados. Nenhum deles, pretensos sacerdotes verdadeiros, o podem ser, enquanto admitirem que um ceutil apenas lhes entre no bolso a pretexto de paga pela pregação da palavra de Deus. A máxima deve ser, pois, o dar de graça o que de graça se recebe. Nem que este dar seja no tanto exigido por Deus, ou seja, no limite do dízimo, dos dez por cento, que não deve estar atrelado a *quantum* que se percebe honestamente todo o fim de mês, o salário. Mas tem que se dar nesse limite, um limite mínimo do crescimento espiritual de todo aquele ser nascido de mulher. Deus bondoso não se incomoda que o homem fique com noventa por cento do crescimento espiritual. É para o seu deleite, deleite de Deus, bem se entenda. Não pode é esse crescimento ficar egoisticamente em sua totalidade somente para o homem. O crescimento espiritual, em dez por cento, da parte do homem, é devolvido a Deus, para o mantimento espiritual de sua Casa. Ao homem-carne, crescido no espírito por ter feito a vontade de Deus, terá, por acréscimo, a promessa que está em Lucas, capítulo 12, versículo 31. Por isso se pode dizer que a sabedoria de Deus jamais pode ser igualada à sabedoria dos homens, pois se deixam estes mergulhar numa matemática que nada tem e nem entende de amor, mas tão somente da frieza de números.

Contudo, tal como um "*fogo de ourives*" ou um "*sabão de lavandeiro*", ambos em ofício de purificação, vão os filhos de Levi recebendo a graça em crescimento espiritual de um novo nascimento e, dessa graça, Deus os obriga, apenas, que ponham em sua Casa, como mantimento espiritual, o dízimo. Nessa Casa, então, vingará o estímulo de Deus que, por ela, se faz de espelho para todos os homens nascidos de mulher. E assim, eles são conduzidos, como o vento, em nascimento novo, que os transforma em odres novos do novo vinho de uma vida nova. Eis, pois, o papel do novo sacerdote, que deixa de ser filho de Levi, para se transformar no sacerdote eterno da ordem de *Melquisedeq*, aquele sem genealogia, que não teve nem pai nem mãe. Pois só um sacerdote desse tipo é que tem o condão de, à semelhança do ourives, ante o fogo, em sua arte, e também à semelhança do lavandeiro, em sua arte de limpar, ter o poder e a atenção necessários de um agir perfeito que trabalhe a verdadeira purificação.

Entra-se, agora e desde sempre, no santuário de Deus como sacerdote que é como "*fogo de ourives*" e como "*sabão de lavandeiro*". Disto e sobre isto nos falou e vivenciou um homem nascido de mulher, que foi precedido por outro, também nascido de mulher, ambos, entretanto, nascidos de novo, em espírito, este na via do arrependimento e aquele na via da doação total que o tornou uno com o Pai. Com o novo nascimento daquele, foi atingido, na terra, o império do Cristo, perante quem se dobram todos os joelhos. O precursor disse que era preciso que o precedido crescesse e ele diminuísse, porém isso não há de ser entendido como uma diminuição da importância deste. É que, em espírito, a dimensão é crescente e infundável e, por isso, o eu invade o ele de carne do precursor, santificando-a, processando a diminuição do eu para a escala de carne purificada, de sacerdote que age como "*fogo de ourives*" e como "*sabão de lavandeiro*".

Ambos, pois, o precursor e o precedido estão em unidade com Deus, pela força do Santo Espírito, pois deram e se doaram não na faixa da tolerância de Deus, que é a imposta em dez por cento de um crescimento em espírito. Eles se doaram por inteiro; tanto que o precursor, se não se elevou às alturas de perfeita união com Deus, obteve do precedido a sentença de que, dentre os nascidos de mulher, não há nenhum maior do que ele. Em ambos, pois, operou o Cristo, contudo há que se reconhecer que o próprio precursor foi quem, por puríssima humildade, se disse menor, mesmo sem o ser, na verdade. Há de se crer que ele esteja na mesma dimensão divina do Filho de Maria e de José. É que o Cristo não se resume a uma individualidade. Ele passa por individualidades, sem, entretanto, nelas se esgotar. À falta de um registro de divindade atingida pelo precedido no precursor, não se diga que a justiça de Deus não o tenha feito como também assentado à sua destra. Mas isso é discussão, apenas, porque o que interessa é dizer e proclamar que o Filho de Maria em seu sacerdócio foi mesmo tal qual *Melquisedeq*, não fazendo prevalecer a sua, mas a vontade de Deus, que era a de que se entregasse inteiramente por amor e nunca por sacrifício, este, como se sabe, inteiramente pertencente à dimensão humana, simplesmente. É que, da parte de Deus, ele abomina os sacrifícios e se compraz com a misericórdia e com o conhecimento que os homens possam ter da natureza dele.

Portanto, que haja como certa a sentença de que não se ata a boca ao boi que debulha e que o pregador faz jus ao seu salário, isto tudo, entretanto, simbolizado na matriz fundamental de que na palavra, que é graça, a sua obtenção pela graça vem e toda vez que um discípulo cresce o Mestre se dá por ressarcido e bem pago por um crescimento espiritual que se tenha operado. E assim se edifica, todos os dias, o Reino de Deus, cuja despesa sempre é cheia dos mantimentos espirituais mínimos, sustento e espelho em que devem se mirar os homens-carne, enquanto a parte maior do crescimento espiritual de qualquer homem, no ontem, no hoje e no sempre, aqui e alhures, em cor branca, negra ou amarela, em condição de riqueza ou de pobreza material, é Deus e é de Deus e somente dele.

Mas é preciso que o homem-carne nasça em espírito, o que só pode advir da pregação da palavra, que é gratuita, que é graça e que somente de graça e por graça há de ser ministrada e dada. Nada de confundir, pois, os mantimentos da Casa do Senhor, como diz o Profeta Malaquias, em elementos de satisfação fisiológica. Estes, sim, é que são decorrência daquele acréscimo referido por Lucas no capítulo 12 e versículo 31, e que não custa mais uma vez e, em remate, sempre proclamá-lo.

12

ENCADEAMENTO PERFEITO EM VERSÍCULOS

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Capítulo único

1 EU QUERO CHAMAR A ATENÇÃO E, POR ISSO, ESCREVO EM LETRAS MAIÚSCULAS, DO TAMANHO QUE FOR A CURIOSIDADE (MINHA TAMBÉM, POR QUE NÃO?),

2 INCLUINDO-ME, ASSIM, NA CABEÇA DO AUTOR QUE O SOU, AJUDANDO-O A TIRAR A SORTE GRANDE DA PERFEITA CRIAÇÃO,

3 JÁ PREVENDO QUE O CARRO CONDUTOR ME LEVA DE CARONA, ENQUANTO, DE MINHA PARTE, EU ME APRESENTO UM TANTO IMPERTINENTE.

4 E TUDO FAÇO PARA SER AGRADÁVEL, MAS EU VEJO A CARA FEIA DO AUTOR.

5 EU SEI QUE NÃO DEVO TEMER,

6 JÁ VEJO QUE SOU IMPORTANTE PARA ELE.

7 O CARRO EM QUE ESTAMOS BALANÇA A DIREÇÃO, VAI PARANDO AOS POUCOS E PÁRA, ENFIM, DEBAIXO DE UMA ÁRVORE FRONDOSA.

8 ENTÃO, A ESTÓRIA COMEÇA.

9 EU SOU O PROTAGONISTA QUE SAIO DA CABEÇA DO AUTOR.

10 ESTOU VESTIDO DE FARRAPOS, MAS MESMO ASSIM EU ASSUMO A POSIÇÃO DO AUTOR, EM SUA ELEGÂNCIA DE LINHO PURO, PURÍSSIMO...

11 VOU, DESTARTE, FAZENDO AS SUAS VEZES,

12 FEZES SUAS INCLUSIVE COMO SE FOSSEM MINHAS (DESCULPEM O REALISMO DESTA AFIRMAÇÃO),

13 SABIDO E GARANTIDO DE QUE A MESMA ESSÊNCIA QUE LHE FICOU EU A TENHO TRANSFERIDO PARA MIM,

14 DE MODO QUE EU PASSO A SER DELE, MAS EU PASSO A SER ELE, TAMBÉM.

15 O PODER DE CRIAÇÃO DE QUEM ESCREVE FICA, DESTARTE, ASSUMIDO NO PERSONAGEM DE SUA CRIAÇÃO.

16 SIM, QUEM AQUI ESCREVE É CRIATURA, MAS TAMBÉM É CRIADOR E A SUA CRIATURA EU O SOU;

17 EU É QUE NÃO LHE DOU TRÉGUA PARA ELE FAZER DE MIM O QUE BEM QUER.

18 QUE COISA MAIS LOUCA!

19 ASSIM O DIGAM OS QUE SE ASSENTAM NO POSTO DE ACOMODAÇÃO,

20 PENSANDO QUE CRIATURA E CRIADOR SÃO DIMENSÕES ESTANQUES.

21 MAIS CERTO POIS SERIA DIZER "*CRISTURA*"(?)... UMA MISTURA, PORTANTO, DE CRISTO COM CRIATURA.

22 E A ÁRVORE FRONDOSA BALANÇA OS SEUS GALHOS.

23 E É NELES E DE SUA FOLHAGEM QUE NA AUTONOMIA DO SER QUE PASSO A SER DE BRAÇOS SEMPRE DADOS COM O AUTOR (QUE ELE ACABE COM AQUELA CARA FEIA DEFINITIVAMENTE),

24 QUE EU VOU, AGORA, AJUDANDO-O NA "*DESFOLHAGEM*"...

25 ORA QUE AFIRMAÇÃO MAIS TONTA;

26 E EU DISSE AJUDANDO, QUANDO, POR CERTO, EU NÃO AJUDO,

27 EU FAÇO TANTO QUANTO ELE FEZ.

28 E AS FOLHAS QUE VÃO CAINDO E AQUELAS JÁ CAÍDAS COMO QUE ME PROPORCIONAM O ESPETÁCULO DA VIDA VIVIDA E POR VIVER.

29 SAIO DE MIM PARA APRECIAR TUDO

30 E NUM CANTO SOLITÁRIO EU VEJO O AUTOR, TOMADO DE UM DESÂNIMO ACENTUADO QUE ME PARECE LHE TOMAR POR COMPLETO.

31 EU, POIS, O TOMO PELA MÃO, COMO SE MÃO OU PÉS ELE TIVESSE.

32 POIS O AUTOR, ETERNO E INFINITO, NÃO TENHO EU COMO DEFINI-LO,

33 POIS DEFINIR É PÔR LIMITES.

34 E TERMINO POR DESCOBRIR QUE TAMBÉM ME FALTAM OS PÉS E AS PERNAS E OS BRAÇOS E AS MÃOS...

35 TUDO ENFIM QUE SERIA DE MIM E QUE TERMINO NÃO SENDO NA MESMA EXPRESSÃO E IMPORTÂNCIA DO CRIADOR SE EXIBE MAJESTOSO.

36 EU, ENFIM, CRIADOR, CRIADOR, TAMBÉM, TAMBÉM O SOU!!!

37 CARA FEIA DELE, AGORA QUE É MINHA CRIATURA?

38 NADA DISSO; SÓ A MINHA MESMO, A QUAL É A DELE, ...I-GU-AL-MEN-TE!..., I-GU-AL-MEN-TE!...

.....

Sem Capítulo

- Agora, pois, sem verso ou versículo, no discurso de uma prosa atrativa, no minúsculo das letras do leitor que me lê, fico a vê-lo desejoso da expressão do autor em mim, no tanto e no quanto permitiu que eu o fosse nele e ele em mim, misericordiosamente!

13

O VERDADEIRO SOFRIDO

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

1. Quem deu crédito à nossa pregação? E a quem se manifestou o braço do SENHOR?

2. Porque foi subindo como renovo perante ele, e como raiz de uma terra seca; não tinha beleza nem formosura e, olhando nós para ele, não havia boa aparência nele, para que o desejássemos.

3. Era desprezado, e o mais rejeitado entre os homens, homem de dores, e experimentado nos trabalhos; e, como um de quem os homens escondiam o rosto, era desprezado, e não fizemos dele caso algum.

4. Verdadeiramente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades, e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus, e oprimido.

5. Mas ele foi ferido por causa das nossas transgressões, e moído por causa das nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados.

6. Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo seu caminho; mas o SENHOR fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos.

7. Ele foi oprimido e afligido, mas não abriu a sua boca; como um cordeiro foi levado ao matadouro, e como a ovelha muda perante os seus tosquiadores, assim ele não abriu a sua boca.

8. Da opressão e do juízo foi tirado; e quem contará o tempo da sua vida? Porquanto foi cortado da terra dos viventes; pela transgressão do meu povo ele foi atingido.

9. E puseram a sua sepultura com os ímpios, e com o rico na sua morte; ainda que nunca cometeu injustiça, nem houve engano na sua boca.

10. Todavia, ao SENHOR agradou moê-lo, fazendo-o enfermar; quando a sua alma se puser por expiação do pecado, verá a sua posteridade, prolongará os seus dias; e o bom prazer do SENHOR prosperará na sua mão.

11. Ele verá o fruto do trabalho da sua alma, e ficará satisfeito; com o seu conhecimento o meu servo, o justo, justificará a muitos; porque as iniquidades deles levará sobre si.

12. Por isso lhe darei a parte de muitos, e com os poderosos repartirá ele o despojo; porquanto derramou a sua alma na morte, e foi contado com os transgressores; mas ele levou sobre si o pecado de muitos, e intercedeu pelos transgressores. (ISAÍAS, 53)

Isso é o que se pesca do Antigo Testamento, onde Deus aparece movido do propósito de um Deus sanguinário, que se compraz com sofrimento de sangue. Mas também desse mesmo Antigo

Testamento se extrai, em *OSÉIAS*, capítulo 6, versículo 6: "**Porque eu quero misericórdia e não sacrifício; e o conhecimento de Deus, mais do que holocaustos**".

Em cima, precisamente, de uma visão como a de ISAÍAS, construiu PAULO o Cristianismo, em suas Cartas, pregando o Deus do Novo Testamento, aquele Deus que exigira do seu Filho Unigênito o sacrifício de sangue, numa cruz. E que, com isto, ele carregou, no nosso lugar, todas as nossas dores, todos os nossos pecados... que absurdo!

Ora, não estamos, aqui, para negar que o filho de José e de Maria tenha padecido. Sim, ele padeceu, mas nunca por um desígnio dos Céus, por um projeto de Deus.

Se a palavra central é sofrimento, o único que sofreu nessa história religiosa foi Deus e unicamente ele. Dizemos unicamente, porque o sofredor por extensão, seu Filho Unigênito, o Cristo, também sofreu e vem sofrendo, sofrimento este que persistirá até o fim dos tempos. Pois Deus, o Filho e o Espírito Santo - este que permite que o escriba agora escreva - sofreram e continuam a sofrer por se terem permitido **no**, **ao** e **para** o mundo.

O sofrimento do Homem de Nazaré, aquele que teve lugar na sexta-feira que dizem ser santa, mas a proclamamos ignóbil, foi obra da perversidade dos homens, nunca de uma determinação da Divindade.

Jesus foi sim o renovo que terminou subindo o monte e, nessa subida, o clímax, na senda divinal, foi sua verdadeira entrega no *Gtesêmani*; nunca aquele último suspiro que deu quando foi criminosamente pendurado numa cruz, pela vontade de sangue dos homens, no Calvário.

Porque eu quero misericórdia e não sacrifício e o conhecimento de Deus e não holocaustos - nisto reside o caminho para o *Gtesêmani*. Foi, pois, na quinta-feira, após ele instituir o novo sacerdócio, após ele prever sua morte criminoso, instituindo a eucaristia, referindo-se a pão e a vinho como sendo sua carne e o seu sangue, pedindo aos seus que dessa ceia, dessa missa, fizessem o meio de o lembrar, de mantê-lo retido em suas memórias, foi - dizíamos - nesse dia, mais propriamente nessa noite, que ele, por misericórdia de Deus e sua também, em integração e harmonia com o Pai, Deus, que ele se entregou: **não seja feita a minha, mas a tua vontade**. E essa vontade de Deus não exige sacrifício além daquele que já vem suportando a Divindade. Essa vontade é expressa no exato conhecimento que o homem-espírito, residido no homem-carne, tenha de Deus, a partir do que restou codificado pelas pontas de seu dedo, em pedra, no Monte Sinai. Sim, ali, naquele jardim de *Gtesêmani*, após a ceia tão famosa, ele se entregou total e incondicionalmente, podendo-se dizer, por isso, do acerto de sua afirmação: **eu venci o mundo**. Ele não disse que venceria o mundo depois do último suspiro, numa cruz. Ele disse, enquanto ainda vivo de uma vida que palpitava, que **venceu** o mundo. Logo, o conhecimento acerca de Deus foi em escala tão poderosa, que o ser de homem-carne já teve o poder de se antecipar à eclosão escatológica. O que os olhos do mundo puderam ver, no domingo, foi a mesma ressurreição que, já na quinta-feira, à noite, era implícita ao seu espírito, mas não ao dos homens ao seu derredor, nem ao dos seus algozes, nem ao dos seus discípulos. Com a certeza de uma verdadeira ressurreição, já ali ele havia vencido o mundo e, por isso, ele não tinha mais como sofrer suas dores. Todo o cenário de flagelação, de peso de cruz, carregando-a, de corpo traspassado por lança, de coroa de espinhos, de estar suspenso no madeiro, pés e mãos presos por cravos, tudo isto sentiram os homens; tanto os que o julgaram e os que não o julgaram, também, porque tudo não passou de algo de uma dimensão terrena e nunca do Céu. E, nesta dimensão, a do Céu, ele já estava com Deus. E nem é bem próprio

se dizer que ele estava, porque o "*seja feita a vontade de Deus*" é fruto do amor exclusivo que ele passou a ter para com Deus, no que não se pode dizer estar embutido sacrifício de sangue e de morte, mas de puríssimo e bendito amor de entrega. "*Amor a Deus, exclusivo, e aos homens como a si mesmo*". Esse dúplice e necessário condicionamento não decorre de sangue escorrendo pelo lenho de uma cruz, mas dessa entrega total que já não permite que se sinta as dores do mundo. E é assim que a morte física, mesmo se fosse aquela decorrente da natural falência dos órgãos vitais, como assim aquela fruto da perversidade dos homens que terminou acontecendo ao seu corpo já entregue, foi processada em meio a sorrisos de vitórias que o seu espírito teve sobre ela. Sim, morre-se, na via biológica, quem quer que seja e, nela, morreu o filho de José e de Maria. Porque ele foi homem-carne. Mas, como renovo que terminou subindo o monte, chegou à integração total com a Divindade, pelo seu lado homem-espírito, consciente plenamente de que o sofrimento desta já vinha se operando no curso do tempo e, então, o Cristo nele abrigado fê-lo pender para o amor de entrega e não mais para sacrifício e holocausto. Conheceu, pois, a Deus, plenamente, atendendo-lhe a ordem da misericórdia, do não sacrifício.

Portanto, assim como o Filho do Carpinteiro foi o renovo, que subiu o monte, não vale que, na sede de sangue e de violência do Antigo Testamento, tão bem seguidas pelos que fizeram o Novo Testamento, mormente nas Cartas Paulinas, não vale - dizíamos - que ele seja o abrigo de cada um de nós ante essa sede e essa violência (sofrimento), porque, em verdade, o que vale é que cada um de nós também possamos não propriamente ser pretensiosos a ponto de abrigar a perfeição Nazarena, mas sempre, com os nossos pés, caminhar em direção ao monte no qual ele, em espírito, conseguiu chegar. Fazendo assim, só assim, se tem a possibilidade de, sempre em espírito, se nascer de novo, num nascimento, portanto, em que o nascido, assim como o vento, que não sabe de onde vem nem para onde vai, igualmente não tem meta própria, de interesse seu, mas aquela que está no desígnio de Deus. Pois a sua vontade é que prevalece, sempre. Tudo porque o nascido de novo é aquele que morreu para as ilusões deste mundo, sem, entretanto, dele fugir, porque é nele que ainda se encontra não somente esse nascido, mas tantos e tantos outros que também hão de nascer de novo.

Vamos, pois, amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos; isto é fazer a vontade de Deus, sem ideia nem concretização de sofrimento, além daquele que o próprio Deus e o seu Unigênito Filho já vêm suportando desde quando se dignaram em se permitir *no, ao e para* o mundo.

Agora, se esses amores implicam em sacrifício, com certeza o serão para a dimensão-carne do homem; por isso, esses amores hão de residir e prosperar no homem-espírito, quando do novo nascimento!

Nasçamos de novo, pois! Mas como o vento, que não sabe de onde vem nem para onde vai. E, sendo assim, que nos conscientizemos de que essa realidade de carne que somos nós jamais poderá chegar a tanto. É preciso que, tal como em Jesus, tudo aconteça em espírito. E, em espírito, se conheça plenamente a Deus, sem sacrifício, nem mesmo aquele tão apregoado em relação a Jesus e que foi obra criminosa dos homens, sejam os do seu tempo histórico, sejam os de todos os tempos da História. Nasçamos de novo, pois, repetimos, assumindo, em remate, que o verdadeiro sofrido é Deus!

14

A MELHOR DAS OFICINAS

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Entrega-se à oficina do diabo quem se envolve em pretensas e profundas análises bíblico-apocalípticas, pois, não do outro lado dessas pretensas e profundas análises, mas em uma totalidade onde inclui também aquele estado beligerante de Satã, impera Aquele único que faz da sua oficina o Sentido único, que salva: Deus. E isso como somatório de todos os Eus..., inclusive os dos coitados que se perdem e ficam pelo meio do Caminho, rotos os seus próprios mantos que, entretanto, serão sobrepostos pelo da Misericórdia Maior. Logo, o que está escrito, que assim esteja, e se dele e nele há lugar para esses que empregam seu tempo precioso em discussões, fruto do conhecimento intelectual do conhecimento do bem e do mal, bom seria, sem prejuízo do livre arbítrio, que dessa oficina todos se livrassem. Todavia, como nem Miguel pôs reparo em Satã por disputar o corpo de Moisés (vide Epístola de Judas), deixemos caminhar, em fluxo e refluxo, essa liberdade de agir, mesmo que, no fim, tudo retorne, como é de Justiça, ao Senhor, uns com penas cumpridas, outros, não! Enquanto isso, sejam-nos bem-vindos os officios dos que operam na oficina de Deus, com Eus numerosos na faina divina, dispostos ao ser-viço, atendendo aos famintos (de toda a espécie de fome), aos sedentos (de toda a espécie de sede), aos nus (de toda a espécie de nudezas), aos presos (de todos os tipos de prisões), aos doentes (de todos os tipos de doenças), agindo os seus atores, para tanto, com alegria e muito sorriso nos lábios, como construtores de um novo Céu e uma Nova Terra... Ali, seus habitantes, pobres de espírito, não se escravizam dos objetos, ou seja, de todo o conjunto de coisas que se projetam de fora para dentro de si. Também, e mais importante, ainda, não somente esses objetos não os consomem, mas o seu próprio coração é que se liberta deles. Assim, eles se tornam mansos, têm mansidão, a ponto de dizerem que possuem a terra. Passam à condição de rocha, que se mantém firme aos ventos e às tempestades, com disposição sempre de servir, de coração e mente abertos a ceder não somente a roupa do corpo, mas até mesmo a capa, numa postura determinada, internamente, a não revidar o soco recebido, mas até mesmo de oferecer a outra face, enfim, provado no fogo da luz que constrói a resistência sem dar vez à violência.

Ouço o barulho dessa oficina onde trabalho com os amigos de Deus, numa faina onde o cansaço cede vez à esperança de dias melhores, enquanto o eterno e o infinito não se instalam de vez.

Assim seja e permaneça.

15

Leia, antes, Lucas 16, 19-31

ABRAÃO, CRISTO E O VERDADEIRO NÍVEL DE ESPIRITUALIDADE

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

A parábola do rico e do pobre, retratada em Lucas 16, 19-31, não engana os que, em espírito, navegam a "*crísticidade*" resultante da integração do Eu do homem-espírito com Deus. Este, pois, resulta, no final, na sucessão de tantos Eus, bastando, pois, a adjunção de um "D" maiúsculo para uni-los em eternidade e infinitude.. D...eus!

O rico e o pobre da parábola não estavam nesse nível. O rico, por óbvio, porque ardendo no Hades; o pobre, se bem que numa situação confortável, não estava no seio de Deus, mas, sim, no de Abraão.

Ora, bem se pode ver em João, capítulo 8, versículo 58, que Jesus, em plenitude de Espírito, disse: "antes que Abraão fosse eu sou". E esse Eu Sou tem que ser maiúsculo, porque é Deus! Foi, pois, num estágio ainda muito distante do Céu, onde é o Trono de Deus, que se passaram as cenas dessa parábola. Ou seja, menos longe dele, o pobre Lázaro vivia delícias no seio de Abraão e longe dele, muito longe, no Hades, que é o inferno, estava o rico ardendo no fogo.

É preciso, então, o nível de Espiritualidade revelado em João, pois neste conforto não se sentiu o próprio patriarca Abraão, ao dizer, em remate, na parábola em tela, no versículo final, de número 31: "*Se não ouvem a Moisés e aos profetas, tão pouco acreditarão, ainda que algum dos mortos ressuscite.*"

Então, claro, Abraão não era nem mesmo próximo ao Trono de Deus. Apesar de sua condição de patriarca importante, a quem, por Deus, foi imputada justiça, pela fé inquebrantável, estava, como ainda deve estar, em processo de ressurreição, à espera do grande cenário escatológico.

A grande lição que Jesus quis passar com a parábola em tela é a de que ele, sim, é superior, que a sua mensagem não se confunde com a de Moisés e de outros profetas. Os que se deixam iludir nos seus limites não sabem, sequer, o valor maior, que é o da ressurreição. Só com ela é possível se aproximar do Trono de Deus, fazendo como fez Jesus, morrendo ainda vivo e vivo permanecendo, nascendo de novo, de forma tal que pôde se antecipar ao fenômeno escatológico. Nenhum vestígio do seu corpo ficou, a não ser a certeza de que ele permanece vivo e bem vivo continua no meio de nós.

O homem rico, então, era um iludido que pediu socorro a um outro ainda em processo de ilusão à espera de ressurreição, Abraão, este também acompanhado do pobre Lázaro da parábola ora

em consideração. Ainda bem que, em vantagem de Espiritualidade indiscutível, se vê Abraão consciente de que é preciso mais, muito mais do que Moisés e os profetas, pois só com Cristo Jesus ou Jesus Cristo é possível a redenção que advém da ressurreição.

Amém!!!

16

ACUSADOR

(Para iniciados e iniciandos, letras motas para profanos)

No sistema jurídico em geral, cada caso é levado ao juiz, sendo as partes (a que acusa e a que é acusada) representadas, seja por um advogado, seja por um Procurador, seja por um Promotor. No sistema judaico antigo, o juiz recebia o ofendido e este era quem, diretamente, assumia a condição de acusador. Diz-se que Promotor é Satanás, porque este é o acusador, perante Deus, na terra, sempre acusando os homens do seu afastamento de Deus, procurando convencer Deus de que ele Satanás é quem tem domínio sobre a terra. Alias, no livro de Jó, segundo a alegoria em que o mesmo se apresenta, Deus perguntou a Satanás (que é Lúcifer, o anjo caído, o qual fora, após a guerra com Miguel, precipitado na terra), Deus perguntou - dizíamos - num dia em que os filhos de Deus vieram se apresentar ao Senhor, no meio dos quais se tendo introduzido Satanás, lhe perguntou por onde ele Satanás andava e este respondeu que vinha de rodear a terra e passear por ela. Todo o livro de Jó é o meio de mostrar o sistema de acusação, da parte de Satanás, porém Deus não usa do seu poder para vencer a este, mas, ante tudo por quanto passou Jó, ele simplesmente demonstra o seu caráter divino. A alegoria é clara quanto à disposição de Deus, igualzinha àquela dispensada a Lúcifer, quando este fora derrotado na batalha que travara contra Miguel. É claro que sua onipotência, sua onisciência e sua onipresença, por si, bastariam para esmagar aquele perdedor; porém, ao invés disso, fê-lo precipitado na terra, aquela terra daquele mundo que tivera início por meio do seu verbo, de sua palavra; *fiat lux*. Terra, pois, em a qual repousa o maligno. E Satã, agora, em Jó, representa o lado Adão deste filho fiel de Deus. Um filho que diante de todas as desgraças que lhe fez pesar a sua carne, no comando de Satã, reservou, todavia, a integralidade do eu, que é a substância divina nele operante e operada. O ponto culminante de Jó é a demonstração de que Satã tem domínio na terra, sim, no limite, entretanto, em que não rivaliza com o poder de onisciência, de onipresença, de onipotência de Deus. E, prevalecendo, no caso, o caráter divino e do divino, Satã amargou, como sempre amarga, a decepção de não ultrapassar, nunca, os acontecimentos de uma imanência, como é a da totalidade deste mundo de terra em que ele resultou precipitado. Por isso, em tentativas que não cessam, ele assim continua, numa teimosia constante, irritante. Afinal, este é o seu papel, o de acusar, o de defender e se defender como sendo o dono da terra para a qual terminou precipitado. Ele, assim, faz continuar a pretensão de Lúcifer, em estratégias as mais terríveis, usando da própria matéria do mundo; matéria que é artefato de sua astúcia, que está em todo o tempo e lugar, como essa realidade de carne, de músculos e ossos deste escriba que ora digita neste *tablet*.... É que, sem me despir dessa cruel realidade, no pobre mim de mim mesmo, que é tangível e que tem espaço e peso e dimensão, por palavra, verbo, se manifesta, pela Misericórdia de Deus, Misericórdia para comigo e para com ele próprio, também, pois se fez, como sempre grande, no pequeno homem para conter nele, pois, sua própria grandeza, performance jamais possível a Satã, que só faz tentar e enganar. Ah, como Deus é bom, pois permite nascer do meio das trevas da terra que é pseudo domínio de Satã, onde ele o exerce intensamente, que surja a luz do seu amor esparramado nesse modesto escrito, permita-me assim concluir o leitor, leitor este que, como o eu de mim e como o eu de si, no conjunto, assim, de tantos eus, nos transformamos, sem soberba, no Deus verdadeiro, que triunfa, sempre, e desaponta Satanás. Enquanto isso, ele, de derrota em derrota, vai seguindo o seu caminho de teimosia e de exibição de uma beleza que lhe ofusca o poder (falso) com o qual se realiza como operante e operado, e assim devendo prosseguir até que se processe o final embate de *Armagedom*...

17

REALIDADE MATERIAL VERSUS "REALIDADE" ESPIRITUAL

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Apocalipse 3:20 Eis que estou à porta, e bato: se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa, e com ele cearei, e ele comigo.

Tudo quanto está expresso neste versículo posto em destaque se dinamiza num Reino, que não é terreno, e, portanto, manifestado em espírito, enquanto muitos nascidos de mulher, que vivem se presumindo santidade, se deixam conduzir pelo sentido material de uma presença, de uma porta de madeira ou de qualquer outro material, de uma batida com os dedos fechados de uma mão ou mais suave, batendo palmas ou mais suave ainda dedilhando sobre o material da porta, enfim pelo sentido de uma casa, pelo sentido de uma mesa posta, com uma ceia. Na verdade, tudo isso se opera como conduta do Eu, que é aquilo que se não pode ver nem tocar, e que se integra à Divindade e que não tem o ouvido material, carnal e ouve, mas numa audição nada material; ouve - dizíamos - uma voz que não ressoa nos tímpanos materiais e de carne, pois também essa voz não é qualquer voz, mas a voz inconfundível Dele, do Senhor; e entrar Ele na casa significa que Ele, o Senhor, independente de sua vontade, leitor, e da minha também e a de qualquer ser nascido de mulher, já é permanente no nosso interior, interior este que não é o profundo da nossa caixa torácica, nem o profundo do nosso crânio ou do nosso estômago; essa permanência, nesse interior, é o Eu que é Cristo em nós, seja este nós até mesmo um dos maiores dos pecadores deste mundo; e pode abrir a porta que não se confunde com o pegar numa maçaneta, mas no próprio interior já explicado é que desperta o Eu em intimidade com o Senhor que ceia, ou seja, que quer estar à vontade com você e não como simples visitante, porque Ele quer a reciprocidade, com você também com ele jantando... tudo, tudo, pois, em espírito...

Viu, leitor, como é fácil perceber? A linguagem bíblica é a linguagem perfeita de Deus, porém apresentada na linguagem imperfeita dos homens, imperfeita não porque esteja errada, mas porque se prevalece do conduto material para deixar subjacente o espiritual e, por isso, muitos ficam a se presumirem santos, na carne, por confundirem o espiritual com o material. Logo, neste versículo ora em comento, este que ora escreve e que assim o faz como carne, está procurando lhe dizer, leitor, que, na essência, não se deve fixar numa existência presencial de um alguém personificando Deus, nem também na existência de algo material que denominamos porta, nem no gesto humano de fechar a mão e bater nessa porta material, nem que haja uma voz com vibração física, sonora, nem num ato de se pôr a mão na maçaneta de uma porta, para abri-la, nem no concreto de uma casa, nem, finalmente, que haja uma mesa para uma ceia em que o Senhor seja nosso íntimo e nós Dele, também. Tudo, muito pelo contrário e bem mais valioso e mais santo e mais divino, é processo que só em espírito se dinamiza num Reino que não é da realidade deste mundo da planta dos nossos pés.

Que, naturalmente, leitor, se confunda a sua carne e a minha, também, mas o sentido do espírito, por vontade divina, penetre, nessa pobre linguagem humana, já que é presunção do escriba que ele penetre, quando não tenho nem ninguém deste mundo tem a forma de linguagem que o possa traduzir e explicar.

Deus nos ajude, mas o que é ajudar para a dimensão espiritual no íntimo do Eu que é o Cristo em cada uma de nossas carnes?

Espírito seja o consolo, isto ainda na linguagem pobre que nos é possível exprimir...

18

EM SOCORRO AO INTÉRPRETE

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

... porque (*maior explicação*) Deus (*maior ser*) amou (*maior mandamento*) ao mundo (*maior alvo do amor de Deus*) de tal maneira (*maior intensidade*) que deu (*maior dádiva*) o seu Filho Unigênito (*maior expressão de Deus*) para que todo (*maior abrangência*) o que nele crê (*maior condição*) não pereça (*maior condenação*) mas tenha (*maior conquista*) a vida eterna (*maior esperança*) - Evangelho de João 3, 16

Grandeza, grandeza, grandeza,
Que bonito!
Que maravilhoso!
João está certo.
Dentre todas as grandezas,
Olhemos para aquela em que se diz, bem ao centro:
"que deu",
Que deu, interpretado, aqui, como maior doação.
Mas, deu, deu, doou, doou com qual finalidade?
Para morrer?
Para ser coroado de espinhos?
Para sofrer chibatadas?
Para ser cuspidor?
Impossível!
O Filho Unigênito de Deus
É eterno, é infinito.
Já pensou em matar o eterno?
Já pensou em matar o infinito?
E a coroação, como fica?
Esse filho não tem cabeça.
Como se lhe pode ajustar uma coroa?
Ah, João está certo, repito,
quando colocou Filho Unigênito, no seu texto,
no lugar de Jesus de Nazaré.
Ora, mas este não encarnou o Filho de Deus?
É verdade, mas em espírito, minha gente!
E seus olhos, de espírito, viram (verbo ver);
Indimensão esta em que viram (verbo virar)
Tal como metamorfose
A realidade de sua carne

Em "realidade" de espírito
Antes da morte biológica
Em antecipada glória
Vencendo o mundo
No *consumatum est*
Do Jardim de *Gtesêmani*.
E o "que deu"
Traduzido em grandiosa doação
Fique distante, por isso,
Definitivamente
De corpo crucificado,
De cravos penetrando carne
De espinhos em coroa
Que furam
De lança que fere
De chibata que lacera
Porque tudo isso
Foi obra dos homens
Dos homens malvados.
Deus é que Se fez sofrer
Humildemente
Permitindo-Se existir
No Filho Unigênito
Vivido em espírito
Pelo Homem de Nazaré.
Portanto, que a grandeza final
"Vida Eterna"
Seja, do Céu,
Já projetada nesta Terra,
Como certeza, realidade,
Aos que vivenciam o Cristo,
O Filho Unigênito
Nunca como esperança
Que isto não é grandeza
E que disso resultem
Ainda nos dias
De todos os dias
Os hoje de sempre
As cruzes
Os cravos
As lanças
As chibatas
Como artefatos de homens
Jamais como artefatos de Deus
Do Deus sempre doado
No Filho
Por Amor

19

FALAR EM LÍNGUAS COM SER-VIÇO*(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)***MARCOS, Capítulo 16**

17 E estes sinais seguirão aos que **crerem**: Em meu nome expulsarão os demônios; **falarão novas línguas**; 18 Pegarão nas serpentes; e, se beberem alguma coisa mortífera, não lhes fará dano algum; e porão as mãos sobre os enfermos e os curarão.

ATOS, Capítulo 2

1 E cumprindo-se o dia de Pentecostes, estavam **todos** reunidos no mesmo lugar; 2 E de repente **veio do céu um som**, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados. 3 **E foram vistas por eles línguas repartidas, como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles.** 4 **E todos foram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem.** 5 **E em Jerusalém estavam habitando judeus, varões religiosos, de todas as nações que estão debaixo do céu.** 6 E, **correndo aquela voz, ajuntou-se uma multidão, e estava confusa, porque cada um os ouvia falar na sua própria língua.** 7 E logo todos pasmavam e se maravilhavam, dizendo uns aos outros: Pois quê? **Não são galileus todos esses homens que estão falando?** 8 **Como pois os ouvimos cada um, na nossa própria língua em que somos nascidos?** 9 Partos e medas, elamitas e os que habitam na Mesopotâmia, e Judeia, e Capadócia, Ponto e Ásia, 10 E Frigia e Panfília, Egípto e partes da Líbia, junto a Cirene, e forasteiros romanos, tanto judeus como prosélitos, 11 Cretenses e árabes, todos os temos ouvido em nossas próprias línguas falar das grandezas de Deus. 12 E todos se maravilhavam e estavam suspensos, dizendo uns para os outros: Que quer isto dizer? 13 E outros, zombavam, dizendo: Estão cheios de mosto.

PRIMEIRA EPÍSTOLA AOS CORINTOS, Capítulo 14

1 Segui a caridade, e procurai com zelo os dons espirituais, mas principalmente o de profetizar. 2 **Porque o que fala língua estranha não fala aos homens, senão a Deus; porque ninguém o entende, e em espírito fala de mistérios.** 3 Mas o que profetiza fala aos homens para edificação, exortação e consolação. 4 O que fala língua estranha edifica-se a si mesmo, mas o que profetiza edifica a igreja. 5 E eu quero que todos vós faleis línguas estranhas, mas muito mais que profetizeis, porque o que profetiza é maior do que o que fala línguas estranhas, **a não ser que também interprete para que a igreja receba edificação.** 6 E agora, irmãos, se eu for ter convosco falando línguas estranhas, que vos aproveitaria, se vos não falasse ou por meio da revelação, ou da ciência, ou da profecia, ou da doutrina? 7 Da mesma sorte, se as coisas inanimadas, que fazem som, seja flauta, seja cítara, não formarem sons distintos, como se conhecerá o que se toca com a flauta ou com a cítara? 8 Porque, se a trombeta der somido incerto, quem se preparará para a batalha? 9 Assim também vós; se com a língua não pronunciardes palavras bem inteligíveis, como se entenderá o que se diz? Porque estareis como que falando ao ar. 10 Há, por exemplo, tanta espécie de vozes no mundo, e nenhuma delas é sem significação. 11 Mas, se eu ignorar o sentido da voz, serei estrangeiro para aquele a quem falo, e o que fala será estrangeiro para mim. 12 **Assim também vós, como desejais dons espirituais,**

procurai abundar neles, para edificação da igreja. 13 Pelo que, o que fala língua estranha, ore para que a possa interpretar. 14 Porque, se eu orar em língua estranha, o meu espírito ora bem, mas o meu entendimento fica sem fruto. 15 Que farei pois? Orarei com o espírito, mas também orarei com o entendimento; cantarei com o espírito, mas também cantarei com o entendimento. 16 *Doutra maneira, se tu bendisseres com o espírito, como dirá aquele que ocupa o lugar de indouto o Amém, sobre a tua ação de graças, visto que não sabe o que dizes?* 17 Porque realmente tu dás bem as graças, mas o outro não é edificado. 18 Dou graças ao meu Deus, porque falo mais línguas do que vós todos, 19 Todavia eu antes quero falar na igreja cinco palavras na minha própria inteligência, para que possa também instruir os outros, do que dez mil palavras em língua desconhecida. 20 Irmãos, não sejais simples no entendimento, mas sede simples na malícia, e astutos no entendimento. 21 Está escrito na lei: Por gente doutras línguas, e por outros lábios, falarei a este povo; e ainda assim me não ouvirão, diz o Senhor. 22 De sorte que as línguas são um sinal, não para os fiéis, mas para os infiéis; e a profecia não é sinal para os infiéis, mas para os fiéis. 23 Se pois toda a igreja se congregar num lugar, e todos falarem línguas estranhas, e entrarem indoutos ou infiéis não dirão porventura que estais loucos? 24 Mas, se todos profetizarem, e algum indouto ou infiel entrar, de todos é convencido, de todos é julgado. 25 Os segredos do seu coração ficarão manifestos, e assim, lançando-se sobre o seu rosto, adorará a Deus, publicando que Deus está verdadeiramente entre vós. 26 Que fareis pois, irmãos? Quando vos juntais, cada um de vós tem salmo, tem doutrina, tem revelação, tem língua, tem interpretação. Faça-se tudo para edificação. 27 E, se alguém falar língua estranha, faça-se isso por dois, ou quando muito três, e por sua vez, e haja intérprete. 28 Mas, se não houver intérprete, esteja calado na igreja, e fale consigo mesmo, e com Deus. 29 E falem dois ou três profetas, e os outros julguem. 30 Mas se a outro, que estiver assentado, for revelada alguma coisa, cale-se o primeiro. 31 Porque todos podereis profetizar, uns depois dos outros; para que todos aprendam, e todos sejam consolados. 32 E os espíritos dos profetas estão sujeitos aos profetas. 33 Porque Deus não é Deus de confusão, senão de paz, como em todas as igrejas dos santos. 34 As mulheres estejam caladas nas igrejas; porque lhes não é permitido falar; mas estejam sujeitas, como também ordena a lei. 35 E, se querem aprender alguma coisa, interroguem em casa a seus próprios maridos; porque é indecente que as mulheres falem na igreja. 36 Porventura saiu de entre vós a palavra de Deus? Ou veio ela somente para vós? 37 Se alguém cuida ser profeta, ou espiritual, reconheça que as coisas que vos escrevo são mandamentos do Senhor. 38 Mas, se alguém ignora isto, que ignore. 39 *Portanto, irmãos, procurai, com zelo, profetizar, e não proibais falar línguas. 40 Mas faça-se tudo decentemente e com ordem.*

Quero dizer, com forte convicção, que Paulo foi bastante tático, para tentar apagar um incêndio que devorava Corinto, lugar para cujos fiéis escreveu duas Epístolas, devendo-se considerar, neste particular, o Capítulo 14 da primeira dessas Cartas. Antes de nos dedicarmos ao inteiro teor do referido Capítulo, é importante situarmos exatamente o que quer dizer "**falar em línguas**" ou "**falar em língua estranha**", como se vê nas três passagens bíblicas colocadas como introito dessas modestíssimas considerações. "**Falar em línguas**", como dito no Livro dos Atos dos Apóstolos, não significa que os **galileus** ali referidos - aqueles que foram discípulos do Mestre ressurrecto, Jesus de Nazaré - tivessem, realmente, falado em cada língua de quantos homens estrangeiros se encontravam, naquela ocasião de uma primeira manifestação pentecostal, em Jerusalém, em meio a uma festa judaica, ao que se pode crer. Veja-se que quem **falava** eram **galileus** e quem os **escutavam** eram os **estrangeiros** - os partos e medos, os elamitas, os da Mesopotâmia, Judeia, Ponto e Ásia, os da Frígia, Panfília, os do Egito e os de partes da Líbia, junto a Cirene, forasteiros romanos, tanto judeus como prosélitos, os cretenses e árabes. Era, pois, gente **estrangeira** bem diversificada. Essa gente, junto aos **galileus**, foi alvo das línguas de fogo de Pentecostes, sim, mas eles foram os que **escutaram** e não os que **falaram** em línguas. Quem **falou** em línguas foram os **galileus**, justamente aqueles discípulos de Jesus, que o acompanharam na

Galileia, de onde provinham não somente eles, mas o Mestre Divino, também. Afinal de contas, a fonte de onde se retira essa ilação é um livro que tem o nome de Atos dos Apóstolos e estes Apóstolos bem exatamente foram aqueles homens que formavam o grupo dos doze discípulos, não se devendo admitir que esse livro fale de Atos de personagens estranhos e esses doze, à exceção apenas de Paulo, cujos Atos também ficam tão à mostra, tanto que ele também passou à categoria de Apóstolo, como bem se sabe. Pois bem: os que **falavam** o faziam segundo a doutrina do Mestre, na linguagem universal do amor de Deus, compreensível em qualquer língua humana. Por isso, os **estrangeiros** que escutaram os **galileus** falando não tiveram a fala em seus ouvidos, a fala que é comum ao humano, mas a fala universal que foi pregada e vivida pelo Mestre. Essa fala, essa linguagem ela é compreensível por parte de qualquer ser humano, seja qual for a língua humana que ele fale. Eles foram **influenciados** pela visão do fogo, como se fosse em línguas, que não têm nada a ver com a língua de cada um daqueles estrangeiros. Inclusive também foram **invadidos** por elas os próprios **galileus**, que ali também estavam, formando aquele grupo de quase cento e vinte pessoas, como está dito no Capítulo primeiro do livro dos Atos dos Apóstolos. Os **galileus falavam** e os **estrangeiros escutavam**, porque aqueles falavam mistérios, pois assim explica Paulo. Quem **fala em línguas**, fala em mistérios. Aquele mistério que o Mestre Galileu rompeu, no seu íntimo contato com o divino, em **ditos indizíveis**, primeiro revelando a pobreza de espírito, que nada tem a ver com apoucamento de inteligência; com essa pobreza de espírito, deixou ele a lição de que o homem se despe da possessão dos objetos. Fica-lhe mais fácil, a partir desse ponto, se despir de si mesmo. Já não mais o objeto, aquilo que está fora, mas o que está dentro, ou seja, o próprio sujeito se vê voluntariamente descartado. Na sequência, então, livre da possessão dos objetos e de si mesmo, o homem navega a possibilidade de um tratado de paz; não a paz que o homem comum alcança, mediante a deposição de armas. Um tratado de paz consigo mesmo, porque quem é despossuído de objetos e de si próprio se revela no caminho do domínio de si mesmo. Inevitavelmente, se torna pacífico, manso, misericordioso. E a mansidão lhe permite, mais do que a sensação, a certeza de que possui a terra. Daí, então, não o ofende o que vem de fora, pois ninguém pode atingir aquele que não assume importância nem de **ser** e nem de **ter**. E quem é assim, com certeza, dá a outra face, com constante predisposição de jamais aceitar qualquer ofensa. Quem atinge tal nível de espiritualidade, tem a sua casa construída sobre rocha, que suporta ventos e tempestades, sem jamais ruir. E aí, leitores, essa linguagem de mistério, a linguagem proclamada pelo Mestre Divino em sermão de montanha, isso é que é a língua do mistério que é passível de uma aceitação na consciência de qualquer estrangeiro, pouco importa a língua humana a que esteja acostumado para se comunicar. Deu para entender, agora, a preocupação de Paulo, quanto aos seus irmãos de Corinto que estavam mergulhados no processo de "**falar em línguas?**" Mui habilmente, ele sabia e defendia que "**falar em língua**" é fundamental, mas de que adianta isso para o corpo chamado igreja? Se eu falo em língua, estou no **dito indizível** do íntimo contato com Deus, evidentemente; contudo, seria preciso que o irmão, ao lado de mim, na mesma igreja, fosse edificado, exortado, consolado por mim e tivesse o mesmo entendimento que eu, pois somente assim poderia, conscientemente, responder com o "**Amém**" que significa exatamente "**Assim Seja**" e que é a carta-patente e a garantia de que o exemplo foi alcançado.

Portanto, edificar, exortar, consolar são, de ordinário, decorrência de manifestação, algo exteriorizado, como uma epifania bem "pé no chão" e ao nível do entendimento de quem está ao lado de quem escuta. Bem certo é que se se **fala em língua**, ou seja, de mistério, mas se se explica bem o que se está falando e se dizendo, dá-se a edificação, a exortação e o consolo, que também são entendidos. Isso realmente não é pra qualquer um. Por isso, nas igrejas, mais prevalece o profetizar, em plano de mais fácil entendimento, onde o **Amém** sai quase que num automatismo e assim o fiel vai sendo edificado, exaltado e consolado, numa forma que faz o corpo da igreja ser como ele é e

foi e será em todos os tempos. Ainda bem que se conta com a honestidade do Apóstolo - e não poderia ser diferente - ao reconhecer esse processo fácil do profetizar, dizendo, contudo, que *não se deve proibir o dom de língua*, desde que se o faça com *decência e ordem*.

Jesus de Nazaré, após batizado por João Batista, submeteu-se ao processo das tentações que satã lhe impôs, tentações essas que estavam ao nível de sua condição humana, pois ele era tanto humano quanto cada um de nós. Ele as ultrapassou e teve fome. Sempre *em espírito* (Mateus, Capítulo 4, versículo 1), iniciou, a partir de então, o processo da "*morte*" das ilusões do mundo, evoluindo e culminando no momento mais importante, o clímax, que foi a entrega total: "*Não seja feita a minha, mas a tua vontade, Pai*". Continuando *em espírito* e, portanto, em mistério, penetrou os *ditos indizíveis* de sua íntima conversa com Deus, alcançando o "*Eu venci o mundo*" (João, Capítulo 16, versículo 33), antes que as mãos dos Anás, dos Caifaz, dos Herodes e dos Pilatos o submetessem, como o submeteram, a um julgamento, como se ele fosse um criminoso, que nunca o foi, todo mundo sabe disso. Entre, de um lado, o "*Não só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus*", o "*Também está escrito: Não tentarás o Senhor teu Deus*" e o "*Vai-te, Satanás, porque está escrito: Ao Senhor, teu Deus adorarás, e só a ele servirás*", respostas categóricas de Jesus ante cada uma das três tentações (Mateus, Capítulo 4, versículos 4, 7 e 10, respectivamente, e, de outro lado, o "*Não seja feita a minha, mas a tua vontade, Pai*" (Mateus, Capítulo 26, versículo 39) e o "*Eu venci o mundo*" (João, Capítulo 16, versículo 33), há duas distintas performances dele, quais sejam, uma primeira de mistério, de língua, perceptível por parte de qualquer homem de qualquer credo, de qualquer nação, de qualquer entendimento, desde, contudo, que haja quem o possa realmente explicar, pela vivência, sobretudo. Ele teve a conversa dos *ditos indizíveis* com Deus e se realizou plenamente e deixou isso de modo muito claro num sermão que os evangelistas sinópticos o chamam de sermão da montanha. Aliás, ele pode ter sido mais claro do que puderam ser os aludidos evangelistas. O sermão é lindo e nele se resume a essência das essências. Mas ele próprio deve ter percebido que era preciso sair desse estágio do mistério e passar para "*o-viver-do-pé-no-chão-de-todos-os-dias-e-de-todos-os-momentos-da-vida*". Passou a uma vida de pregação, junto aos necessitados de toda a ordem de necessidades, tornando-se, pois, o terapeuta que o mundo nunca tivera em sua face. Aqui, pois, a linha divisória dessa questão do dom, da dádiva de língua, sobre a qual se fala em Marcos, Capítulo 16, versículo 17, nos Atos dos Apóstolos, Capítulo 2, versículos 1 a 13 e finalmente na Primeira Epístola de Paulo aos Coríntios. Realmente, quem fala mistérios, termina estranhamente com tanto poder, inclusive o poder de criar, sem competição alguma com Deus, evidentemente, mas no quanto ele goza em permitir que assim seja, a ponto de poder, como diz Marcos, expulsar demônios, pegar em serpentes, beber coisa mortífera sem sofrer dano algum, curar enfermos com a imposição de mãos; tudo isso, por certo, como decorrência de uma crença, com fé e com obras, que se não confundem com cumprimento de lei. Isso tudo, pois, é mistério e é espírito e só o homem, enquanto nessa dimensão, é que se pode dizer na intimidade de Deus, para gloriá-lo, na exata medida em que puder fazer pelos mais fracos na fé, na esperança e na caridade.

Então, Jesus de Nazaré já começara a ressurreição da "*morte*" das ilusões do mundo ao vencer tentações; depois, ao penetrar o mundo dos *ditos indizíveis*, no que estava sendo protagonista do "*falar em língua*", mas, nesse processo de ressurreição, também viu que deveria deixar o lado íntimo dessa *fala de língua*, para um envolvimento com os seus irmãos de existência contemporânea e passou a se aproximar de cegos, de aleijados, de prostitutas, de necessitados de toda a ordem de necessidades, provocando, destarte, uma epifania que resultou em escândalo para ele e para as autoridades constituídas. Estas, de início, não deram importância, mas Jesus chegou ao exagero desse escândalo, quando entrou na cidade grande, Jerusalém, e expulsou os vendilhões que

ali faziam o comércio das aves e dos carneiros e dos cabritos dos sacrifícios. Por isso foi acusado de blasfemo, julgado e morto em crucifixão.

A igreja, então, aquela a que Paulo se referiu aos coríntios, deve ser a que é manifestação desse último estágio do Mestre, porque ela é uma igreja assimilável; mas não condenou, de forma alguma, e nem poderia mesmo ignorar o primeiro estágio, o de um contato mais efetivo, mais ligado a Deus, aquele em que se opera ao *falar em língua*, ou seja, no espírito, como Jesus começou, ao revelar o bendito sermão do monte.

Dizer que Jesus não falou em línguas..., falou, sim! Não no sentido que querem dar à passagem do livro dos Atos dos Apóstolos, colocado como introdução, neste trabalho. Ele falou *ditos indizíveis* com Deus - ele se despossuindo de objetos e do sujeito que era ele mesmo, para, destarte, "*morrer*" a morte das ilusões deste mundo, sem dele, entretanto, fugir; pelo contrário, após esse estágio de mistério, de *fala em língua*, ele partiu para o estágio que o tornou terapeuta... Ah, e como em sua sintonia com o divino, que ele passou a ser, foi aquele que tantas vezes se intitulou: o Filho do Homem. Não foi, pois, um alienado, um solitário; *solitário* ele foi, sim, com Deus, seu Pai, com quem passou a intimidades nos *ditos indizíveis*. Mas o que ele foi, verdadeiramente, foi *solidário*, presente junto a toda a sorte de homens desclassificados, de doentes, de deficientes, mostrando a todos como fazer para chegar ao seu Reino. Quer humanidade maior do que essa? Pois Filho do Homem, como se auto-denominava o Nazareno, significa que ele era pleno de Humanidade. Dessa plenitude de Humanidade devem ser - mas não têm sido - os fieis de todas as igrejas de ontem, de hoje e de sempre. Por que? Ora, porque ficam, todos, no compasso da dúvida, uma hora querem "*falar em língua*", noutra, acham que é mais certo fazerem o papel do terapeuta, ou seja, o de atuar junto a esfomeados (de todos os tipos de fome), junto a sedentos (de todos os tipos de sede), junto a nus (de todos os tipos de nudez), junto a presos (de todos os tipos de prisões), junto a doentes (de todos os tipos de doença). Mas, que tamanha falta de atenção com a verdade que liberta! Não há de ser nem uma performance nem outra, mas ambas, necessariamente. Há de ser "*falar em língua*" e, ao mesmo tempo, ser terapeuta. Jesus de Nazaré, em sua sintonia divina, via que assim era que deveria ser. Contudo, assim não fez, porque, até mesmo para com os seus discípulos, ele via que essa atuação conjunta para eles era mesmo que estar "malhando em ferro frio"; é que os próprios discípulos tinham visão muito estreita da divindade em Jesus de Nazaré. Por isso, o filho de José e de Maria se pôs, de aldeia em aldeia, a fazer a sua pregação ou muito mais do que isso o seu Ministério Público. Ele era Deus, sem dúvida, mas Deus não manda no coração alheio. O seu amor é tão grande, que não poderia deixar de entregar ao próprio homem a decisão de ele mesmo ter que abrir a porta do seu coração e, então, unir a intimidade com Deus, "*falando-lhe em língua*", à vivência plena da função samaritana em atuação junto aos necessitados de toda a ordem de necessidades. Ora, isso, convenhamos, não pôde nem ser plenamente executado pelos seus discípulos, naquela época de sua existência terrenal, que foi a era de Peixes. Hoje, na era de Aquários, a abertura de consciência é bem maior, mas, mesmo assim, que avanço real se teve? Muito pouco. Aliás, bem sabemos do risco que é estarmos escrevendo nesse nível de linguagem. Como assim fizeram discípulos do Mestre, corre-se o risco de se deparar com algum "inocente" que possa vir suplicar um lugar no Céu ao lado de Deus, como assim fizeram os dois filhos de Zebedeu, João e Tiago, ao que se sabe, para agradar o ego da mãe deles... Por isso eu confesso que não há "*fala em língua*" nem performance terapêutica juntos que possam atender a uma súplica desta natureza, pois se sabe até que nem Jesus atendeu à pretensão daqueles seus mencionados discípulos - a bíblia assim o testifica.

Ouçamos, pois e enfim, a advertência de Paulo: sejamos, sem glossolalia, "*falantes em línguas*" e, ao mesmo tempo, verdadeiros terapeutas; contudo, sempre dentro da decência e da ordem; com certeza, a edificação, a exaltação e o consolo acontecerão e a criatura e o criador sorrirão a certeza de que aquela, a criatura, carrega em si o Filho que, por sua divina vez, é tanto criador como criadora é a sempre gloriosa Divindade! E assim a carne assiste ao gozo da Divindade, com o Eu-interior se integrando a ela em festiva espiritualidade criadora, tornando esse Eu, continente menor, sempre desperto no continente maior - a Divindade!

Nesse compasso, em igreja ou fora dela, se produzirá a *edificação*: os homens serão pacíficos, caridosos, esperançosos numa escala sempre crescente; se produzirá a *exortação*: os homens deixarão a fila indiana das ações egoístas, onde cada um tem, à sua frente, virtudes e, em suas costas, os defeitos que se mostram, inevitavelmente, ao que está atrás, na mencionada fila; passarão, portanto, de mãos dadas, a se mostrarem solidários, animando-os uns aos outros na confiança de que poderão criar um novo céu e uma nova terra; se produzirá, também, a *consolação*: os homens saberão que um dia sucumbirão à morte física, porém, antecipando-se a ela, sabem que já se fizeram "*mortos*" para as ilusões do mundo, dando, pois, respeitosa gargalhadas de felicidade perante a "*senhora da foice e da ampulheta*"; e ela, coitada, fica tomada de remorso ante essas gargalhadas, mas, com certeza, felizmente, nada poderemos por ela fazer...

20

... AOS QUE VEEM COM O ESPÍRITO

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Êxodo, 30:

34 Disse mais o SENHOR a Moisés: Toma especiarias aromáticas, estoraque, e ônica, e gálbano; estas especiarias aromáticas e incenso puro de igual peso; 35 e disto farás incenso, um perfume segundo a arte do perfumista, temperado, puro e santo; 36 e dele, moendo, o pisarás, e dele porás diante do Testemunho, na tenda da congregação, onde eu virei a ti; coisa santíssima vos será. 37 Porém o incenso que farás conforme a composição deste, não o fareis para vós mesmos; santo será para o SENHOR. 38 O homem que fizer tal como este para cheirar será extirpado do seu povo.

Sim, Moisés, instrumento de Deus para os versículos em destaque, em cujas mãos segurou as Tábuas da Lei, escritas pelo dedo de Deus, leis eternas e imutáveis, ele também obteve de Deus os ensinamentos de como adorá-Lo, ensinamento esse que deveria repassar, como repassou, à ordem-Levítica-sacerdotal, da primazia de Aarão, mas também completada *em* e *por* Melquisedec, sacerdote de cuja ordem é Cristo. Tudo isso como o bom perfumista; porém cautelosos devem ser o adorador e o seu guia quanto a não ser a carne a destinatária de tão suave perfume... Então, e todos os nascidos de mulher se não creditem santidade, mas o Eu-interior com o novo nascimento de novo nascido, que é aquele que é igual ao vento, este, sim!; e é este justamente o que não sabe de onde vem, nem sabe para onde vai...

E esta minha carne que assim ora escreve, sem o incenso da realidade daquelas especiarias, sem tomá-las nas mãos físicas, como produto de especiarias aromáticas como o estoraque, a ônica e o gálbano, sem mãos de perfumista, sem moê-los nem pisá-los com os pés... ah, pobre mim de minha carne, sabe o Eu integrado ao Cristo e não o sabe, por si mesmo, esse pobre mim, por si, quão bom é Deus, por Ele Se permitir, por amor, nesse mim passageiro; esse mim que não pode ser o destinatário daquele perfume nem muito menos sê-lo propriamente.

Assim, o versículo 38 é advertência que só os cegos de carne não a enxergam..., mas os de olhos de espírito preparados o intuem, com a divina e misericordiosa graça dos Céus, porque lhes é certo que aquele perfume não é para santificar a carne, mas para dizer que santo é o Senhor. O perfume e o perfumista, como 2ª Pessoa de uma Trindade, são tão santos, como Santo é o Senhor, como santo é o Santo Espírito.

Enfim, o homem, como homem-espírito, é a via mediante a qual se busca o reino dos Céus e, ao homem-carne, para a glória de Deus, permanece como vivo da vida abundante, vivendo em estado de felicidade não-egoísta, com os acréscimos de uma paz que lhe não angustia a alma,

porque, como as aves do céu, que não semeiam nem colhem, tem o seu alimento e, como os lírios dos campos, tem vestes majestosas que são mais belas do que as de Salomão em toda a sua glória. E o perfume e o perfumista estão integrados aos que, primeiramente, buscam o Reino dos Céus, enquanto o homem-carne goza dos acréscimos prometidos pelo Evangelho.

Assim vejo... em espírito e que você também o possa ver, leitor; um ver que só se *prova* e se *comprova* no crer!

21

A VERDADE CONHECIDA

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Satanás, vitorioso ante quem sujou suas mãos com o sangue de Jesus e vitorioso ante quem, em todos os tempos, em igreja, com "i" minúsculo, sujas-as com o sentido vicário de Sua morte biológica, prossegue a sua estratégia de enganação, pois disto ele é mestre inigualável. Chega a se transformar, para tanto, em anjo de luz. E muitos caem facilmente na esparrela. Ele, na linha religiosa dos Anás e dos Caifaz que são os que tentam, mas jamais conseguirão o aprisionamento de **Eu sou** e ele, na linha civil e militar dos Herodes e dos Pilatos que são os que tentam e sempre conseguem dominação sobre o próximo, em tempo de guerra, nas armas, e, em tempo da paz que o mundo conhece, a contragosto, com o nome de imposto. Então, o **Eu sou**, que é Deus trino e uno, que amou e continua amando, desde o princípio e para sempre, em espírito manifestado, como Criador de tudo e de todos, com isto Se humilhando, por desígnio Dele que não nos cabe perscrutá-lo, então o **Eu sou** - dizíamos - pela palavra substantiva Se fez Verbo na carne hominal, assim que viu que era bom tudo quanto até então tinha criado. E fez o homem, nele trinamente intervindo (façamos o homem), consentindo, destarte, que Ele, o Filho e o Espírito Santo tivessem nisso participação, haja vista que não era, nesse caso, só o substantivo que eclodia, mas o próprio Verbo que se estava encarnando. **Eu sou**, pois, como se sabe, em concerto trino, fez essa obra excelente e por excelência e a simbolizou num casal, Adão e Eva, o selo de proteção do Seu amor, que não poderia deixar de incluir o livre arbítrio. O casal feito de barro teve o sopro Divino em suas narinas e aquela serpente enganadora que batalhara contra Miguel, no céu, perdendo a batalha, teve do Criador do mundo a oportunidade de ser jogada para a terra, onde ela impera. Então, o Verbo em Adão e em Eva, no paraíso de terra em que passaram estes a viver, livres no seu arbítrio, optaram pelo que lhes disse Satanás, por meio da serpente, ou seja, que se eles comessem do fruto que lhes proibiu **Eu sou** não morreriam. Deu-se a decepção de **Eu sou** em relação, pois, às criaturas, nunca com relação a Si mesmo, o Verbo na carne dos decaídos. O homem, então, passou a peregrinar sobre a terra, pondo **Eu sou** inimizado entre a mulher e a serpente, dizendo mais que esta lhe ferirá o calcanhar, contudo aquela lhe esmagará a cabeça. E que, expulsos daquele jardim de delícias, passariam a comer o pão de cada dia com o suor do seu rosto. Então, em termos de terra e de sangue, orientou que um ser da terra, Abrão, saísse de sua terra e de sua parentela e fosse habitar em Canaã. A ele foi imputada a justiça de **Eu sou**, tornando-se Abraão, por meio da sua fé, nas promessas que **Eu sou** lhe fez, depois de a humanidade ter-se corrompido e ter sido destruída com o dilúvio, salvando-se o justo Noé, sua família e os animais embarcados na arca que construíra, símbolo do amor do **Eu sou** pela criação que fizera no princípio dos tempos, em seis dias. E esse mesmo **Eu sou**, pelos seus inúmeros profetas, fez anunciar que na plenitude dos tempos, um Adão, desta vez com Eva de Magdala, haveria de surgir e Ele, em espírito, nascido de novo em paulatina evolução, iniciou vencendo terríveis tentações em meio a uma fome de quarenta dias no deserto do seu interior, fome, portanto, do conhecimento do **Eu Sou**, até se assenorear da verdade que fez de Sua carne algo sem referência tumular, apesar de haver provado a morte física. E Sua Eva, pervertida, se enchera de amor de um novo nascer com Ele, abandonada ficando a carne desta. Contudo, como a ressurreição Dele teve início ao vencer as tais terríveis tentações, foi assim decepcionando, na terra, como já havia decepcionado, no céu, na famosa batalha vencida por

Miguel, que é o mesmo Cristo, o Filho, o ***Eu sou***, foi assim decepcionando - dizíamos - a Satanás. E este assim continua tentando, por uns e por todos quantos só analisam e manifestam os sentidos de carne e desprezam o espírito. Pois só os nascidos deste, isto é, do espírito, em nascimento novo, diferente do seu nascimento de carne condutor inevitável da morte de carne, só esses nascidos de espírito assimilam e se integram ao ***Eu sou***. Todos quantos assim nascem conhecem não somente, mas vivem e exercitam a verdade. E a vivem e a exercitam porque, com eles, em espírito, o ***Eu sou*** se traduz em ***pão da vida*** (João 6, 48), o ***Eu sou*** se traduz em ***luz do mundo*** (João 8, 12), o ***Eu sou*** se traduz em ***porta*** (João 10, 9), o ***Eu sou*** se traduz em ***bom pastor*** (João 10,4), o ***Eu sou*** se traduz em ***ressurreição e vida*** (João 11, 25 e 26), o ***Eu sou*** se traduz em ***caminho, verdade e vida*** (João 14, 6), o ***Eu sou*** se traduz em ***videira*** (João 15, 5). Contudo, ainda para nisso tudo se traduzirem, prendem-se a cinco verdades explícitas, na Bíblia, quais sejam: A 1ª Verdade é ***DEUS*** (Jeremias, 10, 10 - Mas o SENHOR Deus é a ***verdade***; ele mesmo é o Deus vivo e o Rei eterno; ao seu furor treme a terra, e as nações não podem suportar a sua indignação); A 2ª Verdade é ***JESUS*** (João 14,6 - Disse-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a ***verdade*** e a vida. Ninguém vem ao Pai, senão por mim); A 3ª Verdade é o ***ESPÍRITO SANTO*** (I João, 5, 6 - E o Espírito é o que testifica, porque o Espírito é a ***verdade***); A 4ª Verdade é a ***BÍBLIA*** (João, 17, 17 - Santifica-os na ***verdade***: a tua palavra é a ***verdade***); A 5ª Verdade são ***OS DEZ MANDAMENTOS*** (Salmos 119, 151 - Tu estás perto, ó SENHOR, e todos os teus mandamentos são a ***verdade***). E se Jesus disse, em João 8, 58, "Antes que Abraão fosse ***Eu sou***", esse ***Eu sou*** é aquele mesmo ***Eu sou*** do Monte Sinai que falou com Moisés de uma sarça ardente (Êxodo, 3,14). Portanto, não sujam as mãos (e, a rigor, neste aspecto espiritual nem as têm!) os que, em espírito, desapontando a Satanás, "morrem", com ele Jesus, todos os dias, em espírito, a "morte" das ilusões do mundo, integrando o eu à Divindade, com novo nascimento, em espírito, disso advindo acréscimos que se gozam e se usufruem já nesta terra de homem-carne (estes, sim, a rigor, com mãos!). Fazem-se, como novos-nascidos, todos os dias, como Jesus, conhecendo e permanecendo na verdade, a qual liberta das escravidões que são tantas, nesta nossa modernidade de avanços; a escravidão do álcool, do jogo, das drogas, da licenciosidade, da libertinagem e tantas outras. Por isso, desconfio de todos e de mim mesmo, claro, porque se escrevo o escrevo como homem, como carne, e, como carne, sou grávido de desejos de meu ego (Romanos, Capítulo 7, versículos 14-23). E, dentre todos dos quais eu desconfio estaria ele. Quem? Ele, ele, não se faça de desentendido, leitor, que, como eu, também nasceu de carne, porque também um Adão. O que não se perde é o fruto do seu nascimento novo, algo que se não vê nem se toca, mas a fé, justamente aquela certeza absoluta acerca do que se não vê, do que se não toca alivia-me tensões demoníacas em mim, ainda que me sejam elas naturalmente. Essa fé me pode fazer o crente na Sua carne ressurrecta e assim ***Eu sou*** me auxilia, sem, mesmo assim, aniquilar em mim-carne as estratégias de Satã. E, por isso, rio-me, em carne, de quantos se presumem santos, na carne, que tolos são, que tolo sou, também, ah, ***Eu sou*** Me seja e, aqui, já pretendo espírito, se o tiver de ser em consentimento Seu, que seja o eu-mínimo que não sou em relação a ***Eu sou***, enquanto, mesmo assim, Satã não me larga, porque o mundo ainda não acabou...

22

O GRANDE ENGANADOR**Isaías, 14**

12 Como caíste desde o céu, ó estrela da manhã, filha da alva! Como foste cortado por terra, tu que debilitavas as nações! 13 E tu dizias no teu coração: Eu subirei ao céu, acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono, e no monte da congregação me assentarei, aos lados do norte. 14 Subirei sobre as alturas das nuvens, e serei semelhante ao Altíssimo. 15 E contudo levado serás ao inferno, ao mais profundo do abismo. 16 Os que te virem te contemplarão, considerar-te-ão, e dirão: É este o homem que fazia estremecer a terra e que fazia tremer os reinos? 17 Que punha o mundo como o deserto, e assolava as suas cidades? Que não abria a casa de seus cativos? 18 Todos os reis das nações, todos eles, jazem com honra, cada um na sua morada. 19 Porém tu és lançado da tua sepultura, como um renovo abominável, como as vestes dos que foram mortos atravessados à espada, como os que descem ao covil de pedras, como um cadáver pisado. 20 Com eles não te reunirás na sepultura; porque destruíste a tua terra e mataste o teu povo; a descendência dos malignos não será jamais nomeada.

Ezequiel, 28

13 Estavas no Éden, jardim de Deus; toda pedra preciosa era a tua cobertura: a sardônia, o topázio, o diamante, a turquesa, o ônix, o jaspe, a safira, o carbúnculo, a esmeralda e o ouro; a obra dos teus tambores e dos teus pífaros estava em ti; no dia em que foste criado, foram preparados. 14 Tu eras querubim ungido para proteger, e te estabeleci; no monte santo de Deus estavas, no meio das pedras afogueadas andavas. 15 Perfeito eras nos teus caminhos, desde o dia em que foste criado, até que se achou iniquidade em ti. 16 Na multiplicação do teu comércio, se encheu o teu interior de violência, e pecaste; pelo que te lançarei, profanado, fora do monte de Deus e te farei perecer, ó querubim protetor, entre pedras afogueadas. 17 Elevou-se o teu coração por causa da tua formosura, corrompeste a tua sabedoria por causa do teu resplendor; por terra te lancei, diante dos reis te pus, para que olhem para ti. 18 Pela multidão das tuas iniquidades, pela injustiça do teu comércio, profanaste os teus santuários; eu, pois, fiz sair do meio de ti um fogo, que te consumiu a ti, e te tornei em cinza sobre a terra, aos olhos de todos os que te veem. 19 Todos os que te conhecem entre os povos estão espantados de ti; em grande espanto te tornaste e nunca mais serás para sempre.

Obadias (Abdias)

4 Se te elevares como águia e puseres o teu ninho entre as estrelas, dali te derribarei, diz o SENHOR.

Apocalipse, 12

7 E houve batalha no céu: Miguel e os seus anjos batalhavam contra o dragão, e batalhava o dragão e os seus anjos; 8 Mas não prevaleceram, nem mais o seu lugar se achou nos céus. 9 E foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente, chamada o Diabo, e Satanás, que engana todo o mundo; ele foi precipitado na terra, e os seus anjos foram lançados com ele.

Quão perigoso é e continua sendo Lúcifer, Satanás, esse anjo de luz decaído e todos do seu séquito. Veja-se que a sua estratégia continua. Aliás, isto é dito de forma direta na Bíblia: "... e Satanás, que engana todo o mundo (versículo 9, Capítulo 12 de Apocalipse). Portanto, não se engane ninguém, ele engana todo o mundo. Não uma parte, um pedaço do mundo, uma fração do mundo, mas o mundo todo, todo o mundo.

É que aquele anjo formoso, e muito sábio, após perder a batalha, no Céu, travada com Miguel (Cristo), Deus, que tinha poder de aniquilá-lo ali, não o fez. Preferiu precipitá-lo na terra do mundo que estaria por criar por meio do *fiat*. Só assim lhe daria oportunidade de continuar testando o sistema que pretendia, com a sua beleza e a sua sabedoria, implantar no Céu. E, até hoje, de um lado, está o sistema de Lúcifer, Satanás, tentando enganar o mundo todo ou todo o mundo. É, pois, uma estratégia sua que continua e que continuará até que se consumam os séculos. E, não de outro lado (pois Deus não o tem), está a proposta de justiça e de amor de Deus. Pois bem: até aqui, nos tem ajudado o Senhor, disso não se pode duvidar (I Samuel, 7, 12). Essa ajuda, na seara do espírito, é inegável, e tem sido verdadeiramente considerável, pelo tanto de suas palavras, pelos seus Profetas, o maior deles aquele que encarnou o seu Unigênito Filho, Segunda Pessoa de Sua Trindade. Todavia, na seara do mundo, o enganador deita e rola, como diz o ditado. Não posso eu, este modesto escriba, dizer que me alimenta, neste escrito, a espiritualidade pura que assegura o aspecto divino, o qual só por intuição resulta desabrochado. Sou feito de matéria e matéria são também as palavras e seus sentidos dessa língua portuguesa em que, como homem-carne, me expressei. Deus, no Céu, já trino, somados Ele, o Filho e o Espírito Santo, quis, na sua forma imperscrutável de querer, que, pelo Verbo, pela Palavra, o mundo fosse. E lhe bastou como ainda hoje basta que manifeste o *fiat*, pois ele é onipresente, onisciente, onipotente. Já, contudo, em cada *fiat* que produziu, em seis dias, vindo a descansar no sétimo, permitiu que o mesmo Lúcifer que batalhara contra o seu Filho, o Segundo da Trindade, e perdedor saindo, fosse, como veio a ser, precipitado nessa terra do mundo dos seus *fiats*, permitam-me este extravagante plural. E ele vem, no curso do tempo, fazendo das suas, a primeira de suas obras sendo, depois da beleza e da sabedoria com que se jactava, a de se transformar em enganadora serpente, para enganar, primeiramente, o barro de Eva, com alma vivente, barro já oriundo de uma costela do barro que também era Adão. Este o pecado original de todos os Adãos e de todas as Evas deste mundo que nasceram e que continuam nascendo como nascidos de mulher. Um desses Adãos, porém, com uma Eva de Magdala, bem fortemente conduziu a Lúcifer pelo laço poderoso do amor de Deus, conquanto, nos estertores do vivo de uma vida abundante que Deus a todos nos permite, caiu no laço. Pelo seu lado homem-carne, elegeu o fundamento do seu amor na morte de uma cruz, desprezando, destarte, a morte que morrera; a morte das ilusões deste mundo de Satã. Veja-se bem, que essa sua morte para as ilusões deste mundo lhe produziu na carne o efeito da antecipação do fim escatológico do final dos tempos, de modo que não ficou com nenhuma referência tumular. Deixou, porém, que os seus lábios pronunciassem aquilo que propriamente era estratégia de Satanás, seu sangue e sua carne de morto desta vida de vivo da vida abundante servirem de memória de sua central e capital importância. Que engano este ao qual lhe conduziu Satanás, mesmo havendo dito, depois, que fosse feita a vontade de Deus e não a sua. Ainda bem! Porque com isso tudo se salva. Sim, isto era de esperar de quem, com fome de quarenta dias, em espírito, conseguiu vencer as tentações que lhe tentou impor Satanás. Mas é importante coragem para uma afirmação como a que fiz. Sim, não se pode negar que Satã engana o mundo todo e todo o mundo, pois assim proclama a própria Bíblia, como já realçado linhas atrás. E o filho de José e de Maria era homem. Era mundo. E, como mundo, sujeito a esta estratégia de Satanás. Portanto, que se cuidem os nascidos de mulher, mesmo agora, no tempo da graça e do amor de Deus, porque, no curso da vida de vivo da vida abundante, estão montados os artificios de Satã e deles só se não terá mais notícia apenas no fim dos tempos escatológicos. Até lá, é certo que Jesus prometeu, falando como a Segunda Pessoa da Trindade, que estaria conosco até a consumação do século, e estará, sim, porém, em espírito, mas na nossa carne de Adãos estará a nos espreitar nas esquinas deste mundo as estratégias de Satã, pois foi para isto que ele foi precipitado do Céu para esta terra.

23

DE GÊNESIS AO PÓS-APOCALIPSE

A Palavra, na Bíblia, tem o significado de Verbo e este nela também tem significado de Palavra. Ou seja, tanto faz você dizer Palavra como Verbo. Sendo assim, comporta dizer que a Palavra Se fez carne, como assim que o Verbo Se fez carne. E como Paulo, em Romanos 1,16, disse que não se envergonhava do Evangelho, ele estava dizendo que a Palavra, o Verbo de Deus, como um todo, e não apenas os escritos dos quatro Evangelistas Mateus, Marcos, Lucas e João, abrange toda a Bíblia. Sim, toda a Bíblia que é a fonte da Palavra, do Verbo, desde o livro de Gênesis até o de Apocalipse. É Palavra, Verbo. E o Apóstolo referido disse que nunca esse Evangelho, essa Bíblia pôde ser motivo de vergonha para ele, haja vista sua certeza de que essa Palavra, esse Verbo reflete o Poder de Deus. E Deus, o **Eu sou**, tanto no Velho como no Novo Testamento continua o mesmo, apenas com o realce da justiça no caso do Velho e o realce do amor no caso do Novo. Este, contudo, não elimina Aquele. É que O do Velho se enraíza na Sua Lei que é eterna e imutável e não há homem que A possa revogar jamais. Aliás, o próprio Anunciador e "Vivenciador" do Novo disse, em alto e em bom tom, que não veio para revogar a Lei, mas para aperfeiçoá-La; tanto assim que, na Sua insuperável Mestria e Divindade, resumiu uma codificação que permanece intacta, codificação acerca da qual se adotou por costume chamá-la de Dez Mandamentos, inclusive não escritos por homem nenhum, mas pelo próprio Deus, em pedra; e o resumo, pois, assim ficou: "amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo". Assim, a Palavra, o Verbo, no princípio, Se fez carne. E, antes desse princípio, no Céu, como diz o livro de Apocalipse, no capítulo 12, houve uma guerra, uma revolta promovida e provocada por um anjo de luz, Lúcifer, resultando dessa luta e dessa guerra a vitória de Miguel, este, por sua vez, já representando, mesmo que ainda antes do princípio do mundo, a Segunda Pessoa da Trindade, o Cristo, Aquele que já era antes que Abraão fosse, como diz João em seu Evangelho. Pois bem: foi em concomitância que **Eu sou** se dispôs, após a referida guerra celeste, a se manifestar na criação, com ferramenta que para tanto dela se utilizou, que foi a Palavra, o Verbo. E foi com a mesma Palavra, Verbo, por justiça e por amor, que consentiu ao perdedor da dita guerra que ele, Lúcifer, ou seja, Satanás, permanecesse não no Céu, mas que, nessa permanência, permanecesse precipitado na criação do Seu *fiat*, precisamente a terra desse mundo de Sua criação. Bastou-Lhe manifestar o querer, pela Sua Palavra. Palavra essa, Verbo esse que não tem vestimenta gráfica tal como a conhecida da linguagem pobre dos homens. Palavra, Verbo que é indescritível e imensurável. Apenas a nossa limitada compreensão há de se conformar em dizê-La como Palavra, como Verbo tudo aquilo que pode, tudo aquilo que quer, tudo aquilo que é toda a presença, tudo aquilo que é toda a ciência, tudo aquilo que é toda a potência. Sim, o princípio nem o era, ainda, e essa Palavra, esse Verbo se manifestou por meio de um dito que, na pequena compreensão humana, se costuma chamar de *fiat*, ou seja, de faça-se, já se traduzindo do latim para o português. E quando essa Vontade Divina quis, na Sua forma de querer que se não compara nem de longe com a nossa, humana, a Vontade Divina quis - dizíamos - que o mundo sensório passasse a existir, começando com a luz, ou seja, com o *fiat lux*. Lembra, leitor, daquele lema que se vê nas prosaicas caixinhas de fósforos? Pois ali se repete, num gesto de fazer brotar a luz num cenário que nunca foi cenário porque antes do princípio este não poderia ser. Isso pela lógica dos homens e também pela que Deus, o Senhor, Se nos tem permitido pela Sua Palavra, pelo Seu Verbo. E depois desse primeiro *fiat*, primeiro e *fiat* que nos servem apenas para nós, humanos, na nossa limitada compreensão, o Senhor fez uma sequência de outros "*fiats*". Isso, na nossa limitada compreensão, que resultou escrita na Bíblia que pode ter imperfeições apenas no limite limitado da compreensão de quem, homens, se puseram a escrever. E os "*fiats*" se dizem, na

linguagem escrita pelo homem, limitados a um tempo que se chamou dia, ao todo seis. No último destes dias, o sexto, ***Eu sou***, por ele, pelo Filho, o Cristo e pelo Espírito Santo, achou, melhor dizendo, nas Suas insondáveis e imperscrutáveis Vontades, Se entregou, em conjunto explícito, embora sempre e eternamente uno, a este *fiat* que, agora, neste momento, está a dedilhar no teclado de um *tablet*, este homem que, de início, em manifestação, no mundo, é Adão, como Adão são todos aqueles seres bípedes e mamíferos, nascidos de mulher. Como se de um fôlego só, nesse texto, então, se vê o trino Eu sou, de Gênesis a Apocalipse, sendo o mesmo sempre de sempre, tanto de amor e de justiça ou de justiça como de amor; poderoso e para cujo poderoso poder lhe basta a vontade imperscrutável da Palavra, do Verbo. E que esse mim de mim escritor é o mínimo do mínimo que, porém, em nome do sentido (Verbo e Palavra) do próprio Deus, máximo insondável, se faz nele habitar. E, eterno, infinito, prospera no majestoso Não Ser que o conforma, sem a forma, de transcendência, embora descrito na forma, com forma, de imanência que foi ontem, é hoje, será amanhã, porém com o amanhã de manhãs limitadas pelo eclodir escatológico que põe fim ao tudo que resultou criado no princípio pelos seus "*fiats*"...

24

CEGOS

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

1 - Salmos, 69, 9 Pois o zelo da tua casa me devorou, e as afrontas dos que te afrontam caíram sobre mim.

2 - João, 2, 17 E os seus discípulos lembraram-se do que está escrito: O zelo da tua casa me devorará.

3 - A partir dessas passagens da Palavra de Deus, pode-se dizer que Jesus, com o seu zelo, há de ser visto como um revolucionário?

Cegos, ante a condição essencial, divina, do ser humano **Jesus-tornado-Cristo** ou do **Cristo-assumido-em-Jesus**, plenamente, são todos aqueles homens-gênero que se detêm em apreciar o lado telúrico desse homem que, apesar daquela plenitude *crística*, ainda se apresenta pequeno, como não poderia deixar de ser, porque a carne, mesmo ressurrecta, ainda é continente pequeno para abrigar o eterno e o infinito da Toda-Poderosa *Divindade*, obviamente. Ficam, pois, como que perdidos e sem rumo certo esses que se entregam a demoradas considerações históricas, tradicionais, na vã tentativa de imprimirem importância maior a este lado, quando a importância verdadeira não tem lado, porque é justamente no eterno e no infinito do divino e do espiritualismo que esta se assume incomparavelmente essencial.

Os olhos de espírito em *Jesus de Nazaré* fizeram-no, em carne, sorrir a alegria de *Deus*, em ter este o seu *Unigênito* realizado, porque residido na sua criatura excelente, o homem, que tanto o decepcionara no *Jardim do Éden*, mas, agora, aquele homem, também um *Adão*, desta feita não pura e simplesmente com *Eva*, mas com uma *Eva de Magdala*, tinha transposto, em definitivo, a **desobediência** original causadora de todos os males do mundo em **obediência**. E, como se sabe, esses males foram inoculados por meio de disfarce em serpente falante, com a qual *Lúcifer*, perdedor da batalha travada no *Céu*, com o Arcanjo *Miguel*, permanece, embora derrotado, acusando o homem de ser, por natureza, contra Deus.

A *Divindade*, misericordiosa, ainda bem, socorre aqueles cegos, toma-os pelas mãos, desde, porém, que aquela perda de tempo deles seja a da inutilidade pura e simples que seus esforços representam, **no** e **para** o mundo; porque **se** os seus esforços se prestam, exatamente, ao travamento de uma batalha contra o divino, de posição diametralmente contrária a ele, enfim é despreciando até dizê-lo, mas, em nome da melhor clareza, não custa dizer que os "*burros n'água*" são a inevitável consequência, para eles, coitados. Quem sabe - não o pode sentenciar este humilde escriba, mas a própria *Divindade* o pode - a negativa de qualquer farrapo de misericórdia para com eles seja mesmo inevitável....

Tenho por *zeloso* o meu *Jesus* histórico, mas *zeloso* para com os assuntos da *Casa de Deus*, sem nisso consistir qualquer sentido de tomada do poder que é próprio dos homens em sua organização social e política.

Não necessito, por isso, me deter em longas e cansativas incursões ditas históricas, em detalhes mínimos até, inclusive com defesa de teses para o mundo acadêmico. Isso é coisa que só faz distrair a atenção mais especial e importante que se deve ter para com o poder divino plasmado em *cristicidade* no todo que foi, é e continuará sendo a compleição física e psíquica do ser que habitou na Galileia (*Jesus*) e que, por revelação obtida a partir de (seus?) olhos de espírito, se antecipou ao eclodir *escatológico*. Essa antecipação o faz autoridade intercessora única perante a Divindade, para os que, tanto homens quanto ele, possam também, em olhos de espírito, assumir a dimensão do *crístico em si* ou do *si no crístico*, tal como o *Cristo-assumido-em-Jesus* ou o *Jesus-tornado-Cristo*. Certamente, ele foi, é e continua sendo o nascido de novo que, como o vento, não sabe para onde vem nem para onde vai (João 3, 8) e que conjuga, em si, o *Eu Sou*, aquele mesmo *Eu Sou* que falou com *Moisés* a partir de uma sarça ardente, no Monte Horebe (Êxodo, 3,4).

Tudo, pois, é tão simples, direto, sem complicações. Basta que se tenha a largueza de olhar que não deverá estar nunca nas orbitarias, como nas dos que se presumem estudiosos estimulados a exibirem suas teses e conclusões acerca disso e daquilo. Fico com o meu *Jesus* que ri em espírito, totalmente residido do *Eu Sou*, tendo dito palavras imorredouras a tantos ouvidos que persistem em permanecer fechados. Os que o podem ouvir são os que dele extraem o *pão da vida* que ele conjuga com *Eu Sou* (Eu sou o pão da vida - João 6, 48); são os que brilham como a *luz* que ele irradia junto a *Eu Sou* (Eu sou a luz do mundo - João 8, 12); são os que prestam atenção e o vivem na condição de *porta* em que se assumiu com *Eu Sou* (Eu sou a porta - João 10, 9)); são os que atentam e o aceitam na condição de *bom pastor* em que se assumiu com *Eu sou* (Eu sou o bom pastor); são os que guardam e vivem *a ressurreição e a vida* em que se assumiu com *Eu sou* (Eu sou a ressurreição e a vida - João 11, 25 e 26)); são os que seguem e não se distanciam dos limites do *caminho, da verdade e da vida*, em que se assumiu com *Eu sou* (Eu sou o caminho, a verdade e a vida - João 14, 6)); são, enfim, os que se organizam na condição de *videira* em que se assumiu com *Eu Sou* (Eu sou a videira - João 15,5).

Para tudo isso, enfim, descreia-se da "essência" com a qual possa parecer valioso todo o esforço humano, que está submetido aos caprichos do tempo e das circunstâncias deste mundo. Descreia-se, assim se diz, porque, de qualquer modo, é sempre bom que nos previnamos quanto a tudo, pois só conhecendo é que assim nos acercamos de cautelas. Demo-nos ao labor de enfrentar longas e cansativas dissertações e narrativas e que, para isto, necessário é que se creia; mas um crer provisório, como provisórias são todas as coisas do mundo. Assim, vem, na sequência, a descrença que possa dar passagem à divina condição que é verdadeira e que é o que unicamente interessa. Mas essa passagem não tem, nesse conhecer provisório, a *conditio sine qua non* para o brilho do divino. Só mesmo os cegos que se deixam prender por esse tipo de conhecimento é que não o alcançam, seja porque ficam "atolados" na tolerante medida do Céu, seja porque essa tolerância possa não lhes acontecer por evidente estado de beligerância infantil que teimosamente os assalte...

Só assim, então, operam os olhos de espírito com o novo nascimento e o novo nascido, cujo *eu*, expressão divina em seu mais profundo interior, vai gozando a intimidade com *Eu Sou*, passando a não-ser, divinalmente, tanto quanto Ele, *pão da vida*, *luz*, *porta*, *bom pastor*, *ressurreição e vida*, *caminho, verdade e vida*, *videira* e muitas outras manifestações de *Eu Sou* das

quais nos fala a Palavra, tudo isso sem nenhuma pretensão de carne, pois esta, sim, é quem costuma se demorar e se sufocar no **zelo** excessivo que a possa fazer destacada perante os homens.

Assim, bendito seja o **zelo** que se possa exercer, tal qual o exercido, em espírito, pelo **eu** residido em *Jesus de Nazaré*, como *Cristo*. Aos que esse tanto alcançarem, mesmo que sejam cegos fisicamente, veem, com certeza, a **luz** brilhante e inconfundível de **Eu Sou**, sem necessidade, pois, de pregar revolução. E aquele que, na seara do divino, a tanto se atreveu (*Lúcifer*) e teve por perda a batalha e foi precipitado para a Terra, onde continua acusando os homens de serem inimigos de *Deus*, tem nela, como protagonistas, os *Anás* e os *Caifaz* (pretensos aprisionadores de *Deus*); os *Herodes* e os *Pilatos* (aprisionadores de homens, enquanto na guerra matam e, na paz, lhes cobram extorsivos impostos); tem, também, os *Judas Iscariotis* (que traem); os *Pedros* (*que negam*); os *Paulos* (que criam e que endossam um sistema de morte vicária), quer sejam todos esses contemporâneos do *Jesus* histórico, quer sejam todos do dia presente e os de um futuro que se presume muito longo, todos, sem exceção, sendo como aqueles que dizem, em estudos profundos (para eles), que *Jesus* foi um zeloso revolucionário.

Que cegos!

25

A PROMESSA E O SEU VERDADEIRO ALVO

Quão triste e lamentável é os meus pobres olhos e ouvidos de carne registrarem equivocadas assertivas de quem, se intitulado pastor, assaca, a partir de um púlpito eletrônico, sua condição de santo, na qual mergulha, de cabeça, numa constância irritante. E, nessa sua autoproclamada condição de santo, atribui, a uns tantos outros homens, a condição de mensageiros de Satã. Ora, ora, esse pregador é digno de todas as piedades do alto, pois se esquece de que, atrás dos recursos eletrônicos de que ele se utiliza, esse ele que é a sua carne não garante aos seus ouvintes e telespectadores nem a ele próprio santidade nenhuma. Por isso se diz que, com Satã, todo o cuidado é pouco, porque, de suas estratégias, nem mesmo se teria safado a carne de Jesus de Nazaré. E não se teria safado, porque, em sendo verdade o que disseram os evangelistas, terminou admitindo palavras não que insinuam e, sim, que, diretamente, apresentam a sua carne e o seu sangue como sendo elementos de sacrifício, quando ele próprio, repetindo o profeta Oseias, disse, fustigando a argúcia dos fariseus: "***não quero violência e sim misericórdia; não quero holocaustos e sim o conhecimento de Deus***".(Oseias, 6, 6 e Mateus, 9, 13). Ora, aquilo foi uma armadilha, uma cilada na qual teria caído a carne de Jesus, mesmo que antes, no *Gtesêmani*, tenha sido, em espírito, perfeito e perfeitíssimo, como, aliás, todo o espírito o é. Ele Jesus, homem-carne, em espírito, decepcionou a Satanás, já depois de havê-lo decepcionado, quando das três famosíssimas tentações, em circunstância de evidente fraqueza, decorrente, portanto, da fome de quarenta dias no seu deserto interior; como quando, ainda, o decepcionara, por três anos de um público ministério de curas e de milagres, na condição de terapeuta que o mundo nunca conhecera. Pois bem, teria sido o lado carne de Jesus que terminaria acedendo à estratégia de Satanás, admitindo, segundo os seus evangelistas, que a sua carne deveria ser comida e que o seu sangue deveria ser bebido, mesmo que isso devessem os seus discípulos repetir como homenagem a sua memória. Ora, o grande terapeuta não precisaria disso, além do que demonstrou nas reações às tentações e de um público ministério tão profícuo. Vem, agora, aquele pastorzinho dizer poucas e boas contra os que ele julga serem os mensageiros de Satã. Não quer, evidentemente, o Eu que é no mim de minha carne que ele seja o cego que conduz a cegos, mas quer, sim, que, tanto quanto como Jesus de Nazaré, em espírito, alcance aquele pastorzinho, de Deus, o milagre prometido, conforme se lê em Ezequiel, Capítulo 36, versículos 25 a 27: "***Então, espalharei água pura sobre vós, e ficareis purificados; de todas as vossas imundícies e de todos os vossos ídolos vos purificarei. E vos darei um coração novo e porei dentro de vós um espírito novo; e tirarei o coração de pedra da vossa carne e vos darei um coração de carne. E porei dentro de vós o meu espírito e farei que andeis nos meus estatutos, e guardeis os meus juízos, e os observeis***". Esta é promessa ante a qual é perigoso avançar o sinal, como fez o pastorzinho, assim acha a minha carne. Porque ele, e tanto o mim dessa carne que ora tecla em um *tablet*, têm apenas a segurança de uma expectativa, considerando que Deus é amor. Porém, sem condição de julgar os desígnios de Deus, essas carnes hão de estar prevenidas das estratégias de Satã, das quais nem mesmo se teriam safado os evangelistas e, depois, não se teria safado, também, o grande apóstolo Paulo. Teriam caído nas armadilhas de Satã, porque teriam consentido o epílogo de sangue, quando o Mestre não deixou dúvida quanto, sim, a querer misericórdia e amor; e um não rotundo a holocaustos e sacrifícios; e, no lugar destes, então, haveria de ter lugar o conhecimento de Deus. Por isso, homem nenhum, nem padre nem bispo nem cardeal nem papa nem pastor nem apóstolo nem swami nem imã nem rabino nem este escriba se há de proclamar santo. Santo é o Senhor, santo é o Filho e o santo Espírito Santo. Mas o homem, como aquele pastorzinho, é carne e toda a carne vive e há de viver na expectativa do milagre e, não, julgar quem quer que seja. Sobre a promessa e dessa promessa se

livre toda a carne de pretensões quanto a gozá-la e a vivê-la. Só em espírito, no eu que é no interior de todo e qualquer homem, dos que os olhos de carne os qualifica de são aos que esses mesmos olhos os qualificam de imundos, só em espírito - dizia - se obtém, em integração, o aconchego da divinal condição de eterno e de infinito; e o tanto mais que possa ser de bom para o homem-carne, vir-lhe-á como acréscimo. Por isso, perigoso é, em carne, se creditar santidade!

26

... E A ESTRATÉGIA CONTINUA*(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)****Comer do pão e beber do vinho. Pão é o corpo, que há de ser comido e vinho é o sangue, que deve ser bebido....***

Quem isto construiu tem parte com o demônio. Aliás, a estratégia de Lúcifer vem dando certo em seus propósitos. A mais escandalosa é precisamente esta. Todos os dias, em séculos e milênios, os homens **chamados**, que são todos quantos estão em igreja (com "i" minúsculo), qualquer que seja ela, dentre aquelas que se dizem cristãs, evidentemente, pois eu falo de Cristianismo, fazem repetir, em simbolismo, sob os aplausos de sua condição de Anás ou de Caifaz e com o beneplácito de todos os outros ditos ovelhas, que são os Herodes ou os Pilatos, fazem repetir, dizíamos, a maior das "artes" de Satanás, mediante a qual ele conseguiu que um homem-divino ou um divino-homem fosse execrado e morto de uma morte tão degradante, numa cruz.

Sou assumidamente *crístico* (assim acho, pois ninguém, por si mesmo, em carne, pode garanti-lo) e nunca cristão, este que é precisamente todo aquele que segue, no curso do tempo, à sombra de uma cruz de madeira, dando curso às artimanhas do inimigo de Deus. Ao invés de retirar, papel este que vêm fazendo os *crísticos*, os cristãos mais e mais afundam nesse propósito de ferir o calcanhar da Igreja Verdadeira, embora a sua cabeça continue esmagada pelo Cristo. Essa Igreja Verdadeira, não institucionalizada, sem mando nem co-mando de ninguém, sem homem-carne nenhum que se credite a si, na carne, uma santidade, é fruto de um nascimento novo, em espírito, de quantos, membros em tenda de carne, em novo nascimento, fazem da vontade do céu uma realidade da terra, ou seja, como já concreta a invisível consequência desta seguinte promessa: ***"Então, espalharei água pura sobre vós, e ficareis purificados; de todas as vossas imundícies e de todos os vossos ídolos vos purificarei. E vos darei um coração novo e porei dentro de vós um espírito novo; e tirarei o coração de pedra da vossa carne e vos darei um coração de carne. E porei dentro de vós o meu espírito e farei que andeis nos meus estatutos, e guardeis os meus juízos, e os observeis"*** (Ezequiel, 36, 25 a 27).

Pois bem. Somos todos, inegavelmente, neste mundo, institucionalmente falando, em todas as épocas, na linha de mando e de co-mando civil e militar, os Herodes e os Pilatos e, na linha religiosa, os Anás e os Caifaz (quando não assim dominantes, dominados deles). Basta vermos o que diz Paulo, na sua Epístola aos Romanos, Capítulo 7, versículo 18. Vimos, assim, nessas características, de um lado, impondo-nos uns aos outros, onde o contragosto sempre termina no imposto e, de outro lado, no processo de tentativas do aprisionamento de Deus. É que, embora sem mais o suporte de um Paraíso, continuamos sendo sempre os Adãos e as Evas de barro, como depósitos do sopro de Deus de almas viventes, carregando, sem exceção, o original pecado decorrente da desobediência.

Sorte nossa que o verbo feito carne desde a fundação do mundo (o Cristo) foi, finalmente, desperto e realizado por um ser vivente, um também Adão, Jesus de Nazaré, que nasceu de novo plenamente para Deus, que fundou a Verdadeira Igreja, a dos *crísticos*, a qual vem ferindo a cabeça do inimigo, enquanto este continua lhe ferindo o calcanhar. Acumulam-se, destarte, em vão, as intrigas de uma disputa, que começou no céu, tendo Miguel por anjo que venceu o demônio, o qual, por ser Deus Amor, foi mandado a terra, como uma oportunidade que aquele Amor sempre dá, para que pudesse se recompor, mesmo que isto seja impossível, como é sabido. Enfim, no *Armagedon*, ele sucumbirá, de vez. E, com ele, estarão todos quantos assimilam-lhe a terrível estratégia, a do sacrifício de um homem-divino ou de um divino-homem, Cristo-Jesus ou Jesus-Cristo.

Ser *crístico*, quão difícil é, porque não é, em tal condição, algo manifesto ou que se manifesta. É, antes, o mistério de um milagre permitido por Deus. O *crístico*, então, não se pega, não se sente, não se vê, mediante sentidos que são próprios da carne, mas o *crístico* é espírito, espiritualidade que, entretanto, tem assento a partir de uma realidade de carne, para a qual ficaram bem prometidos apenas os acréscimos decorrentes daquele eu-espírito que evolui em nascimento novo e que está em diametral posição em relação ao inimigo de Deus. E tal posição é a do serviço, que é o *viço do ser*, ou seja, sem nisto consistir presunção, o processo de agir e fazer, em espírito, como o Nazareno, submisso à vontade do Pai que do Filho só lhe quer o amor e que tal amor seja compartilhado com todos os seus outros filhos, dos tantos eus que, enfim, se transformam em D-eus... Isso, sem nenhum sacrifício, muito menos de sangue, pois sacrifício é e continua sendo obra de Satanás.

Todos quantos já transpassados do estágio de religiosidade e, portanto, assumidamente *crísticos*, eu os vejo com os (meus) olhos de espírito e, em clamor interior, com eles, ficamos esperançosos de que os cristãos se tornem *crísticos* também, para com eles comungarmos do pão e do vinho, em espírito, sem associá-los, destarte, a sacrifício de chibatadas, de coroa de espinhos, de crucifixão. E, ainda assim, garantir-nos quanto à certeza de que a estratégia de Lúcifer não se tenha cessado.

Posso, então, adentrar uma fila, em celebrações, misturar-me com eles, obedecer, milimetricamente, a ritualística, porém, em estágio interior de gozo de espírito, não sentir o efeito físico-químico da matéria objetivada como sagrada. Importa, como *crístico* que o sou, a intuição de que o *eu*, que é Deus em mim, em memória do Homem de Nazaré, o reconhece como vencedor e que é um vivo da Vida abundante garantida por Deus.

Portanto, leitores que eu os possa ter (será que eu possa tê-los mesmo na eficiência de um *amém* ou de um *assim seja?*), cuidado, muito cuidado, pois o escriba que ora escreve e os meus e os seus olhos também, caros leitores, são carne, enquanto a garantia do milagre, que é mistério, somente pode vir da parte de Deus. Não os posso enganar (ou posso?), ferindo-lhes o calcanhar. Examinem, por isso, estas palavras, até que se garantam, em espírito, da promessa que Deus garantiu a cada *eu*, em somatório que os transformem em D-eus!

Pois a estratégia de Satã continua...

27

VIOLÊNCIA QUE ENSURDECE E QUE CEGA*(Pará iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)****ISAÍAS 33****14 Os pecadores de Sião se assombraram, o tremor surpreendeu os hipócritas. Quem dentre nós habitará com o fogo consumidor? Quem dentre nós habitará com as labaredas eternas?**15 O que anda em justiça, e o que fala com retidão; o que rejeita o ganho da opressão, o que sacode das suas mãos todo o presente; o que tapa os seus ouvidos para não ouvir falar de derramamento de sangue e fecha os seus olhos para não ver o mal.**16 Este habitará nas alturas; as fortalezas das rochas serão o seu alto refúgio, o seu pão lhe será dado, as suas águas serão certas.*

Livre, livre de todas as estratégias do mal - das que já se nos impôs e das que estão por nos ser impostas... pelo poder de Satã! Sim, aos que tapam os ouvidos, já é o tanto quanto basta e também se pode deixar de vê-las, pois é tudo o quanto basta, para tanto: fechar os olhos. Ouvidos e olhos fechados e, mesmo assim, esse terrível e horroroso "quadro" ele tem existência autônoma, independente, pois está no mundo, que é domínio de Satã. Foi estratégia dele, já vitoriosa. A cruz, veículo em que ele tão bem conduziu o seu intento; e, nessa esparrela, caíram os evangelistas e os apóstolos e Paulo apóstolo, principalmente. Portanto, ouvidos e olhos fechados ainda são armas poderosas para abominar o derramamento do sangue, que é violência e que é condenação da parte de Deus: "***Não quero sacrifícios e holocaustos; quero misericórdia e o conhecimento acerca de mim***", condições essas que são dirigidas de Deus ao homem-espírito, como está dito em Oseias 6,6 e, em Mateus, 9,13. Mas, que sempre não nos enganemos. Mesmo fechadas essas vias, ele Satã, em sua estratégia contínua contínua, e impera. Só que os de olhos e ouvidos fechados habitarão nas alturas, as fortalezas das rochas serão o seu alto refúgio, o seu pão lhe será dado, as suas águas serão certas, como bem diz o Profeta. Obviamente, por estarem com tais vias fechadas, não se deixam enganar pelo inimigo que é no homem-carne e é comum a Satã; esse inimigo é o ego, o maldito ego, este que tem o Eu como amigo, contudo o ele, o ego, teima em ser seu inimigo, como assim também o é Satã. Pois os evangelistas, os apóstolos e Paulo, também apóstolo, se mantiveram de ouvidos e olhos abertos e terminaram vítimas da estratégia de Satã. Ele Satã que a sua estratégia começou no Éden, depois de haver sofrido e amargado a derrota na luta que teve no Céu, com Miguel. Precipitado na terra, principiou a sua agenda do mal que lhe é por essência e que lhe é intrínseco, na exata ocasião em que continuou sua teimosia de lutar contra Deus, que acabara de promover o mundo, por meio dos seus "*fiats*". Num conjunto desses "*fiats*", terminou a sua obra de criação, que foi o mundo, mundo esse, aliás, para o qual fez precipitar Satã, após aquela batalha no Céu de que falamos há pouco. E, então, o início de sua maldade se deu pela via da transformação de sua aparência, passando à condição de serpente enganadora, num episódio que todo o mundo conhece e não se precisa aqui repeti-lo. E, como façanha maior que pôde alcançar, até o presente, fez por onde os Anás e os Caifaz, que aprisionam a Deus, e os Herodes e os Pilatos, que aprisionam os homens, se mantivessem na perversidade de Satã, promovendo a violência de uma morte

criminosa, da qual, em nenhum momento, se procurou furtar o filho de José e de Maria; é que, sem o alcançarem assim, livre e vencedor, em espírito, os que estavam em seu derredor, não perceberam que ele já era *uno* com o Pai; *Eu e o Pai somos um* e, sendo assim, pôde proclamar: *Eu venci o mundo*. Não disse que vencerá nem que venceria nem que vence o mundo; ele disse *Eu venci o mundo*, num pretérito que nenhuma dúvida carrega quanto a ser perfeito e acabado. E esse homem, como homem-espírito, não pelo plano ou ordenança de Deus, foi, na visão dos homens, isso sim, escarnecido e vítima criminosa de morte física ignóbil e vil, na cruz, ao lado de ladrões. Esse quadro, pois, é obra de Satã, e dele se apercebem e assim o registram nesse e desse modo os que ficaram de ouvidos e olhos abertos, os próprios Anás, os Caifaz, os Herodes e os Pilatos, que não são apenas os personagens da História, tão conhecidos, mas os constantes e residentes nos homens-carne de todos os tempos e lugares. Esses, justamente, ajudaram aos evangelistas, aos apóstolos a caírem na esparrela da estratégia maior de Satanás, a qual não foi ainda por ele próprio superada. Enquanto isso, aquele que, em espírito, pode ter dito o *tomai e comei* e o *tomai e bebei*, na pujança do seu público ministério, o dizia nessa quadra fácil de espírito e de espiritualidade, a que não tiveram verdadeiro alcance os evangelistas, os apóstolos e também Paulo. Pois, de forma reprovável, sob a influência de seus Anás, dos seus Caifaz e dos seus Herodes e de seus Pilatos, terminaram sendo instrumentos de Satã que só podia terminar, como terminou, ficando a rir de todos, menos de Deus e do filho unigênito, é óbvio. Certo é que da escrita que hoje se tem como a palavra, o verbo, nas igrejas, se diz que ela é santa, que ela é de Deus, quando, em verdade, porque ditas e escritas com olhos e ouvidos abertos, não se advertiram da violência do derramamento de sangue que é condenado pela Divindade, e que é a obra mais perfeita de Satã - é triste se dizer isto; triste é. Por isso, celebre-se o Cristo em Jesus ou o Jesus Cristo como o alcance que teve a dimensão espiritual, nele, de operar o *Eu venci o mundo* e o *Eu e o Pai somos um* sem o concurso da violência e do sangue abominados pelo Profeta e por Deus e pela Divindade. Aquele Profeta do prólogo desta modesta escrita, sim, estava e continua de ouvidos e de olhos fechados para o derramamento de sangue e para o mal e o que lhe advém não como recompensa, mas como elemento da graça que ainda não foi do seu tempo de vivo desta vida, em terra, lhe proporciona, mesmo assim, o sossego de habitar nas alturas, de ter o seu refúgio nas fortalezas das rochas, de ter a certeza de que o seu pão lhe será dado e de que as suas águas lhe serão certas...

28

***SE É HOMEM JUSTO DO ESPÍRITO SANTO,
PODE-SE EM ESPÍRITO PROVÁ-LO?***

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

LIVRO DA SABEDORIA

Preparemos uma armadilha para o homem justo, porque ele se põe em nosso caminho e nos entrava a cada passo... Ele se intitula "servo do Senhor"... É uma condenação viva de todas as nossas ideias. Só o fato de vê-lo nos aflige, porque sua vida não é como a dos outros, seus caminhos são diferentes... Ponhamos à prova suas palavras, e vejamos o que lhe acontecerá no fim; pois se o homem justo é Filho de Deus, Deus estenderá a mão para salvá-lo... Provemo-lo por ultrajes e torturas, para medir sua paciência. Condenemo-lo a uma morte infame, pois julga que achará um protetor. (2,12-20) Obs.: apenas na Bíblia Católica

A dimensão homem-carne de um filho de mulher, já em discernimento maduro de seus cerca de trinta anos, ter-se-ia posto, em espírito, movido pelas "verdades" da "sabedoria" de um homem, como Salomão, nesse livro que o *canon* Católico o chama de livro da Sabedoria? Certo é que viveu ele a dimensão de justo, em espírito, que transbordou para o lado da existência de sua realidade histórica, sendo incompreendido tanto pelos seus discípulos e, muito mais ainda, naturalmente, pelos Anás e os Caifaz (religiosamente falando) e pelos Herodes e os Pilatos (civil e militarmente falando), sejam estes os reais personagens com os quais conviveu, na sua mencionada realidade histórica, sejam eles os que, nos tempos de ontem, de hoje e de sempre, se fazem, em constância, como os incomodados com o ser justo daquele homem que se projeta, fortalecido, no curso e para o curso de todo o tempo, até o momento final escatológico...

O Grande de uma dimensão que, por ser de origem de espírito, termina em *indimensão* que a linguagem defeituosa da carne não pode abarcá-la, o Grande de uma dimensão - dizíamos - termina fortalecido mesmo que enlaçado num clima de incompreensões, que a todos atinge, indistintamente. Impõe-se esse Grande como arquétipo poderoso de uma referência ímpar, notável, que não sucumbe, jamais; muito pelo contrário, provoca o paralelismo da insistente ação desses insensíveis; insensíveis que se julgam pretensos aprisionadores de Deus (os Anás e os Caifaz) e os reais aprisionadores dos homens (os Herodes e os Pilatos). E esse Grandioso Grande segue o curso do tempo, assumindo-se poderoso cada vez mais, toda vez que retorna sem exigências telúricas, mas tão somente de presença alimentada pela fé dos que não precisam ver para crerem. São estes os que, como o Grandioso Grande, também se entregam nos braços da "morte" das ilusões deste mundo,

preferindo, sem deste mundo tentar fugir, "*amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo*".

Todos quantos, pelo ímpeto espiritual, caminham a subida do monte de Deus são os justos que os tais Anás, os tais Caifaz, os tais Herodes e os tais Pilatos os poriam, segundo Salomão, em terríveis provas, todos os dias. Pelo certo, a insistência e a cegueira os fazem insensíveis, a ponto de contaminarem o grosso de uma humanidade que fica refém das estocadas estratégicas do grande inimigo de Deus, que é o dianho, nome este escrito assim mesmo com a inicial minúscula do desprezo que se lhe há de dirigir, sempre!

Sou, aqui e agora, o simples escriba e, enquanto escriba, sou aquele que anseia o retorno à pátria do céu, e, por certo, como carne, não posso ver nem viver essa aspiração, e o justo que possa ser, tal qual o foi (e continua sendo em eternidade) o filho de José e de Maria, em espírito, nesse estado, então, também o possa ser o Eu de (minha?) *indimensão* com a sempiterna Divindade... E que, por isso e para isso, me tentem provar os Anás e os Caifaz e os Herodes e os Pilatos da "sabedoria" de Salomão, com os quais jamais poderia pisar o chão macio onde é o trono da Divindade gloriosa!

Assim o tentem fazer, fiquem à vontade, porque o justo, coloquem-no vocês em prova, ou não, ele *p,r,e... pre, v,a... va, l,e... le, c,e... ce; prevalece!* Em espírito, evidentemente. E que nisso e para isso não me confunda nem a minha nem a carne do distinto e da distinta leitora, já que, nelas, estão, não me engano, os Anás e os Caifaz, e os Herodes e os Pilatos, mesmo que na forma reflexa dos *dominados* que inevitavelmente somos dos tais *dominadores* e acrescento, ainda, como se aquelas quatro categorias de apegos ainda não bastassem, mais outras dessas categorias, agora no campo da decepção, *dominantes e dominados* que também os são, quais sejam os da carne dos Pedros (que negam) e os da carne dos Judas (que traem) e os da carne dos Tomés (que duvidam) e os da carne dos momentâneos pretensiosos egocentristas irmãos-apóstolos João e Tiago (que pediram um lugar especial, para cada um, à direita e à esquerda do Senhor, no Céu)!

Enfim, que essa crudelíssima realidade não produza desânimo algum e, *em espírito*, possamos assistir, com a Divindade, a alegria e à alegria do justo que prevalece sempre...

.....

- Mas, quais armadilhas podemos nos propor a engendrar contra o justo que não nasce de nossa carne (e nem dela nunca pode nascer!), leitores, a ponto de eliminá-lo, mediante provas terríveis para uma morte física infame?

- Nenhuma!!! Pois as tentativas, neste sentido, não passarão jamais de meras estratégias humanas, fomentadas pelo..., não, não, não vou mais lhe propagar o nome... Basta dizer que, lamentavelmente, nessa linha de carne, ele se vem utilizando, ainda no tempo presente, dos Anás e dos Caifaz e dos Herodes e dos Pilatos deste mundo, com o adjutório dos Pedros (que negam), dos Judas (que traem), dos Tomés (que duvidam), dos Joãos e dos Tiagos (que fazem despontar um egoísmo, ainda que episodicamente). E Salomão, em sua "sabedoria", fica, desse modo, como sem os pés no chão, como é próprio, aliás, de toda a carne, como esta do escriba que aqui termina a sua crônica..

29

BEM OBSERVANDO...

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Já parou para observar? Se eu digo a vocês *Amem*, o modo verbal, aqui, é o imperativo de uma condição (amar), sem a qual não se concebe Deus, porque ele é amor. Pois bem, com as mesmas letras e o ponto de exclamação, eu acrescento, apenas, um acento agudo, para contar com a certeza de que você, meu leitor e minha leitora, introjetaram e vivem a certeza dessa condição de Deus. É o *Amém!*, o qual me dá por certo que vocês em tudo entendem e agasalham e aceitam o que eu disse. Esse *Amém!* é o *Assim Seja!* que significa a mesma coisa. É preciso que o imperativo do verbo não prescindia do assenhoreamento da interjeição. Ora, e eu não preciso de mais nada do que a agudez de um acento que toma assento neste texto, num contexto sem pretexto. Ele é magrinho, bem roliço na cabeça e inclinado para a direita, parecendo alguém que está caindo, enquanto flutua sobre a cabeça de uma letra. Ele é porta-voz do som aberto de *Amém!* e cede lugar a um imaginário circunflexo em *Amem!* O plural de pessoas amantes assume postura de seres envolvidos e comprometidos com o verbo que nada transmite a objeto algum, mas intransitivamente exaure o seu sentido tão verdadeiro e tão santo, que comporta o retorno da ação incisiva de quem se objetiva em agudez. E sem pretexto, realmente, não preciso viver repetindo *Amem!*, *Amem!*, *Amem!*, porquanto já de forma direta, sem se insinuar, vejo que se assenta no acento próprio o sinal de som aberto, tão aberto que chega a doer o ouvido: *ém, ém, ém*, evidentemente acompanhado do tal eme nasalador. Assim, embora sem nominá-lo, incute-nos o *Amem!*, sem acentuação, a preexistência poderosa e natural do bendito *Âmem!* Sim, ele agora, mais incisivo, se protege do sol das incompreensões com o chapéu circunflexo de um abrigo seguro. Contudo, *Amém*, *Amem* ou mesmo *Âmem* sejam eles providos ou desprovidos de exclamação, me conduzem, exclamativamente e, em remate, para o: **AMÉÉÉÉÉM!!!!**

É o meu grandioso desejo, leitor, leitora, como projeção de espírito nesta carne e nestes músculos e nestes ossos que me formam, que assim dizendo, tecendo neste *tablet*, já revela a decepção do espírito, como se este pudesse tê-la; decepcionada mesma é essa carne e esses músculos e esses ossos que ficam na encruzilhada entre o *Amem* e o *Amém*. Bom seria que a força do espírito de (meus) olhos de espírito dominasse essa minha realidade, tornando-a eterna e infinita, definitivamente, mergulhando-me, inteiramente, no *Âmem!*, já extravagantemente acentuado e assim restando assentado, em pleni-consciência, o *Amém!* que me fizesse, em espírito, consciente, dentre os tantos quantos amam de verdade...

30

CUIDADO COM A SERPENTE

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Fico a meditar, por longo tempo, quão tem sido não digo vitorioso, mas tanto mais enganador do que ontem o astucioso satanás; assim mesmo, com inicial minúscula, pois ele não merece a distinção de uma inicial maiúscula. Os que o distinguem com tal observância gramatical, para início de conversa, são exatamente os que se deixam ludibriar por ele.

Assiste-se todos os dias e durante os dias todos a posturas de pessoas que se assumem religiosas, pessoas que se presumem autorizadas, porque passaram dois, três anos num seminário ou outro centro de ensino que o valha, e logo se transformam em padre ou pastor, e vão evoluindo, passando a bispo, a cardeal, a papa, a apóstolo etc etc. Todos esses vivem a pregar o que resultou escrito sobre Jesus, como tendo ele morrido para nos salvar dos nossos pecados. Esses religiosos, a partir dos premiados que escreveram os evangelhos e as epístolas, não se dão conta de que estão submetidos à estratégia de satanás. Sim, é tão pesado e complicado dizer isso. É preciso mesmo muita coragem, para uma tal afirmação. Mas, assumo esse risco, pesado e contado, que possa vir de encontro a mim.

Pois satã é estratégico. Ele foi vítima de sua beleza, quando, ainda no céu, a sua vaidade, a sua louca pretensão de se tornar e de ser igual a Deus terminou fazendo-o em batalha juntamente com os seus anjos contra Miguel e se sabe que dessa guerra, como não poderia de deixar de ser, ele saiu perdedor. Tudo isso ocorreu quando o quando não era ainda quando, pois o princípio é que é e foi o início de tudo quanto material, por querer imperscrutável de Deus. Ali, no céu, antes do princípio, Deus e seus anjos, dentre eles Lúcifer, aquele que foi o rebelde, o provocador daquela guerra, Deus, como vínhamos dizendo, não se ocupava nem se preocupava com o princípio. O certo é que, após aquela guerra, por um querer que não cabe a ninguém indagar por que, Deus, certamente decepcionado com o estado de coisas no céu, transformado no palco de uma guerra, resolveu se utilizar dos seus *fiats*, e o primeiro deles foi o *fiat lux*, ou seja, a luz espiritual, que seria a via não-material que resultaria no *fiat* da materialização da luz que é vista pelos nossos olhos de carne e que, traduzida e transformada na sua forma mais fraca e dissipada, veio a se constituir em matéria, matéria dos três reinos da natureza (mineral, vegetal, animal). Nessas matérias, que são o mundo, aquele Lúcifer que fora derrotado no céu, Deus, por ser sempre amor, não iria demonstrar o seu poder sobre ele simplesmente aniquilando-o. Ao tempo em que desenvolvia os seus *fiats*, dando lugar ao princípio e ao quando (portanto, quando esse que foi dando margem a uma sequência que teve o seu início e se acabará no escatológico, ou seja, o fim do mundo, este como resultado dos *fiats*), foi criando o mundo e para esse mesmo mundo ele precipitou aquele Lúcifer, este com pleno poder sobre ele mundo, pois de suas ações ***ninguém***, enquanto do mundo considerado, pode escapar. Assim é que, de um dos seus *fiats*, no sexto dia de sua criação, fez aparecer o homem e a mulher sobre a face da terra, colocando-os sob a forma de prova de serem-lhe obedientes. E foram postos em um paraíso, sendo tal lugar um lugar de delícia, pois paraíso é isso mesmo. Tudo era tão bom para o homem, de húmus formado, e que naturalmente se força, por isso, a que seja humilde, feito de um pó, tinha, ainda assim, a liberdade de o seu pó permanecer para sempre ou então para

ser uma etapa de tempo, apenas. Foi com o livre arbítrio que Deus permitiu o exercício dessa escolha. E ela se processou num cenário de tentação, tentação advinda por aquela figura que já tinha perdido a guerra no céu para Miguel. E, naquele jardim, ele jogou de lado aquela beleza com a qual se exibira no céu e passou a se utilizar do expediente do disfarce. Transformou-se numa serpente que falava. Serpente falante, pois. E, claro, procurou, primeiro, o canal mais persuadível da emoção, com sede na mulher chamada Eva. Tanto insistiu a serpente, que mostrou a Eva não ter problema se ela desobedecesse a Deus e comesse do fruto da árvore do bem e do mal, ou seja, do conhecimento, do intelecto. E, assim acontecendo, terminou Adão também sendo convencido. O certo é que a desobediência aconteceu e Adão nem sequer chegou a comer o fruto, por inteiro. É que ele ficou atravessado em sua garganta, formando aquela protuberância na parte anterior do pescoço de todo macho humano, conhecido como pomo de Adão. Em tal circunstância, entretanto, a desobediência, o fato gravíssimo por excelência tinha acontecido. E o estado de inocência de uma vida paradisíaca cedeu lugar à descoberta da nudez, tanto assim que os dois, Adão e Eva, se utilizaram de folhas de figueira para cobrirem suas nudezas. A expulsão do paraíso foi a consequência, ficando o homem, em seu húmus, do pó em que foi criado, com o sopro de Deus em suas narinas, condenado a tornar àquele pó do qual tinha sido feito. Passou a comer com o suor do seu rosto. A mulher a ter filhos com as dores do parto.

Mas Deus pôs inimizade entre a mulher e a serpente, dizendo que a semente dela ferirá o calcanhar da semente da mulher, porém esta semente da mulher ferirá a cabeça da serpente. Sim, a serpente, mesmo em sua astúcia, teve a sua cabeça ferida... por quem? Pelo próprio Deus, trino, manifestado no Nazareno, nele reunidos o Pai, o Filho (sua carne obediente) e o Espírito Santo. Mesmo, porém, vitoriosa a sua carne, isto é, a carne do Nazareno, Lúcifer, satanás, ainda soberano nessa carne do mundo, o fez fraquejado, quando pediu que o cálice passasse logo, quando disse tenho sede, quando perguntou por que estava abandonado. Como se isso fosse pouco, satã ainda agiria, como continua agindo, por meio de todos quantos, religiosos ou não, acham e defendem que Jesus substituiu touros e cordeiros de sacrifícios. Que lástima. Na verdade, a semente fere a cabeça da semente da serpente exata e precisamente em todo e qualquer *Gtesêmani* vivido e vivenciado por qualquer ser hominal, branco ou preto ou amarelo, masculino ou feminino, rico ou pobre, que repele as ofertas da semente do mal e diz e assume, em convicção espiritual e espiritualizada, ou seja, que não é da carne propriamente, embora nela residido, que diz e que assume, dizíamos, que "não seja feita a vontade dele ou dela, mas a vontade de Deus!"

Veja-se que a afirmação de Gênesis é que Deus poria, como terminou pondo, efetivamente, inimizade entre o gênero mulher e o gênero serpente, aquela representando o bem e esta, como sempre, o mal, atuando no mundo, fora, portanto, dos limites do jardim das delícias, ali onde, aliás, ficou, protegida por querubins, a árvore da vida. O verbo, pois, está no futuro do presente, mas falei em futuro do pretérito, porque é ação já passada, e provada. Expulsos do paraíso, a promessa de Deus se efetivou no curso da vida dos vivos da mesma vida que tiveram e têm, ainda hoje, os homens. Não foi dentro do paraíso que essa inimizade se efetivou. Foi fora, no curso da vida dos vivos, mais precisamente do vivo mulher. Sua semente dá a paulada na cabeça da serpente, como a deu o Nazareno, semente de mulher, incorporando, em consciência, o eu + Divindade, que é poder poderoso, por excelência, e não poderia ser diferente. Então, essa paulada não é privilégio de um ser hominal, apenas. Todos quantos, como o Nazareno, desapontam a semente do mal e vence, de roldão, as tentações de satã, quaisquer que sejam eles, dizendo "não seja feita a minha, mas a vontade de Deus", coerentes com os seus estatutos, escritos e inscritos não em tábuas de pedra, mas na sede de seus corações, em suas mentes, também, são os vencedores, por terem morrido a morte das ilusões do mundo.

Isso é ocupação de espaço total, geral, em que o residido de Deus se faz pleno de Deus e satã, mesmo de estratégia ainda pronta e cada vez mais afiada, fica desapontado. Interessante é que se diga que a afirmação poderosa do *Gtesêmani* não se dá por força de carne nenhuma, embora residida nela; se dá naquele que alcançou o novo nascimento; novo nascimento que, como o vento, o faz sem saber de onde vem, nem para onde vai. Assim foi com o Nazareno, que morreu a morte das ilusões do mundo. Isso mesmo; Ele que, ainda em vida do vivo desta vida, que é abundante por promessa de Deus, vivo, sim, palpitando-lhe, ainda, no peito, o coração de carne, estava morto para aqueles ilusões, porém vivo, e ressuscitado para o gozo de uma vida de desilusões, ainda mesmo no tempo de sua vida de húmus que, agora, não tem como retornar ao pó de que fora feito, pelo poder da transformação da última trombeta, reservada àqueles que, em espírito, venceram as terríveis tentações satânicas...

31

ENQUANTO SIMPLEMENTE ADÃO, SOU LADRÃO

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

O iluminado Padre Antônio Vieira, in O Sermão do Bom Ladrão, exprime a seguinte verdade: "*Faltavam-lhe poucas letras a Adão para ladrão, e ao fruto para furto não lhe faltava nenhuma.*" Realmente, considerado Adão um ladrão, aquele que furtou o que lhe fora proibido, que é o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, duas letras (L e R) distanciam Adão de ladrão, enquanto entre furto e fruto as letras são iguais, porém trocadas.

Fruto proibido tornar-se produto de furto é resultado da peleja entre Deus e Satanás, aquele dizendo que, por comer desse fruto, Adão certamente morrerá e este dizendo que Adão, também por dele comer, certamente não morrerá. Portanto, o fruto é de Deus e o furto é de Satanás. Adão, alma vivente, resultado do pó da terra + sopro divino é de Deus, considerado apenas este último "ingrediente" como sendo do Céu, enquanto ladrão é arte de Satanás, considerado, neste aspecto, o outro "ingrediente", qual seja o do cenário de pó de terra. Adão é semi-perfeito e porque ficou dotado do livre arbítrio, faltou com obediência a Deus, quando acrescentou as letras L e R para se tornar ladrão, ao se render à astúcia de Satanás; constante é, então, a presença do disfarce como arma de serpente falante e enganadora. Daí o fruto ter dado ocasião ao furto. E dizer que Adão é ladrão significa, partindo da desobediência, o estado de posse acerca daquilo que se é proibido ter, por não poder ser seu.

Deus, por bondade e por amor, quis, humilhando-se, criar - e criou - no tumulto do mistério da semente da qual nasceu o mal, com Lúcifer, no Céu, travando a batalha em que saiu perdedor, com Miguel, criou - vínhamos dizendo - o mundo, permitindo, por precipitação, que no mundo agisse Lúcifer. Assim, o próprio ato de criar, substantivo, é produto envolvido no mistério do mal, por mais que Verbo, Palavra ou Sentido, como sinônimos que são, sejam insuperavelmente poderosos; tanto que o Adão feito de barro e com o sopro de Deus já continha em si uma liberdade para, por ele próprio, discernir entre obedecer e desobedecer. E ficou entre os dois avisos, entre as duas advertências: certamente morrerás e certamente não morrerás. Todo o Adão, pois, por conta da inclinação para o certamente não morrerás, de Lúcifer, de Satanás, vive uma vida como ser expulso do Paraíso, por viver furtando o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal e insistindo em comê-lo. Inclusive o Adão nascido de mulher (todos os são!) na Judeia, como filho de carne de José e de Maria, assim viveu nesta Terra, a qual é campo onde pastoreia Satanás, por permissão de Deus, por meio de uma precipitação, como já se fez ver. O conhecimento do bem e do mal foi revelado ao Adão edênico, mas Deus se preveniu contra Satanás, guardando a árvore da vida, no Paraíso, por meio de querubins, para que Adão não a furtasse, também. Assim, todo o Adão feito de barro e com o sopro de Deus em suas narinas (o que o torna alma vivente) é produto do substantivo que respalda a existência, mas não o Verbo, Palavra ou Sentido, em si, que são essências transcendentais e portanto inatingíveis pela astúcia de matéria de Satanás. Disso se retira a feliz conclusão de que quem caiu, entre aqueles dois avisos, entre aquelas duas advertências, foi o barro e nem tanto o sopro de Deus, pois este, sendo de Deus, para Deus sempre há de voltar. Esse barro do Adão do Paraíso, o qual deste foi expulso, e o de todos os Adãos que lhe seguiram no curso da

História vive movido nesse, por esse e desse dilema e tem propensão para o *certamente não morrerás*, porque esse barro é para isso tendencioso, como um ambiente propício de Lúcifer, pois é parte da Terra; Terra para onde Lúcifer terminou sendo precipitado por Deus.

Um único Adão nascido de mulher nasceu de novo, em espírito, obedecendo de tal modo a Deus que, ainda em vida biológica, morreu a morte da desilusão deste mundo, ao dizer e viver a grande expressão de amor, após um ministério público seu, de três anos: "*não seja feita a minha, mas a tua vontade, Pai*". Com tal entrega, esse Adão deixou Satanás tão decepcionado, esmagando-lhe a cabeça de serpente do mal, tornando-se o seu barro, inclusive antecipado ao eclodir escatológico, ressurrecto e glorioso! Este foi o primeiro que não incidiu em furto do fruto. Não foi ladrão. E assim se deu com o seu barro porque, nascendo e nascido de novo, a tamanho nivelamento de espiritualidade alcançou por nutrir e viver a verdade segundo a qual o *Eu Sou* em si na forma de sopro de Deus já o era antes mesmo que Abraão tivesse sido. Teve, não só em revelação, mas em vida de serviço e de entrega, a visão de olhos de espírito, única a permitir na limitada consciência humana a grandeza inenarrável do eterno e do infinito de Deus, da Divindade. E ele disse que esse novo nascimento não era privilégio exclusivo dele (v. João 14, 12). E homens há, poucos, mas os há, os quais ultrapassaram a condição adâmica, nesta existência de vida fora do Paraíso, os quais, se não alcançaram a antecipada consumação deste século, como a alcançou Jesus de Nazaré, acham-se presentes, de forma escandalosa, para Satanás, na galeria dos santos. Estes, com certeza, não furtaram o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, conquanto em carne tenham permanecido e dormem, ainda hoje, à espera da ressurreição, daquela ressurreição bendita que é capaz de transformar a matéria, mesmo que essa matéria seja, ainda neste momento, o pó ao qual tiveram de retornar.

Então, sem ser pretensioso, que esse Adão-ladrão, que o sou - não devo negar - possa, por milagre do Céu, abrigar a sentença de Deus (certamente morrerás) e, destarte, tão santo como poucos homens se tornaram, não viva a vida de furto do fruto, nem na condição dos Herodes ou dos Pilatos (que são os aprisionadores dos homens), nem na condição dos Anás ou dos Caifaz (que são os pretensos aprisionadores de Deus), mas, em espírito, nasça de novo, para Deus, mesmo que a senhora da foice me faça dormir, isto acontecendo-me com a certeza de que me acordo com Cristo ressuscitado, todos os dias da minha vida, mesmo antes da ação inevitável daquela senhora.

Amém!

32

REPARADORES E RESTAURADORES AUTÔNOMOS

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Isaías, 58, 12:

E os que de ti procederem edificarão as antigas ruínas; e levantarás os fundamentos de geração em geração; e chamar-te-ão reparador das roturas, e restaurador de veredas para morar.

Citando este versículo de Isaías, capítulo 58, vi e ouvi alguém, certa vez, que chamava a atenção para a profecia nele contida, enfatizando quatro situações, a saber: a primeira, a certeza de que haverá seguidores; a segunda, a certeza de que tudo quanto parece arruinado será novamente edificado; a terceira, a certeza de que o valor da palavra será levantado, passo a passo; e, finalmente, a certeza do reconhecimento da força de quem fez prevalecer a palavra, sendo tido como reparadores de roturas e como restauradores de veredas para morar. E, depois, veio esse alguém comparando essas quatro situações, paralelamente àquilo que ele chamava de as cinco colunas da verdade, que são, a primeira, a de que fala Jeremias, capítulo 10, versículo 10; a segunda, a de que fala João, capítulo 14, versículo 6; a terceira, a de que fala a 1ª Carta de João, capítulo 5, versículo 6; a quarta, a de que fala João, capítulo 17, versículo 17; e, finalmente, a quinta coluna da verdade, a de que fala o Salmo nº 119, versículo 151.

Concordo com as quatro situações e com as cinco verdades, sem tirar nem pôr.

Àquele alguém *(somente aqui não-revelado, mas bem sei quem ele o é)*, todavia, lhe faltou dizer que não é a minha carne e os meus músculos e os meus nervos e os meus ossos e os meus neurônios e as minhas glândulas e os líquidos que delas proveem, nem tudo isso que seja daquele alguém ou dos Apóstolos, dos que ficaram como os Doze, nem dos que hoje assim se proclamam, ninguém, nem mesmo a carne de Moisés, de João, de Marcos, de Lucas ou de Mateus, nem também a de Paulo, a de Barnabé, nem a de Estevão, nem a do Papa, seja o de hoje, sejam os de ontem ou os do porvir, ninguém mesmo que vista, que tenha vestido ou que vestirá uma roupa de carne, nem o moço Jesus que morava em Nazaré, na Judeia, ninguém, enfim, pode ser esses reparadores e esses restauradores. O reparo e a restauração são **a** e **da** essência do Cristo, Aquele que é antes que Abraão tivesse sido. Ocorrem eles *(os reparos e as restaurações)* naturalmente, numa "natureza" que é própria do Paraíso e nunca da Terra.

Ah, senhor alguém, o SENHOR, aquele que o é por ser o dono de tudo, SENHOR de mim e do senhor alguém e de todos os outros senhores alguéns que se possa imaginar e realizar, esse SENHOR, senhor alguém, é o único que pode reparar o que se tornar roto e restaurar o que deve prevalecer como Paraíso que foi por tal SENHOR projetado e exibido na Terra. Afinal, a decepção causada pela carne, que foi feita do pó e que ao pó passou a tornar, nunca deixou de ter nela, remanescida, a expressão daquele SENHOR, expressão essa à qual se chama EU, que não se há de

confundir com aquilo que todo homem é, ou seja, alma vivente, cujo sopro soprado em suas narinas não é dele e, por conta do pecado, como salário da morte, volta para o pó, não o sopro, mas a carne que é húmus, terra, de humildade, humildade do homem e também humildade de Deus que a tanto se permitiu, por amor.

Isaiás o disse e o profetizou e nela, na profecia, tudo se realiza, quer queiram os homens, quer não o queiram eles. Há tantos dismantelos, no curso do tempo e da História, afrontando, escancaradamente, aquelas cinco colunas da verdade; são desobediências e maldades que se atropelam, não somente na seara dos anás e dos caifaz, os pretensiosos aprisionadores de Deus, como assim na dos herodes e dos pilatos, estes que são os reais aprisionadores de homens. Conquanto nos deparemos com essas realidades lamentáveis, no tempo de Deus e nunca no tempo do homem, aquele, indubitavelmente, põe reparo no que resulta roto, por ações hominais, o que tanto não basta, porque também restaura a casa de moradia, aquele Paraíso do qual foram expulsos os nossos pais de barro, mas onde jamais deixou de ter abrigo a *Árvore da Vida*.

A *Árvore da Vida* permanece no Paraíso, guardada e bem guardada por querubins, e só os que procederem de Cristo, revelado que foi este pelo moço de Nazaré, são os que edificarão as antigas ruínas; e levantarão os fundamentos de geração em geração; e chamar-se-ão reparadores das roturas e restauradores de veredas para morar. Mas estes que dele procederem, como um plural de **Eus** nada mais são do que o Cristo - manifestação de Deus, pela qual este, infinito e eterno, de não-ser se tornou ser; humildemente, amorosamente.

Portanto, senhor alguém, faltou-lhe essa explicação, para que ficasse completa a mensagem que *Isaiás* nos deixou escrita, faz tanto tempo! E que agora não é possível, por sua boca, senhor, deixar insinuar que é o seu senhorio ou o meu quem repara o roto e quem restaura as ruínas... Ora, quem repara e quem restaura é o Eu + Divindade, que são o Verdadeiro Senhor, não a carne do senhor alguém que provocou agora esta reação no modesto escriba que o sou...

O reparo e a restauração, enfim, resultem, sempre, na morada de Deus no EU que, por ser plural, de EUS, resulta em DEUS. E o alguém senhorzinho pare logo com suas lições ou mesmo que, embora continuando-as, as veredas restauradas nunca jamais assim serão pelas suas mãos.

Precisamente, no Paraíso, onde permanece, bem guardada, a *Árvore da Vida*, vê-se, com olhos de espírito, o conhecimento do bem e do mal, o intelecto, envolto e comprometido, em definitivo, com o "certamente morrerás", morto estando. No seu lugar, o Eu + Divindade celebram sua morada naquele Paraíso onde permanece aquela *Árvore*; e é, agora, já no hoje em que escrevo, que o moço de Nazaré retorna, toda vez que, naquele Paraíso, sede da *Árvore da Vida*, com um chão sem referência de Terra, ali são, com absoluta presença, a Divindade, compreendida no Deus + Cristo + Espírito Santo + Eus, estes sendo tantos quantos haja permitido a bondade e amor e humildade da Divindade, em carnes de Adão, sejam estes de qualquer tempo, e que estes Eus só o possam ser com ele, o SENHOR, senhorzinho!

Dessa dimensão, com a terra mansa e não pesada aos pés do homem, inclusive do senhorzinho, dá-se o cenário da justiça da Divindade. Esta, na verdade, a única sofrida em se permitir ser, assiste aos Eus reunidos, todos eles afinal restaurados, uns justificados, outros, ainda não, por não terem podido fazer do escatológico uma antecipação já naquele ambiente que é domínio da já tão mencionada *Árvore*...

O bom e o maravilhoso, porém, é que o dianho (*nome escrito assim mesmo, sem letra inicial maiúscula que já sinalize nosso desprezo por ele*) não tem entrada para desenvolver os seus artifícios de enganação na referida dimensão, podendo, sobretudo os Eus das Evas de Magdala, transitar no Jardim restaurado, sem o menor risco de serem postos à prova, porque já definitiva é a obediência no amar a Deus sobre todas as coisas, posta, em definitivo, como escrito nas mentes, a determinação quanto a dever ser feita a vontade da Divindade, nunca a de nenhum senhorzinho!

33

O RETORNO

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Prova do amor de Deus a Lúcifer, mediante sua própria "humildade" (de Deus), criando o mundo, para onde o precipitou (quando o poderia destruir); desobediência (do e pelo homem-carne-inocente) e retorno triunfal com a obediência que se operou num vivo desta vida (Jesus) que eclipsou o poder luciférico não somente para ele, mas para todos quantos, em espírito, como ele, prova a obediência ao "humilhado", que é o Senhor, por meio do Eu que é em si mesmo, na dimensão homem-espírito

Gênesis, Capítulo 2

versículo 7: E formou o SENHOR Deus o homem do pó da terra e soprou em seus narizes o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente

.....

Eclesiastes, 12

versículo 7: e o pó volte à terra, como o era, e o espírito volte a Deus, que o deu.

.....

Em gênesis, Fórmula A (de ida): pó < homem (húmus, humildade) de carne < fôlego de vida < sopro divino = ser humano (de carne) vivente, existente (Gênesis, 2, 7)

Em Eclesiastes, Fórmula B (de retorno): sopro divino > fôlego divino > homem (húmus, humildade) de carne > pó = ser humano (de carne) que deixa de existir (Eclesiastes, 12, 7)

Explicando os dois sinais:

< = menor que

> = maior que

.....

Deus

>

Céu

>

Anjos

.....

Lúcifer, anjo também, um pedaço do Céu que se corrompeu

Rebelião

Miguel x Lúcifer

Vitória de Miguel

Isso tudo, antes do princípio

Princípio

Criação - no pós-guerra ocorrida no Céu

Fiats

Fiat lux

Poder ***lucífero*** (de luz) tanto materializado quanto menos ***lucífero*** (*de luz*)

Precipitação de satã na terra = prova evidente do amor de Deus

Poder ***luciférico*** (de Lúcifer), enganador, por meio de disfarces

Deus prova a Satã que é todo amor e não um Deus injusto. Deus foi assim acusado de injusto por Satã. Provando o seu amor, se permitiu a humilhação e o auto-sacrifício, mediante sua Segunda Pessoa, o Filho, o Unigênito, o Cristo, com quem, ***em unidade***, promoveu os *fiats*, porém, em ***trindade***, promoveu aquele *fiat* por via do qual fez o pó se transformar em carne privilegiada com o seu sopro que lhe deu fôlego de vida (homem), com o sinete da liberdade: permanecer ou não no estado de inocência (outra prova de amor), onde a nudez não lhe trazia incômodo, porque a vida lhe era um estado de natureza de ser completo e harmonioso. Bastava-lhe, pois, obedecer: não se transformar num ser pensante, de conhecimento intelectual, contraposto ao de estado de inocência, tal como criado. Nessas condições, nem o conhecimento instintivo o afligia. Foi-lhe dito, como ser criado: cresci. Tudo lhe era, como continua sendo, abundante, na terra. Então, só uma vez crescido é que pode multiplicar-se. E o Adão feito de barro era "menino", como "menina" era Eva, ambos expulsos do paraíso, ainda pequenos, não tiveram como crescer ali e multiplicarem-se. Deu-se o episódio da tentação da serpente falante. Comeram do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, que é a desobediência, o que fez com que se lhes abrissem os olhos. E se tornaram deuses para desvendarem o conhecimento. Ainda hoje, todos os Adãos que nascem são tentados e o crescimento os torna afastados do Éden da inocência, porque, com o evoluir da idade, ganham discernimento acerca do conhecimento do bem e do mal, o intelecto, enquanto o conhecimento instintivo se torna cada vez mais agudo, na medida em que a fartura do mundo não se compara com a do Paraíso onde inicialmente viveu o primeiro casal de Adãos. O estado de inocência ficou comprometido com a

desobediência original, que marca todo e qualquer Adão nascido de mulher, com dores de parto para esta. E que todos esses Adãos crescem e se multiplicam, porém não com os frutos das delícias de um jardim, mas com os frutos do suor de seus rostos.

Finalidade de Lúcifer (não de Deus): enganar toda a terra

Façamos o homem = Deus + o Filho (sua manifestação **no** e **ao** mundo) + Espírito Santo

Em cada um dos *fiats*, Deus realça o seu poder **uno**, menos no *fiat* de criação do homem, no qual ele aparece **trino**

A coroa da criação (homem, húmus, humildade) cai, pela desobediência, mas não é porque Adão e Eva tenham copulado, não é porque Eva tenha comido maçã e, depois, oferecido a Adão, que também chegou a comer, ficando-lhe atravessado na garganta, produzindo-lhe um pomo, o pomo de Adão.

Ação de Lúcifer pelo disfarce em serpente falante

Lúcifer tirou proveito da via emocional de Eva

Até que a linha racional inocente de Adão cedeu e ele caiu, desobedecendo a Deus

Livre arbítrio, prova do amor de Deus

Motivo da queda: desobediência, que levou à perda da inocência e ao conhecimento do bem e do mal, mas não chegando até à árvore da vida.

Ciência do conhecimento do bem e do mal = conhecimento intelectual

Deuses: certamente morrereis

Árvore da vida - inacessível ao homem-carne; permanece, no Paraíso, guardada por querubins

No princípio, a criação e, nela, em termos de coroa, o homem inocente, receptáculo do Filho, ou melhor, o próprio Filho, o verbo que se fez carne (Cristo) na própria criação, que é Cristo, a Segunda Pessoa de Deus, aquele que se manifesta, que é antes que Abraão tivesse sido

Desobediência, rompimento, ruptura

Todos somos Adãos, iguais ao primeiro (figura daquele que há de vir)

Um desses Adãos, porém, viu e viveu Deus, obedecendo-o, até na morte, mas na morte das ilusões deste mundo = **"não seja feita a minha, mas a sua vontade, Pai"**

Morte das ilusões do mundo e, não, morte física criminosa, provocada pela perversidade do homem

Ou seja, quem aqui e agora digita neste processador de texto chamado *Pages*, instalado neste *tablet*, é carne que não é inocente, mas traz, no seu ser, instalado, original, o conhecimento do bem

e do mal, o intelecto, representado pela sinuosidade da serpente. Esse mesmo ser que o sou é igual ao ser de um homem chamado Jesus e que, do estado natural de desobediência do seu intelecto, desafiou satanás ante as tentações deste. Até que, num outro jardim, não mais no jardim do Éden, mas no jardim de *Gtesêmani*, se entregou, vitorioso, para desespero de satanás: "***não seja feita a minha, mas a tua vontade, Pai***". O resto do que lhe aconteceu, nesta terra, foi obra da perversidade dos homens, em face da dificuldade dos caminhos deste mundo, ou seja, sua flagelação, sua crucificação, seu sepultamento etc, tudo terminou acontecendo com quem já tinha vencido o mundo, ressurgido, sem dúvida, daquela "morte" mais importante, que é a "morte" das ilusões do mundo que ele começou a "morrer" com o batismo, seguido das tentações vencidas, seguido do seu público ministério, "morte" essa consumada, efetivamente, não no Gólgota, mas no *Getsêmani*. Este caminho ele não o reservou só para si, mas ficou como seta para todo e qualquer homem que desafia, em espírito, a satanás e vence e se torna obediente a Deus, não em estado de inocência, muito menos em via intelectual, mas na via santa das intuitivas respostas de Deus, em espírito.

A carne de Jesus passou, pois, pela Formula A e passou pela Formula B. Contudo, com relação a sua destinação, mais propriamente, o profundo nível de espiritualidade, tornando a sua dimensão homem-espírito plenamente integrada à Divindade, o fez, enquanto e durante o vivo da vida que nunca deixou de ter sido, antecipado ao escatológico, vencedor, junto ao Pai, de cujo trono nunca deixou de participar, sobretudo quando, exatamente, processou o corte abrupto na sua carne, infenso às artimanhas de Satã, que são próprias desta, dizendo e assumindo e vivendo o categórico ***NÃO*** da salvação: "***não seja feita a vontade da minha carne, Pai, mas a tua vontade***".

E toda vez que acontece com um homem o que Jesus nos deixou como exemplo se diz, seguramente, que ele retornou, pois se resgatou, para Deus, nesse homem, a parte divina nele residida, o seu Eu.

Tudo, pois, sem realce de violência e de sofrimento para o homem. Violência e sofrimento, bastam aqueles a que se submeteu Deus, por auto-humilhação, que é prova evidente do seu amor. Deus é amor.

É triste, pois, ver que um livro que contém o maior documento espiritual, o Sermão da Montanha, está permeado de compromisso e comprometimento com sacrifício. Isso é compromisso que não pode ser de Deus. Pode ser que o autor do livro se diz inspirado por Deus, mas, em verdade, ele não sabe, ou sabe, que está comprometido com Lúcifer, com Satanás. Moisés teve contato com Deus, no Monte Sinai, dele recebendo os dez mandamentos, escritos em tábuas de pedra pelo dedo de Deus, isso tudo, evidentemente, num simbolismo que traduz uma realidade imutável, que é verdadeiro para todos os tempos. Porém, ele não se deu conta de que estava preso à estratégia de satanás quando, no Livro do Êxodo e no Levítico, colocou os ensinamentos sobre a construção de um santuário, ali onde Deus deveria ser adorado. Um sistema de ritos, mediante os quais o pecador se livrava do seu pecado, sacrificando ele mesmo um cordeiro, na presença do sacerdote, cujo sangue era conduzido para o interior do santuário. Neste santuário, uma vez por ano, no dia do *Yom Kipur*, o dia da expiação, o dia do perdão, o sumo sacerdote, com o peso de todos os pecados transferidos do pecador para o animal, o cordeiro, entrava no Santo dos Santos, onde estava a Arca da Aliança, contendo as Doze Tábuas, com uma tampa sobre a qual havia a escultura de dois anjos, tampa essa que era chamada, em determinada parte central da mesma, de propiciatório, ou seja, o lugar onde Deus se fazia propício para conceder o perdão pelos pecados de todos quantos tinham sido transferidos pela morte dos cordeiros. Ali o sumo sacerdote entrava com dois bodes, um dos quais era escolhido para o sacrifício pelos pecados acumulados durante um ano. Outro bode,

que se chamava Azazel, representava satanás, e era levado para o deserto para ali ser sacrificado. Enquanto isso, os que escreveram o Novo Testamento, apesar dos ensinamentos belíssimos de Jesus, em parábolas e muitas belas lições de vida, se prenderam à mesma estratégia de satanás, à qual Moisés se deixou prender, na medida em que insistiu no sacrifício, desta vez transferindo-o dos cordeiros, dos bodes e do novilhos e dos touros e dos pares de rolas para Jesus de Nazaré, pelo seu sangue derramado.

Nada disso era necessário, mas os homens, na linha religiosa, sempre se conduziram como os aprisionadores de Deus, como se isso fosse possível, e este sistema continua em vigor ainda hoje, que lástima! Tanto que a ideia de sacrifício continua sobre Jesus, sendo ponto central desta doutrina o que se contém no livro Epístola aos Hebreus.

Tudo é tão simples, resume-se à humilhação de Deus, se permitindo a criação do mundo, com o seu Filho Único, o Cristo, colocando o homem como coroa de sua criação, homem esse que desobedeceu e que a salvação que ele nos deu veio por Jesus Cristo, efetivamente, não porque ele tenha sido morto numa cruz, mas porque ele foi o Adão obediente do *Gtesêmani* que o Adão do Éden não quis, por fraqueza, ser.

34

SAI DE TUA TERRA E DE TUA PARENTELA*(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)*

Ora, o Senhor disse a Abrão: Sai-te da tua terra, da tua parentela, e da casa de teu pai, para a terra que eu te mostrarei. (Gênesis, Capítulo 12, versículo 1); Se alguém vier a mim, e não aborrecer a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs, e ainda também a sua própria vida, não pode ser meu discípulo (Lucas, Capítulo 14, versículo 26)

Sai de tua terra e de tua parentela, amigo; faz, destarte, tal qual faz o patriarca bíblico Abraão, pois, o hoje que passa todos os dias e que nunca há de deixar de ser hoje, é tempo propício para tão santificada saída. Carrega, contigo, como "combustível" de uma determinação do teu sentimento, residido na carne, porém não misturado com ela, carrega contigo - dizia - o farol que te faz iluminado o caminho, de modo tal que seja constante o propósito de continuares sempre saindo, para que não te assaltes a sensação de que saíste. Nunca te deixes embriagar pela lembrança de um passado, que não existe, pois o hoje passado não dá vida ao hoje que corre e que te proíbe que digas: saí. O propósito alimentado por um "combustível" chamado fé é constante e permanente no tempo como no modo imperativo de assim o ser e continuar sendo. Por isso que, ainda hoje, melhor diria, ainda agora *eu vejo*, eu digo *eu vejo* e eu não digo *eu via* ou *eu vi*, pois bem, *eu vejo* Abraão, arquétipo indestrutível que mostra quem sai em constância de uma terra e de uma parentela. Eu mesmo, meu leitor, minha leitora, sou um Abraão, que diz não que saí de minha terra e de minha parentela; não, eu digo, de forma incisiva, que permaneço saindo, pois é fundamental essa constância. Eu saio, neste hoje de hoje e nos outros que também são outros hojes, eu - venho insistentemente dizendo - saio de minha terra e da minha parentela. E minha terra é a minha carne e a minha parentela é a que me faz ligado pela carne a outros. Então, eu-Abraão sou um ser que tem a constância de uma determinação, pela qual eu vislumbro a necessidade de continuar saindo de uma terra (a minha) e de uma parentela (a minha também). Nisso, contudo, acompanha-me a necessidade de um equilíbrio, porque eu não posso derramar o conteúdo integral de minha determinação, de modo a encharcar tanto a terra como a parentela que nunca deixarão de ser minhas. É que eu sou elas, eu sou delas, não as posso negar. Nem por isso, entretanto, fico impedido de permanecer em estado de saída, consciente desta necessidade, como todo Abraão que assim segue movido pela fé que tanto o caracteriza; tanto que se tornou conhecido como *O Pai da Fé*. Eu sei que o lugar chamado Ur, na Caldeia, e também os personagens nominados como sendo da ascendência abraâmica não me atrapalham a melhor e mais sadia intuição obtida do texto santo, pois nesse retrato de vida, nele e por ele eu sou Doriel, mas também me sinto autêntico Abraão. Miro-me no seu exemplo que não é algo de ontem, mas de hoje e de sempre e de agora, deste momento, que não se compartimenta, estando, porém, ligado a outros agoras e a outros momentos de uma sequência interminável. Ligo, assim, o Abraão que o sou, sem discurso intelectual, mas meditado e intuído e comprometido, seja com a terra, que é minha, seja com a parentela que é minha também e que, neste mundo, nunca deixarão de ser, os quais embora me possam pôr grades, porteiros, amarras,

mesmo assim flui suave o meu tempo de mundo, de modo que o sair permanece em constância imorredoura. E assim vou administrando a ira dos meus e a falta de ar do telurismo do meu torrão de nascença e de vivência, porque eu devo estar neles embora saindo e saído, já como partícipe que sou do reino que não é deste mundo. Vivo, por isso, aborrecendo a meus país e a meus irmãos e à minha esposa e a meus filhos, não somente a eles, mas aos amigos e aos colegas e aos anônimos, quantos sejam estes indeterminados seres humanos com os quais convivo, mesmo saído deles, e aborrecendo a minha própria vida, também, porque esse aborrecimento é inevitável que permaneça, enquanto aqueles tantos não se lancem em definitivo na sua saída santa. Ah, eu sou telúrico, sim, eu não desprezo as riquezas e as tradições de minha terra, desse tempo de agora e de quando era criança, porque a criança em mim permanece, sendo ela fundamental para esse meu processo de saída constante e perene na companhia de Abraão. E que assim permaneça eu não digo, mas o digo que assim permanecemos, eu e Abraão, sorrindo pelos campos deste mundo e pelas delícias desta vida, que é palco preparatório, sem dúvida nenhuma, para aquele reino em que já me sinto nele vivendo, embora com os pés firmes no chão...

35

**DESCUBRA O SUMO SACERDOTE QUE O É ETERNAMENTE, MESMO QUE
VOCÊ NÃO VENHA A DESCOBRI-LO**

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Imagino-me judeu da tribo de *Levi*, em pleno deserto, após a travessia do *Mar Vermelho*, a pé enxuto, agora, então, já no arraial, formado de tendas, muitas tendas organizadas ao redor do *santuário*, o *Tabernáculo*. Ali eu represento o intercessor do pecador para com *Deus*. Sou *sacerdote*. Assisto, todos os dias, o e assisto, também todos os dias, ao sacrifício dos pecadores que procuram o *santuário* para sacrificarem os animais por eles ofertados para a remissão dos seus pecados. Minhas mãos, se não retêm a ferramenta da degola, pois esta fica sempre nas mãos do pecador, pecador que impõe sua mão sobre a cabeça da vítima do holocausto, para, em seguida, degolá-la, minhas mãos - dizia - retêm, de qualquer forma, a cumplicidade de momento tão medonho, o da transferência de um ato de desobediência a *Deus* (o pecado) para um animal, que tem o seu sangue vertido e adotado com elemento de propiciação, ou seja, *Deus* se fazendo propício ao homem, pelo sangue.

Eu sei o peso que carrego sobre mim, principalmente se sou o *sumo sacerdote*, aquele que é o chefe dos *sacerdotes*, aquele que, no dia da expiação, o *Yon Kipur*, tem a responsabilidade de entrar, sozinho, ultrapassando o véu do *Templo*, no *Santo dos Santos*, e ficar na presença do *Senhor*, diante do propiciatório, que é a tampa que cobre a *Arca da Aliança*, em cima de cuja tampa estão dois *querubins* olhando ambos para a parte do propiciatório onde *Deus* há de se manifestar ao *sumo sacerdote*. É grave o tal dia, esse dia da expiação, chamado *Yon Kipur*, o *sumo sacerdote* que agora também me imagino como sendo ele, tomado de uma responsabilidade tão grande, tanto sangue que durante um ano, com morte de animais, escorreu e foi aspergido. Tenho medo sim de que tudo termine não dando certo. E se *Deus* não me aparecer propício, ali sobre o propiciatório, o que será de mim? O que será do povo? Tantos pecados transferidos por tanto sangue derramado. E agora, eu ali, solitário, no *Santo dos Santos*, apenas com dois bodes, um deles para o sacrifício, se *Deus*, propício, aparecer recebendo todos os pecados transferidos, ou seja, aceitando todos os pedidos de perdão, pois *Yon Kipur* é expiação, é perdão. *Deus, Deus*, não ache de não aparecer. Será o meu fim e o fim de todos os que esperam ver o seu *sumo sacerdote* sair do *Santo dos Santos* com a resposta de que *Deus* enfim aceitou as transferências, pelo sangue de tantos animais, os cordeiros. Eu ali, no *Santo dos Santos*, com os dois bodes, um deles, como se sabe, desde que *Deus* vindo a aparecer propício, seria sacrificado ali mesmo e o outro, de nome Azazel, seria levado para o deserto, também para sacrifício, e representava ele o demônio. Que quadro angustiante para o *sumo sacerdote*. Sem *Deus* se fazer propício ao *sumo sacerdote*, a decepção do povo, que ficava fora do santuário, vivendo a expectativa de que os seus pecados transferidos pelo sangue de cada cordeiro sacrificado transferir-se-iam, naturalmente, para o sumo sacerdote, que viveria o seu inferno de carência de propiciação para os homens. Ora, estes, naquele modo de vida tribal, de uma vida de nomadismo que durou quarenta anos, vagando pelo deserto, ainda não exibiam uma confiança no poder do *Deus* único, *Jeová*, o *Eu Sou* que falou com *Moisés* de uma sarça ardente, no *Monte Horebe*.

Sou então *sacerdote* e diferente de meus irmãos de nação, provenientes de *Jacó*, de seu pai *Isaque* e do avô *Abraão*, sou da tribo de *Levi*, um dos filhos de *Jacó*, depois chamado *Israel*, após ter *Jacó* lutado com *Deus*, diferente dos meus irmãos, eu dizia, não tenho eu e os da minha tribo a ocupação dos negócios, da venda e da compra e da troca dos animais, nós que, naquele começo, éramos nômades pecuaristas praticamente pelos quarenta anos de vida no deserto.... A vida era vivida no arraial, as tendas sendo postas ao redor do santuário, que era o equipamento mais importante, o centro religioso e político de uma sociedade teocrática, cujos chefes criam num *Deus* único, *Jeová*, porém, em sua grande maioria, eram adoradores de imagens, como disso é exemplo o bezerro de ouro, em cuja confecção se contou com a participação de *Aarão*, sacerdote, irmão de *Moisés*. Muito curioso é *Moisés* ter descido do monte, as duas tábuas da lei em seus braços, e, se deparando com a idolatria do seu povo, que, pelas mãos do sacerdote *Aarão*, irmão dele *Moisés*, não tenha este recriminado aquele. Fez, porém, em seguida, o que considerou ser a justiça do *Senhor*, pedindo que todos os que fossem do *Senhor* se aproximassem dele. E, então, assim fizeram os levitas, o maior deles, *Aarão*, e a todos eles *Moisés* mandou que pusessem a espada sobre suas respectivas coxas e saíssem, em cada tenda, e ali matassem a seu amigo, a seu irmão, a seu próximo e dessa matança resultou cerca de três mil mortos! Por isso se vê o poder da classe sacerdotal: não são os seus membros, os levitas, portanto os da *Tribo de Levi*, afeitos à negação do ócio nos negócios sobretudo pecuários; contudo, centralizam o poder da adoração a *Deus* no sistema dos sacrifícios e dos dízimos que hão de ser devolvidos a *Deus* e por eles levitas unicamente devem ser administrados.

Foi nesse mar de sangue que eu sacerdote vivi naquele clima e naquele sistema de vida de deserto, uma vida sob tendas, e que, durante os dias, *Deus* as protegia com uma nuvem que as cobria e, durante as noites, eram protegidas e iluminadas com uma coluna de fogo. Mas esse mar de sangue era próprio apenas aos de uma tribo, a tribo de *Aarão*, de *Moisés*, e de todos os filhos de *Aarão* que também eram sacerdotes. E permitiu que da *rocha* brotasse água, podendo tão somente dela se aproximar, mas, com certa ira, nela bateu com o seu cajado. Não se advertiu ele quem seria essa *rocha*. Ainda, quanto ao comer, produziu o maná, tal como uma espécie de semente de coentro que, todos os dias, caíam do céu, na medida certa para cada um. Não adiantava a ninguém colher a mais, pois apodrecia. E, para o sábado, como era o dia do *Senhor*, deixava o maná cair, na sexta-feira, em dobro, e não apodrecia, e dava para comer no sábado...

Já então em tempo mais avançado, quando vencido o tempo de deserto, em quarenta anos, a terra prometida apareceu propícia, mas dela *Moisés* apenas se aproximou e nela não entrou, tendo morrido no monte *Nebo*, para depois ser ressuscitado e ter o seu corpo reivindicado por Satanás, por considerar este que ele foi pecador e, sendo pecador, ele era de Satã e não de *Deus*, tudo isto bem registrado na Epístola de capítulo único de *Judas*, versículo 9, em que *Miguel* contendeu com ele, sem, contudo, lhe impor juízo de maldição, apenas dizendo: o *Senhor* te repreenda. Sim, como dizia, já então em tempo avançado, o sacerdócio de *Aarão*, aquele que se processava em estado tribal e de mobilidade constante, no deserto, por quarenta anos, morando todos em tendas, o sacerdócio de *Aarão* foi se estilizando, com a chegada do povo na terra prometida, ali se estabelecendo, construindo casas, até que se chegou ao tempo da construção de um templo, tempo em que o sacerdócio já se tinha transformado em sacerdócio *dauidico*. É possível que esse sacerdócio se guiava pelos ensinamentos dos livros do *Pentateuco*, *Êxodo*, *Levítico*, *Números*, *Deuteronômio*, contudo nos parece que a sede de sangue dos sacrifícios não trazia consigo a aceitação de carnificina como aquela protagonizada por *Moisés*, *Aarão* e os filhos deste. É certo que sabemos de uma carnificina deste tempo, quando *Davi*, que teve prometida a filha de *Saul*, de nome *Mical*, como dote, se submeteu ao capricho de *Saul*, que lhe pedira os prepúcios de cem filisteus

sacrificados, em guerra, por *Davi*, sendo que, ao invés de cem, *Davi* lhe entregou, bem contados, duzentos prepúcios!

A mudança de sacerdócio pode ter suavizado o clima de tanto sangue de sacrifício, pois já então com a chegada dos profetas, o culto e os ritos devem ter passado de refinamento quanto ao sentido do propósito do pecador não residir apenas nas suas posses, pois assim haveria os que não podiam ter expiação pelos seus pecados, à vista de não poderem ter o animal para ofertar em sacrifício. Sim, porque a sociedade judaica, iniciada com *Abraão* e o filho *Isaque*, com *Jacó*, que se passou a chamar de *Israel*, com os seus doze filhos, que, depois, cada um deles tornou-se uma das doze tribos, essa sociedade foi crescendo, até se estabelecer em cidades, como *Jerusalém*, *Belém*, etc.. Então, aquele sacerdócio inicial, de *Aarão*, só podia mesmo ganhar uma nova roupagem, o que aconteceu com a participação dos profetas, sob a influência dos reis, principalmente o rei *Davi*, daí se chamar de *davídico* esse sacerdócio, que veio a ser concretizado no templo construído pelo seu filho, o rei *Salomão*, e daí por diante.

Agora me imagino o sacerdote ou mesmo o sumo sacerdote não mais do tabernáculo erguido no arraial, mas aquele que oficia no *Templo*, ali onde também se estabeleceram os mesmos ambientes que reprisam o *Tabernáculo*, no deserto. Vivo imprensado entre os ensinamentos de profetas, tantos deles inspirados a uma espécie de sacrifício que atenua a sede de sangue de uma sociedade impregnada desse sangue, mas já tinha a noção-limite, tanto que um desses profetas revelou e assim acolheu a dimensão espiritual em *Jesus de Nazaré*: "Ide e aprendei: não quero sacrifício, mas misericórdia quero, e o conhecimento acerca de mim".

Ah, que alívio na missão sacerdotal em que me imagino, agora em tempo mais adiantado, numa sociedade judaica, teocrática, onde o fumo decorrente do sacrifício escorria pela chaminé do *Templo* e agora me aparece um estado de coisa dizendo-me que o sistema instalado, religioso, social, econômico e político, me infundia garantia de uma tranquila sobrevivência, agora mesmo na linha política, e mesmo na condição de dominado de um império (romano) que tinha lá o seu interesse político e econômico e que tolerava muito bem a questão religiosa. Era mais interessante que *César* recebesse realmente o que era dele e se deixasse a questão religiosa em poder daquele sistema do qual eu me imaginava o seu representante legítimo.

Eis que um homem era um jovem que não era rico, mas era da família de religiosos, de pessoas ligadas ao sistema religioso em voga. Aliás, a sua mãe, *Maria*, hoje tão festejada e difundida em santuários espalhados no mundo inteiro, esse homem foi, dentre todos os homens, o único totalmente iluminado e, apesar disso, foi carne na qual não residia o poder, mas essa carne ela se tornou residida da plenitude do espírito, pela força do *Santo Espírito*. Eu sacerdote, então, por causa da "conquista" de sua carne e de (sua?) performance, em espírito, cedi lugar e saí de cena e deixei de ser o sacerdote e o sumo sacerdote que o fui durante séculos e milênios.

Mas veja, leitor, leitora, como, no curso do tempo, aquele que, no *Céu*, batalhou contra *Miguel*, que perdeu e foi, por amor de *Deus*, precipitado na terra, para dominar a tudo e a todos, enquanto de terra se prevalecesse, aquele em relação ao qual até mesmo esse tal que hoje é sacerdote eterno, por ter vencido a *Lúcifer*, sem precisar, para tanto, de sangue derramado, sem precisar de sacrifício, precisando, portanto, só de amor e de entrega, até mesmo esse tal, como dizíamos, misturando e separando a variante do *crístico* atuando na sua carne, se vê que por essa tal variante ainda deixou escapar uma ilusão a *Lúcifer* em ver prevalecente o seu poder na Terra. Mas tudo não passou de ilusão, porque, no final, se teve a sua redenção, indubitavelmente. Então, se

todos, até aqui, se têm envolvido nos sacrifícios e por isso submetidos à estratégia de Lúcifer, inclusive eu e você, leitor, inclusive o pastor que está agora pregando num programa de televisão a que estou assistindo enquanto vou escrevendo, todos, sem exceção, no ontem, e, sem exceção, no hoje e, sem exceção, no amanhã, seremos infelizmente propícios às estratégias de Lúcifer, até que, enfim, nos tornemos, efetivamente, os que amam a *Deus* plenamente de verdade, fazendo prevalecer a vontade dele, não a de Doriel, não a de Severino, não a de ninguém, senão a de *Deus*. Queira, pois, leitor, amar mais a Deus do que ao oxigênio que você respira. Sim, comece com a sua vida, vida de terra e, depois, se entregue, em espírito, que se não confunde com a realidade de sua carne....e, então experimente não somente, mas sinta efetivar-se, com resposta inevitável em sua carne, ao novo nascimento, diferente daquele que resultou da saída da barriga de sua mãe.

Aquele que hoje é sacerdote da ordem não de *Aarão*, nem da ordem *davídica*, mas, sim, da ordem de *Melquisedec*, e que assim dessa ordem o é por ser infinito e eterno, habita o santuário do céu, assentado junto ao trono de *Deus*, enquanto cada homem filho de mulher com vida nesta Terra, por ser terra e enquanto de terra não se livra das influências do poder de Lúcifer, em suas estratégias, como aquela carne do que se tornou sacerdote eterno também se deixou influenciar, simplesmente porque também era carne. Venceu a Lúcifer, deixou este decepcionado, quando alcançou o máximo de amor a *Deus*, quando disse "*Não seja feita a minha, mas a tua vontade, Pai*".

Ora, desde quando *Moisés* falou com *Eu Sou*, no monte *Horebe*, que se manifestava num fogo que ardia na sarça, sarça essa que se não consumia, desde então *Moisés* teve o privilégio de uma visão de *Deus*, mas se curvou. Depois, em sintonia com a cultura do sacrifício, passou a *Aarão*, seu irmão, sacerdote, os ensinamentos da adoração de *Deus* com sangue em tabernáculo, e ele só tinha nessa parte olhos de carne, tanto que não pôde ver como, sem se dar conta, ele estava mergulhado nesse mar de sangue, o qual nunca jamais poderia e deveria ter parte com *Deus*, mas pura estratégia de Lúcifer. Dessa estratégia foram vítimas todos quantos se imbuíram da necessidade de sacrifício de sangue, inclusive o filho de *José* e de *Maria*, inclusive este escriba, mesmo imaginariamente se imaginando sacerdote, exatamente quando, porventura, submetido a uma cultura religiosa da época de sua histórica existência, naquela sociedade teocrática, em que se esperava um *Messias* como cordeiro de sacrifício de *Deus*, que absurdo!

O que importa é que, sendo da ordem de *Melquisedec*, se é da ordem da Paz e da Justiça, pois esse é o sentido que imprime verdadeiro intercessor sem necessidade de sangue, como sacrifício. E, óbvio, o filho de *José* e de *Maria*, traspassada a condição de carne, com o novo nascimento dele que o fez separado, santo, tão santo quanto é o *Senhor*, não precisou da condição de cordeiro, como disse João que ele o era, para conseguir não por carne, mas por espírito, se tornar o nosso intercessor no santuário do céu. Lamentável é que, por seus anunciadores, os evangelistas, se tenha o registro de quão submisso ficou ao ensinamento do seu povo, assumindo-se vítima, cordeiro sacrificado, mesmo que apenas como memória, ficassem todos obrigados a um ritual de corpo e de carne morta e de sangue de sua morte, quando ele mesmo terminou dizendo que a carne para nada aproveita e não aproveita mesmo (João, 6, 63). O que aproveita é a força do espírito, em espírito ele se manifestando e nascendo de novo, uma nova vida de eternidade e de infinitude, junto ao trono de *Deus*. Nisto e com isto, ele deixou Lúcifer estatelado, ao chão, irrecuperado para todo o sempre de sua empáfia de dono e conhecedor das coisas do mundo. Coitado! Então, é fundamental que se tenha todo o cuidado com a carne e o sangue, mesmo que estes sejam trazidos à cena, em *Missas*, toda vez que se procure privilegiar a memória do filho de *José* e de *Maria*, memória que se não deve relegar, jamais!

Permaneça ele, então, *sumo sacerdote* no *santuário do céu*, sem necessidade essencial do seu pontificado em cenas de sangue, com o vinho, e em pão como se sua própria carne. Assim me alívio inteiramente daquele sacerdócio que me imaginava sendo um seu representante, com mãos tintas do sangue dos touros, dos bezerras, dos carneiros e dos bodes e das rolas... Longe desses sacrifícios ele é sacerdote eterno da ordem do rei da Paz e da Justiça, o rei de *Salém*, que é sem genealogia, *Melquisedec*. E assim eu o vejo, em carne e em sangue, sim, transformado pela última trombeta, ressurrecto, antecipado ao eclodir final escatológico, como o *Cristo*, o *Unigênito*, a *Segunda Pessoa* da *Trindade*, enfim, eu o vejo com os (meus?) olhos de *Espírito*, como o próprio *DEUS!* Esses olhos, então, hoje, riem daqueles olhos de carne meus que me viam paramentado como sumo sacerdote, a mitra na cabeça, o éfode sobrevestindo a túnica, o peitoral e as pedras incrustadas e suas significações, tudo isso, enfim, sem sentido e sem significado algum para ninguém, pois o que vale é o sacerdócio eterno de *Melquisedec*, presente na *Redenção* de *Jesus* de *Nazaré* como o *Cristo*.

Despi-me, já, integralmente, das vestes sacerdotais, mas vejo no mundo tantos quantos ainda de vestes há que delas se utilizam, para celebrar o sacrifício, mesmo que seja para realçar a memória do filho de *José* e de *Maria*. Todos quantos perseguem esta senda, coitados, estão, ainda, sob a estratégia de *Lúcifer*, o qual vive a rir e a sorrir de todos os homens que ainda não se desgrudaram de sua realidade de carne. Na verdade, só os que têm os olhos de espírito despertos em grau máximo podem se aproximar do trono de *Deus* e verem com esses olhos de espírito que ali, de modo permanente, vencedor do mundo, está o *Cristo* que os olhos de carne do mundo não podem ver nem obter a intercessão pelo perdão de pecados.

Que bom é *Deus*, que prometeu e fez o mundo juntamente com o seu *Unigênito*, tendo este, encarnado e mesmo fraco nessa parte, por natural, mostrado a *Lúcifer* que ele é realmente em espírito poderoso, tanto quanto *Deus!*

E a chave de ciência divina para isso está nesta sentença, de cujo realce nunca se deve prescindir:

"não seja feita a minha, mas a tua vontade, Pai!"

Sim! Em *Getsêmani*, ele se rendeu à vontade de *Deus*, entregando-se por amor e nunca por sacrifício. Este, o sacrifício, é que, após a sua entrega, por parte dos homens e, nunca, por parte de *Deus*, veio a se consumir no *Gólgota*. E é tão claro que esse e nesse *Gólgota* estava lá, sorridente e feliz, o astucioso *Lúcifer*, como assim continua ele junto a quem vem priorizando o *Gólgota* no lugar do *Getsêmani*, no curso do tempo.

O que *Lúcifer*, o que o diabo não quer, e muito luta contra, é que se faça a vontade de *Deus*. Em *Getsêmani*, exata e precisamente, da boca de carne de um *Adão*, saiu a sentença sentida em espírito residido naquela carne, com ela fazendo o inimigo de *Deus* caído e estatelado ao chão, sem forças, para com aquele que determinou e se determinou à exclusividade agradabilíssima a *Deus*, mediante a qual exibiu pleno conhecimento e intimidade natural de quem é Filho de um Pai. Esse "fenômeno" pegou *Lúcifer* e o amarrou, em definitivo, por ele e exclusivamente por ele, o Homem de *Nazaré*, de tal modo que a sua carne residida pelo Eu integrado à Divindade fez resultar na vitória em vida que, apesar do quadro doloroso que a isso se seguiu, impingido por malvados homens, não se pode dizer que sentiu efetivamente essas dores, porquanto se dera, com a ruptura da plena obediência a *Deus*, o consumativo escatológico transformador de carne e de sangue em

irrealidade poderosa que não pode, como não pôde, repousar em túmulo, após o Grandioso Domingo, Dia do Senhor.

"não seja feita a minha, mas a tua vontade, Pai!"

E essa vontade, é bom dizer, não tem base nem na carne nem no sangue, muito embora nestes residida; essa vontade se realiza no sentido de que se perfaça, em espírito, o **conhecimento** acerca de Deus, sem holocaustos, sem olvidar, também, a Divina Misericórdia. E foi nesta e desta vontade que o Eu residido em Jesus gozou a vitória sobre a "morte" das ilusões deste mundo, desapontando a Satanás e agradando a Deus, permanecendo, no santuário Celeste, como Sumo Sacerdote, o qual intercede por quantos em espírito possam, em espírito, alcançar Novo Nascimento, nova criatura, pois ele é Rei de Salém, de Justiça e de Paz, Sacerdote Eterno da ordem de *Melquisedec*, ele é o Cristo assumido em Jesus, Cristo-Jesus ou Jesus Cristo, Filho Unigênito de Deus, Segunda Pessoa da Trindade Divina.

Amém!

...

- Viu, leitor, leitora, que pouco importa a sua descoberta de olhos de carne: esse Sacerdote o é, eternamente, mesmo que esses seus (e os meus) olhos de carne não o possam ver.

36

**COMO É FILHO, IMPOSSÍVEL É TENTÁ-LO,
POIS É ETERNO, É INFINITO**

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Deus bem disse a Terra, no ato de criar, por meio da Palavra (*fiat*), sendo ela, a Terra, **bendita** (Gênesis 1, 1). E o mesmo Deus mal disse do ato de criar a Terra, por meio da Palavra, passando ela, pois, a ser **maldita** (Gênesis, 3, 17), isso por causa da desobediência do pó feito homem; homem que tem o sopro divino em suas narinas e que isso o faz alma vivente.

Vivia o homem uma vida de tranquilidade no Jardim do Éden (o Paraíso), com a liberdade de escolher entre conhecer ou não conhecer o bem e o mal, aquele mesmo bem com o qual Deus bendisse a Terra e aquele mesmo mal, mediante o qual Deus a maldisse.

Portanto, o mal, misteriosamente surgido no Céu, por meio do anjo de luz, Lúcifer, Deus, por amor, o precipitou para a Terra; em face da desobediência de sua criatura excelente - o homem - tornou o que fora o bem de um dito, desde a sua origem, em um mal de um dito; mal, cuja semente vem perdurando a sua germinação até agora e persistirá até a consumação do século, com tantos e tantos males que se vão enfileirando no exército de Lúcifer, no inferno, que é a própria Terra.

Aliás, a Terra, como pastagem das enganações de Lúcifer, em seu todo, todo integral, sem exceção nenhuma (Apocalipse, 12, 9), já estava complicada com a presença desse ser maligno, precipitado que ele tinha sido para ela, após derrotado na guerra que, no Céu, travara com Miguel, e perdera. Agora, além dessa presença, o ser excelente de Deus, o homem, caíra, justamente por conta do artifício enganador de Lúcifer, quando transformado em serpente falante.

Foi por conta dessa opção de Adão e de Eva, rendendo-se ambos ao anjo de luz do mal, Lúcifer, transformado em falante-serpente, foi por conta dessa opção de Adão e Eva - dizíamos - que Deus, o qual bem disse ao criá-la, terminou maldizendo a Terra, por conta da desobediência de Adão, isto é uma repetição do que já foi dito, mas não se deve cansar em repetí-lo, jamais; tanto que ainda acrescentamos que a Terra já andava complicada, com a presença de Lúcifer, para a qual ele fora precipitado, vivendo a rodeá-la (Jó, 1,7); ele que é a personificação do mal; mal, portanto, do qual Deus se utilizou, para maldizê-la. E que por isso também está dito na 1ª Epístola de João, no versículo 19, do capítulo 5, o seguinte: "Sabemos que somos de Deus, e que todo o mundo está no maligno".

Uma vez, porém, considerada maldita a Terra, a presença divina, no homem, que é o Eu, que é o sopro divino que o faz alma vivente e, além disso, a árvore da vida, guardada no Jardim do Paraíso por querubins e por uma espada flamejante, por conta disso tudo Deus nunca deixou fechada, ao homem, que é o seu seu habitáculo, a porta, por meio da qual ele homem pudesse se recompor, de sorte a poder se manter no estado de obediência, que é o elemento principal e

fundamental, pelo qual ele suplanta a Satanás, este que advoga, sempre, perante Deus, a fraqueza do homem como um desobediente.

Desde o início, Deus permitiu ao homem que ele recuperasse não tanto o Paraíso, mas o Céu, onde é o seu Trono. A porta sempre existiu para um comportamento afinado do homem com Deus e também para a adoração dele para com Deus. Ainda no Paraíso, quando ele se manifestou em criação, esperou que o homem não somente dissesse, mas vivesse esse auto-consentimento: "**não seja feita a minha, mas a tua vontade, Pai**". A vontade do Pai, a vontade de Deus era que o barro não **comesse do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal**. Para isso, ele teria tão somente de obedecer. Veio, entretanto, a desobediência e, com ela, a queda. O barro **caiu**, mas com ele **não caiu** o traço divino no homem, o Eu, o sopro de Deus. A ruptura entre o barro e o Eu provocou a morte para quem era imortal. Só, então, o novo nascimento, o nascimento em espírito, que foi permitido, desde logo em seguida à queda, ao homem o reabilita, em espírito, na comunhão com Deus. Esse novo nascimento se dá mediante o consentimento em fazer a vontade de Deus. E essa vontade que, antes da queda, resumia-se a que se não comesse do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, agora se ampliava em exigência moral, embutida no caráter de Deus, sendo, depois, normatizada na revelação do código moral dito a Moisés, em tábuas de pedras escritas pelo dedo de Deus, mas, em verdade, existente, moralmente, desde o momento seguinte ao da queda; código esse dividido nos mandamentos da relação dos homens para com Deus e nos das relações dos homens para com os homens. Até que essa codificação foi, enfim, resumida e aperfeiçoada por Jesus de Nazaré, num nivelamento de espiritualidade tão extenso, que fez com que ele exibisse, em sua carne, a força de espírito do próprio Filho Unigênito de Deus, que é o Cristo, fazendo sua carne sem nenhuma referência tumular. E ele, em vida, morrendo das ilusões do mundo, expressou e viveu aquela frase de exigência de um auto-consentimento: "**não seja feita, Pai, a minha vontade, mas a tua**". Sim, amou a Deus com toda a sua força, com todo o seu entendimento, e a si mesmo também amou, num amor aplicável e aplicado, operável e operante, ao seu próximo. Isto fez, realmente, Satanás torcer o nariz de tanta indignação, porque, como sendo ele o rei da enganação, não conseguiu subjugar o barro tomado do espírito pronto de Deus, do seu Filho manifestado por expressão de amor e de complacência no ato de criar.

É pena que nesse "**não seja feita a minha, mas a tua vontade, Pai**" os homens tenham desvirtuado a adoração a Deus em sacrifícios, primeiro sacrificando animais e, depois, em pseudo-avanço, para eles, ainda hoje vivendo em celebrações de uma morte ignominiosa, como foi a de Jesus de Nazaré, como sendo ela o sacrifício em substituição às degolas dos coitados animais, novilhos, cordeiros, pombos, rolas. Não veem, não enxergam, não alcançam os homens que nisso se encontra nada mais nada menos que a estratégia **contínua** de Satanás, que **continua**. Não enxergam que a vontade de Deus, em ter plenamente conhecido o seu caráter, pelo homem, um Adão, num jardim (*Éden*), **caiu** ante a tentação de Lúcifer e outro Adão, também num jardim (*Gtsêmani*) **não caiu**. Aquele foi um desobediente; este, um obediente. E numa obediência muito mais difícil do que a exigida ao primeiro Adão, pois este vivia num Paraíso, num estado de inocência, com alma imortal, desde que obediente. Já a obediência deste outro Adão passava pela cobrança de Deus que, por haver libertado os Adãos da escravidão, simbolizado em Egito, lhes impôs exigências, chamadas de mandamentos, num total de dez. Importante é frisar que essas imposições só tiveram lugar quando a libertação era já uma realidade, se bem que sofrida do sofrimento de uma lenta marcha de quarenta anos no deserto de provação, antes da conquista da terra que mana leite e mel, Canaã. Essas exigências de Deus, umas que deveriam ser obedecidas pelos Adãos em relação a ele Deus e outras que deveriam ser obedecidas pelos Adãos em relação a si mesmos, foram fielmente cumpridas pela carne desse outro Adão especial; um Adão especial, por haver ele nascido de novo e,

nesse e, por esse nascimento, tendo atingido um nivelamento de espiritualidade tão grande, que, indagado sobre quem eram seu pai, sua mãe e seus irmãos, disse que estes eram Deus; um nivelamento de espiritualidade tão grande, que transformou água em vinho; um nivelamento de espiritualidade tão grande, que multiplicou cinco pães e dois peixes para alimentar mais de cinco mil pessoas; um nivelamento de espiritualidade tão grande, que andou sobre as águas; um nivelamento de espiritualidade tão grande, que ressuscitou Lázaro e o filho de uma viúva da cidade de Naim; um nivelamento de espiritualidade tão grande, que curou cegos e aleijados; um nivelamento de espiritualidade tão grande, que propiciou uma pesca milagrosa; um nivelamento de espiritualidade tão grande, que expulsou demônios de um endemoniado; um nivelamento de espiritualidade tão grande, que desafiou escribas e fariseus e a Anás e a Caifaz e a Herodes e a Pilatos do poderio institucionalizado deles; um nivelamento de espiritualidade tão grande, que, tentado por Satanás, disse: "afasta-te de mim, nem só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus"; um nivelamento de espiritualidade tão grande, que, ainda tentado por Satanás, disse: "também está escrito: não tentarás o Senhor teu Deus; um nivelamento de espiritualidade tão grande, que, mais uma vez tentado por Satanás, disse: "ao Senhor, teu Deus adorarás, e só a ele servirás"; um nivelamento de espiritualidade tão grande, que disse "eu e o pai somos um". E basta, fiquemos por aqui, para não sermos cansativos, pois as provas quanto ao seu nivelamento de espiritualidade são muitas, realmente. E o que se sabe é que, apesar desse nivelamento de espiritualidade, mataram-no.

Esperem, leitores, leitoras, eu disse mataram-no, mas deixem que esta carne cuja ponta de um dedo vai digitando num *tablet*, deixem que ela possa ser honesta e, sendo assim, possa dizer que esse sujeito indeterminado precisa ser definido a partir do mim desta minha carne, que é partícipe, também, de uma crucificação que se perpetua, já que ela não tem nivelamento de espiritualidade nenhum. É como um traste, uma coitada, uma desqualificada. Porque ela é incapaz de dizer a Deus que o ama acima de todas as coisas; porque ela é incapaz de colocar Deus no lugar de seu pai de carne, de sua mãe de carne, de seus irmãos de carne; porque ela é incapaz de transformar água em vinho; porque ela é incapaz de multiplicar cinco pães e dois peixes para alimentar mais de cinco mil pessoas; porque ela é incapaz de andar sobre as águas; porque ela seria incapaz de ressuscitar Lázaro e ao filho da viúva da cidade de Naim; porque ela é incapaz de curar cegos e aleijados; porque ela é incapaz de propiciar uma pesca milagrosa; porque ela é incapaz de expulsar demônios de um endemoniado; porque ela é incapaz de desafiar escribas e fariseus e a Anás e a Caifaz e a Herodes e a Pilatos do correspondente poderio institucionalizado deles, no mundo de hoje; porque ela é incapaz de resistir às tentações de Satanás; porque, enfim, ela jamais pode assumir essa divina comparação: "eu e o Pai somos um".

Portanto, terra mal dita, da qual brotou um Adão, antes de ser assim declarada, muito embora, no tempo desse brotar, Satã já estivesse a rodeá-la, não respeitando, até mesmo, o jardim onde Adão foi colocado. Mas, nesse Adão, como em quaisquer outros que lhe seguiram, agora nascidos de mulher e mediante dores de parto, Deus nunca deixou de assisti-lo com presença divina interior, transcendente, em que pese imanente. E é nessa e por essa centelha de Deus (o Eu) que qualquer ser nascido de mulher pode nascer de novo. Se não nasce e permanece, em batalha, em posição diametralmente contrária a Deus, é discípulo da arte de enganação de Satanás e estará perdido, por certo, muito embora sua enganação seja *contínua* e *continua* até o final da dessa grandiosa batalha, na qual perecerá de vez. Mas se nasce, com certeza não é da carne que nasce, mas é do espírito e em espírito que deve nascer. E essa batalha, essa guerra que começou no Céu, mesmo com Lúcifer perdedor, *continua* e é mesmo *contínua*. Como *contínuo* não posso dizer em relação ao espírito, ao Eu, que é manifestação e presença de

Deus nos que são nascidos de mulher, como Adão; só posso dizer corretamente que são **prontos**. É, pois, uma mistura de barro e de espírito que só terminará na consumação do século. Mas a única exceção, até o presente momento, foi com relação à carne do homem Jesus de Nazaré. Este, face o seu nivelamento de espiritualidade, em revelação máxima, se fez antecipado ao eclodir escatológico, tanto que ficou sem nenhuma referência tumular, já foi dito isso, mas não custa repetir.

Assim, vou digitando no meu *tablet* a letra morta das **palavras de homem**, enquanto a **palavra verdadeira** é a que conta, pois ela criou, depois, precisamente, do desafio de Lúcifer. E Lúcifer, em que pese perdedor, por amor foi precipitado justamente para onde? Para a Terra que Deus com o Filho Unigênito e o Santo Espírito resolveram criar, num resolver que não cabe à *finitude* de quem ora escreve se meter num desígnio que é só deles e que não comporta que nele ninguém se intrometa... nem indagar por que ele é trino e uno ao mesmo... tempo? Que tempo, pois pequeno é esse tal que flui sem cessar e que não se tem como parar? Mais importante, importante?, ora deixemos de adjetivações, eterno e infinito, eterno e infinito, eterno e infinito... concludo sem pretensões de *infinitude*, para mim, obviamente! Eterno e Infinito, respectivamente, sem sempre, sem tamanho humanos; basta dizer e intuir, intuir, intuir... Eterno... Infinito... Enfim, como é Filho, impossível é tentá-lo, pois é Eterno, é Infinito...

37

A SOPINHA DE LETRINHAS E A SÍNTESE*(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)*

Uma sopinha de letras, eu já não digo assim, porque não é mesmo uma sopinha, como algo no diminutivo, pois, em verdade, foram muitas as letras até agora escritas, postas em forma de cunhas em tijolos de barro, em pergaminhos, em papel e até mesmo gravadas em alguns metais. Tudo para dizer o que faz sentido, como se, em não tendo sido dito, o que faz sentido deixasse de assim fazer. É que por mais que o homem engrosse a sopinha de letras, como alguns dizem, aquilo que faz sentido permanece inalterado em sua essência. Eu leio tanta coisa, de Mahabarata, Bíblia e Alcorão, por exemplo, tudo procurando, pela arte do homem, mostrar o que faz sentido. E tudo em vão. Dispense, então, leitor, esses referenciais e veja que o que faz sentido continua fazendo sentido, mostrando, então, que ele tem existência independente do que o homem procura botar nos trilhos de uma linguagem sua. Não se vai dizer que não exista, nessa tentativa, uma boa margem de acerto. Claro que ela existe e guarda lá a sua importância. Também o mundo seria pior, se não contássemos com ela. Cabe, porém, refletir sobre a necessidade de criticar e de pôr em xeque toda essa sopinha até agora posta a cozer e a nos coser os retalhos de pensamentos. Eu mesmo estou agora a pensar em botar mais letrinhas nessa sopinha... Que presunçoso eu sou! Já não bastam os tantos outros presunçosos que surgiram, que surgem agora (como está acontecendo comigo, agora) e os que surgirão depois? O que faz sentido está posto, inabalável como uma rocha, intransplantável. E são em vão mesmo essas minhas letrinhas, qual sopa que se coze em fervura intensa, borbulhante; revestem-se elas de pensamentos, algo assim fragmentado, cujo cozimento fica dependente de um coser, de forma que se possa comparar a uma inteligência que está fora delas. Nunca isso acontecerá plenamente. O que faz sentido diverte-se (perdoem-me exibi-lo em antropomórfica ação), às gargalhadas, todos os dias, assistindo a esse festival de baboseiras, como este que agora estou a gerar. Então, gente, vamos parar de fazer sopinhas. O que faz sentido é o pensamento maior e que tem o nome de quem faz sentido e que todos sabem quem é. E todos quantos procuram defini-lo dão, inapelavelmente, com a cara na parede, porque definir significa pôr limites e estes ele não os tem. Então, vamos simplesmente dizer e reconhecer, sem letrinhas nem sopinhas, que a essência que ele é resulta de um querer dele, num verbo, portanto, que não está ao alcance de nenhuma criatura dada a fazer sopinha de letrinhas. Acho-me sem presunção alguma ao assim dizê-lo. Veja, leitor, veja, leitora, que assim o digo, embora terminando em sopinha de letrinhas para você, porém pelo fato de você estar em dimensão diferente da minha. Torço, entretanto, que você seja alçado ou alçada a um nível de espiritualidade tal, que possa entender que não trato de sopinha de letrinhas nenhuma. É que, em verdade, não sou eu, na essência, quem diz o que ora está sendo dito. Quem diz é aquele que faz sentido, dentro de mim, no interior de mim. Não, não pense que lhe será fácil investigar esse meu interior. Ser-lhe-á em vão pegar de um machado, abrir o meu corpo, estraçalhar a minha cabeça, na busca desse interior. Ele, apesar de potente, não tem existência sensível. É o intangível daquele que faz sentido, com pensamento grandioso e incomparável, que me faz, com generosidade, um trono de seu incomparável e indizível poder. Posso ainda dizer, sem letrinhas nem sopinhas, que esse poder é dele, porém a sua manifestação não é feita diretamente por ele, mas por um Filho. Não se engane, então, estou, apesar de parecer, sem sopinhas nem letrinhas, apenas sendo categórico em pedir que você desça para onde está o meu interior e se esforce para abandonar a idéia da investigação física. Aceite a certeza de que o Filho,

sem existir, tal como o que faz sentido, é, como num contrassenso, manifestação evidente para todos, todos os que fazem e os que não fazem letrinhas de sopinha. Ele é antes que um tal patriarca fosse. Epa, espere, deixe-me logo tentar explicar o que acabo de tornar em letrinhas de uma pretensiosa sopinha. O Filho do que faz sentido é tanto quanto o que faz sentido. Apenas, diferente deste, tem manifestação. Aparece como face revelada em todos os tempos e para sempre para tudo e para todos, sem exceção: brancos e negros e amarelos, ricos e pobres, sadios e doentes, bramanistas, budistas, judaístas, cristãos, muçulmanos, umbandistas... exagerei? Então, nem a marcha de um êxodo persistente, que pode conduzir a uma monotonia (judaísmo), nem a prostração de uma submissão, que pode apequenar (islamismo), nem a exagerada e incômoda postura introspectiva de uma meditação, que pode alienar (hinduísmo), nem a posição horizontal de uma morte conducente à verticalidade redentora de uma ressurreição, que pode salvar (Cristianismo); é preciso, sim, sem fundamentalismo, reconhecer que todos os citados meios de uma religião (religião) se encaixam e se completam e podem, pacificamente, coexistir; ou mesmo se pode admitir que não se encaixem nem se completem e, mesmo assim, nada muda, pois, mesmo assim, um poder soberano, quer queiramos ou não, nos domina e nos invade e nos governa a todos, indistintamente. Por isso, enquanto criaturas, enquanto seres finitos, pequenos, raquíticos, amolece-nos o ânimo e nos movemos até essa tal postura de uma prostração submissa. Contudo, enquanto nos vemos como Filhos de um Pai, esmorece-nos o desejo sobre a necessidade de uma busca, de uma marcha e de um êxodo e também da clausura de uma postura meditativa, porque enorme é a certeza de que esse Pai nunca seria um ausente, mas um Eterno e um Infinito presente e vivo e participativo em cada um de nós, quer queiramos ou não, pois tudo dele nos advém por pura graça, de graça! O que faz sentido é Amor e o seria, ainda, se, porventura, se concluísse, aqui, em sentido contrário! Portanto, o muito falar (como o fazemos agora) a pouca utilidade poderá conduzir e, por isso, vamos, com essa pretensa e inconsistente síntese, ficando por aqui, pois já temos, sobrando, muita sopinha de letrinhas...

Diz-lhes este livro, caro leitor, prudentíssima leitora:

Quando, um dia, num momento, ainda que seja um só momento, vocês, que suas mãos me sustentam, tiverem o alcance da minha essência, com certeza essas suas mãos sentir-me-ão como uma brasa viva e, logo, vocês cuidarão de me repassar adiante, a outrem.

PARA ANOTAÇÕES

